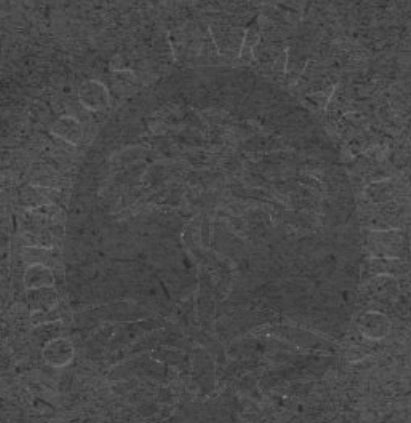
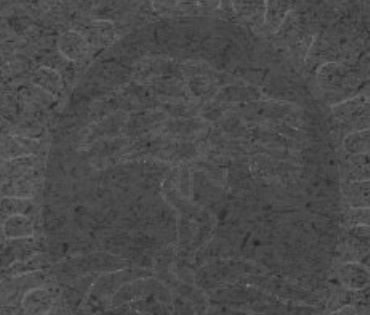


Centro de Documentação e Arquivo
da Ordem dos Farmacêuticos



1835

THE NATIONAL DIET LIBRARY OF JAPAN
1-1-1, Kojimachi, Chiyoda-ku, Tokyo 100, Japan

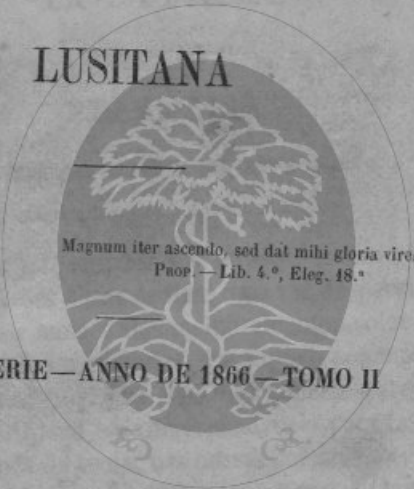


1835

Library of the Department of Botany
University of Cambridge

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA

LUSITANA



Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria vires
Puop. — Lib. 4.º, Eleg. 18.º

QUINTA SERIE — ANNO DE 1866 — TOMO II

Centro de Documentação Farmacêutica
dã Ordem dos Farmacêuticos



LISBOA
IMPRESA NACIONAL
1866



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

701801
BIBLIOTECA NACIONAL
1988

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA

PHARMACIA

CULTURA DAS PLANTAS QUE DÃO A QUINA

(Continuado de pag. 81 do 1.º tomo da 5.ª serie)

É com prazer que se pôde ver o nosso governo, nada indifferente a questões d'esta ordem, uma vez despertada a idéa na metropole por amigos dos melhoramentos coloniaes, dar logo as providencias necessarias, para que o nome portuguez breve se associe ao hollandez e ao inglez n'este util empenho.

O sr. dr. Welwitsch em correspondencia para Lisboa suscitou a lembrança de tentar nas nossas colonias a cultura das quinas. Essa lembrança foi logo, como merecia, devidamente attendida e levada ao conhecimento de s. ex.^a o ministro o sr. Mendes Leal, que logo depois deu as primeiras ordens para se obterem sementes. Uma porção chegou ha pouco a Lisboa, vinda da India hollandeza, e foi já distribuida. Comprehendinga trinta mil sementes da especie *Cinchona pahudiana*, Howard.

É porém de interesse evidente tratar de obter, não uma ou outra especie isolada, mas uma boa collecção de todas as introduzidas nas culturas inglezas e hollandezas, porque uma vez obtida esta variedade de sementes deve d'ella resultar a preciosa garantia, de que pelo menos uma ou outra especie, entre todas, se accommodará melhor aos climas novos, sob

que as vamos cultivar. Tanto mais o devemos fazer, que da especie cujas sementes se acabam de obter, ha infelizmente toda a rasão para não esperar uma producção de casca de valor comparavel sequer á das quinas soffríveis do commercio.

Tanto no catalogo de Mac-Ivor, como no artigo *The cinchona plant*, do Chamber's journal, a *Cinchona pahudiana*, Howard, vem desconceituada, e é aqui o lugar de dizer tambem, que esta especie *pahudiana* é a supposta *locumaeifolia*, introduzida em Java, como atrás dissemos.

O nome de *pahudiana* recorda o do governador de Java Pahud, e é certo que o sr. Howard, ao receber em Londres os exemplares que o sr. Junghuhn lhe remetteu, descobriu por elles, que as duvidas do director das plantações hollandezas eram mais que fundadas, e que a especie não só não era a *locumaeifolia*, mas constituia uma nova *Cinchona*, a que o sr. Howard, por querer prestrar homenagem ao distincto governador de Java, poz o nome, até então desconhecido nos catalogos de quinas, de *Cinchona pahudiana*, Howard.

Sendo isto assim, temos que as proprias analyses hollandezas estabelecem o pouco valor medicinal d'esta especie, porque mostram, como atrás se disse, que a proporção dos alkaloides, que a casca d'ella fornece, não passa de 0,4 0/0.

Temos pois todo o interesse em obter novas e mais valiosas qualidades de semente. Alem d'ellas poderá talvez convir, para a nossa India por exemplo, obter plantas dos relativamente proximos viveiros da serra de Neilgherry, ou de Ceylão.

Em seguida a acquisição de boas sementes ou plantas de todas as especies cultivadas, cumpre tratar da boa escolha das localidades, onde se deve ensaiar a nova cultura. Ha aqui logar para um interessante estudo meteorologico e botanico dos nossos climas coloniaes, tão variados como ricos, e para a sua comparação com os bem investigados climas dos Andes, terra classica das observações meteorologicas illustrada pelos trabalhos de Humboldt e Boussingault. Uma longa lista de naturalistas estrangeiros se póde citar, que têm contribuido valiosamente para a investigação das diversas regiões bota-

nicas das nossas colonias. Os nomes de Hochstetter, de Lowe, de Webb, de Welwitsch, de Petters e de Darrell, estão hoje, mais que todos, intimamente ligados aos das plantas dos Açores, da Madeira, de Cabo Verde, de Angola e Benguella, de Moçambique e da India portugueza. Encontram-se nas suas obras valiosas indicações botanicas sobre os climas das nossas possessões e suas variações com a altitude, que merecem bem attender-se por occasião dos primeiros ensaios de introdução das plantas da quina. Podem ellas esclarecer sobre um grande numero de pormenores importantes, taes como a escolha mais apropriada de especies para cada um dos nossos climas coloniaes, escolha de exposições e altitudes, etc.

Os elementos meteorologicos, ultimamente melhor investigados n'alguns dos nossos postos coloniaes, podem tambem concorrer utilmente para estabelecer comparações, não só com os climas da região das quinas, mas ainda com os de Java, da India ingleza e Jamaica, onde se acham as novas culturas.

Os processos seguidos nos viveiros hollandezes e inglezes, conhecidos e descriptos como estão, merecem ser levados ao conhecimento de quantos se interessam por ensaios de introdução das plantas da quina nas nossas colonias. A traducção dos melhores escriptos a este respeito, e a sua publicação, sendo obra de pouco vulto, preencheriam talvez do melhor modo o fim util de esclarecer os nossos cultivadores. Seria conveniente juntar-lhe curtas, mas boas indicações praticas sobre os extremos de clima a recejar para as novas plantas, as exposições e altitudes mais proprias para cada especie em cada um dos climas coloniaes, onde desde já se pôde tentar a sua cultura, pela fórmula por que isto tudo se pôde deduzir do estudo botanico e meteorologico, que atrás indicámos.

Adiante encontrarão os leitores o que pela nossa parte temos tentado fazer no sentido de concorrer para espalhar algumas uteis noticias.

As mais importantes, que até hoje sabemos terem sido publicadas sobre a cultura de cinchonas, são as seguintes:

Quanto ás plantações e sementeiras hollandezas

Fr. Junghuhn en J. E. De Vrij. De kina kultuur op Java. Batavia, 1860. — N'esta obra os auctores referem-se a um primeiro relatorio anterior, dão conta das especies cultivadas até áquella data, descrevem as reformas por que passaram as primeiras plantações mal dirigidas. Enumeram os resultados obtidos, dão noticia minuciosa e toda de interesse immediato para nós, dos processos de sementeira e plantação por elles seguidos, descrevem meteorologica e botanicamente as montanhas de Java, onde a cultura das cinchonas tem sido ensaiada. N'uma segunda parte apparecem por extenso as analyses das primeiras quinas obtidas em Java, de que atrás indicámos os resultados. Vem publicada no jornal das sciencias naturaes da India hollandeza, tomo XXI, que existe na bibliotheca da academia de Lisboa. D'ella fizemos o resumo que adiante se póde ver. Consta-nos tambem, que o sr. Junghuhn publicou em 1858 um interessante «guia ou instrucção para a cultura das cinchonas», que vem na revista industrial de Java.

De Vrij, China-Cultur in den niederl.-indischen Besitzungen. — Vem publicada no Archiv für die holländischen Beiträge zur Natur-, etc. Utrecht, 1863. Bd. III, 3. — Deve convir obter esta obra, que é como uma continuação da primeira, que sabemos ter sido publicada tambem em alemão.

Rochussen, Culture du quinquina à Java. — Noticia historica hollandeza, lida em Paris na sessão de 12 de dezembro de 1862, da *Société impériale Zoologique d'acclimatation*. — Vem publicada nos boletins da sociedade, tom X, n.ºs 4 e 5.

Quanto ás plantações e sementeiras inglezas

Mac-Ivor (William Graham), Notes on the propagation and cultivation of the medicinal cinchonas. Madras, 1863. Este folheto, recentemente chegado da India, dá uma excellente noticia das culturas inglezas em Ootacamund, compendiosa, mas ao mesmo tempo rica de informações. O auctor é o proprio director das culturas. Appareceu já traduzido em Goa pelo sr. Rivara no Archivo de Pharmacia.

Em varias publicações dos srs. Weddel e Karsten encontram-se interessantes noticias sobre o clima, e distribuição geographica das quinas. O commissario inglez Markham publicou tambem recentemente as suas viagens no Peru e na India, que devem conter informações de valor. A parte phytographica tem sido principalmente tratada pelos srs. Weddell e Howard, mas as duas grandes obras sobre quinas d'estes auctores não existiam até agora em Lisboa: acaba porém de se fazer a sua aquisição. São as quinas do Peru e da Bolivia, que n'ellas vem particularmente illustradas. Segundo o sr. Howard, as que se encontram para o norte do Equador tem sido melhor estudadas e descriptas pelo sr. Karsten, na sua obra «Floræ Columbiæ Specimina selecta, Berlim.»

Como fornecendo informações de vario genero sobre o assunto, devemos citar ainda os jornaes

Chamber's Journal, 31 oct. 1864, pag. 696;

Friend of India, 10 april 1862.—Este jornal de Calcuttá contém, segunda Rochussen, a relação da visita ás culturas de cinchona em Java, feita pelo commissario inglez dr. Anderson;

Pharmaceutical Journal and Transactions, june 1864, pag. 593, and july 1864, pag. 15-18 and 19.—Esta publicação, que se acaba de obter, traz novas analyses e trabalhos dos srs. De Vrij e Howard sobre as quinas obtidas em Java e na India ingleza.

Lisboa, 21 de dezembro de 1864.—*B. Barros Gomes*, engenheiro florestal.

(Continua.)

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 683 DA SESSÃO DE 29 DE NOVEMBRO DE 1863

Presidência do sr. Joaquim José Alves

Pelas sete horas e meia da noite foi aberta a sessão.

Na ausencia do segundo secretario occupou o seu lugar o sr. segundo vice-secretario.

Foi lida e approvada a acta antecedente.

Leu-se a lista dos objectos doados e deu-se conta dos seguintes officios:

Da sociedade de pharmacia argentina, com um diploma de membro correspondente para o sr. ex-presidente Antonio Joaquim Labate.—Recebido com prazer.

Da delegacia de Mirandella, dando parte do fallecimento do membro correspondente, o sr. Manuel Ribeiro de Abreu.—Recebido com muito pesar.

Da delegacia do Porto e de varios membros correspondentes, sobre assumptos da thesouraria.—Para o seu destino.

Do sr. Manuel Rodrigues, para que a correspondencia lhe seja remettida para Alter do Chão, onde está dirigindo o laboratorio pharmaceutico da misericordia da mesma villa.

Do posto meteorologico da cidade da Praia de Cabo Verde, com o resumo das observações do mez de setembro proximo findo.

Do sr. Antonio Joaquim Esteves, indicando o local para o qual lhe deve ser dirigida a correspondencia.

Um officio do ex.^{mo} director geral dos correios, que é como se segue:

«Ill.^{mo} sr.—Respondendo ao officio de v. s.^a, de 26 de outubro ultimo, em que me pede lhe indique o porte que deve pagar o jornal da sociedade pharmaceutica lusitana, remetto a v. s.^a a tabella dos portes das correspondencias, pela qual verá que o dito jornal, por isso que não contém mais de folha e meia de impressão, está, como todos os outros neste caso, sujeito ao porte de 5 réis, quando sellado, e ao de 10 réis, deixando de o ser.

«Deus guarde a v. s.^a Direcção geral dos correios, em 13 de novembro de 1865.—Ill.^{mo} sr. Joaquim Urbano da Veiga, secretario da sociedade pharmaceutica lusitana.—O director geral, *Eduardo Lessa.*»

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

ELEIÇÃO DE PRIMEIRO VICE-PRESIDENTE E DE PRIMEIRO OPERADOR
DA COMMISSÃO DE QUÍMICA

Foram eleitos por maioria de votos: primeiro vice-presi-

dente o sr. Lazaro Joaquim de Sousa Pereira, primeiro operador de chimica o sr. Joaquim José Alves.

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA

PROPOSTAS

O sr. *Jara* propoz para socio effectivo o sr. Manuel Pereira Barros, com pharmacia no Campo Grande. — Unanimemente votado.

O sr. *presidente* propoz o sr. Luiz Barata Diniz, residente na pharmacia Barral, para ser tambem admittido para a classe de membro effectivo. — Unanimemente votado.

Foram igualmente admittidos para membros correspondentes por unanimidade de votos os srs.:

Antonio José Pimentel, com pharmacia em Valle Passos, por proposta do sr. Veiga.

José Correia da Silva, com pharmacia em Arouca, districto de Aveiro, por proposta do mesmo senhor.

João Antonio da Silveira Ceia, estabelecido em Aldeia Gaviinha, concelho de Alemquer, por proposta do sr. presidente.

José Francisco de Oliveira, com pharmacia em Muge, por proposta do mesmo senhor.

O sr. *José Francisco da Silva*, membro correspondente, tocou em varios pontos de policia pharmaceutica, e mandou para a mesa a proposta seguinte:

« Proponho que a sociedade pharmaceutica lusitana requeira providencias á auctoridade competente, a fim de que sejam fechadas algumas boticas, que se acham illegalmente abertas, e são: Em Lisboa, uma na rua de S. Bento n.ºs 94 e 96; e no districto de Faro (Algarve), uma do sr. Joaquim Neves, em Lagos, e outra do sr. José Joaquim de Sousa, em Villa Nova de Portimão, outra em Moncrapacho, e finalmente outra em S. Bartholomeu de Messines, do sr. Manuel Mendes Correia Negrão. »

Dispensada a segunda leitura, entrou logo em discussão, na qual tomaram parte os srs. Tedeschi e J. D. Correia; por fim resolveu-se que o requerimento não fosse feito até que a sociedade obtivesse mais alguns esclarecimentos.

O sr. Tedeschi mandou para a mesa a proposta seguinte:

« Senhores: — Pela imprensa periodica acabo de saber que um deputado da nação portugueza apresentou á camara um projecto de lei tendente a subsidiar com pensões as viúvas e orphãos de facultativos que falleceram durante o periodo em que o paiz foi assolado pelas epidemias de cholera morbus e febre amarella. Esta proposta comtudo não falla, nem por incidente, nos serviços prestados [pelos pharmaceuticos, e consequentemente não são as viúvas e orphãos d'estes prestantes cidadãos contemplados com soccorro de qualidade alguma. Ora é bem sabido que a classe pharmaceutica não prestou ao paiz serviços inferiores aos demais membros da familia medica, e que portanto não devem ser esquecidos quando se trata de remunerar devidamente os serviços medicos, pensionando as viúvas e filhos dos pharmaceuticos que foram victimas das ditas epidemias: proponho pois, que se represente ao governo de Sua Magestade, para que quaesquer beneficios que se façam aos individuos da classe medica sejam extensivos aos da pharmaceutica. »

Esta proposta tendo sido declarada urgente, foi dispensada de segunda leitura, e foi approvada por unanimidade, ficando a mesa encarregada de redigir a representação e dar-lhe o destino conveniente.

O mesmo senhor mandou para a mesa outra proposta concebida n'estes termos:

« Proponho que esta sociedade promova a reunião de um congresso de todos os proprietarios e redactores de publicações litterarias e scientificas que se fazem no paiz, a fim de obter a reforma da lei dos correios no sentido de tornar gratuito o porte d'ellas, como já o foi por muitos annos em Portugal, e acaba de ser decretado em Allemanha. »

Ficou para segunda leitura.

O sr. Veiga propoz que a sociedade offerecesse aos socios que não tivessem a collecção completa dos seus jornaes os numeros de que carecessem, attento o grande numero d'elle^s

que existe em archivo e cuja venda se não realisa, reservando ella para si o numero que lhe parecer conveniente.

Assim se resolveu, ficando o sr. bibliothecario auctorisado a satisfazer as requisições que lhes fossem feitas.

O mesmo senhor propoz que fosse nomeada uma commissão com o fim de rever a correspondencia em que os socios respondem ao convite que lhes foi feito, para declararem se tencionam entrar para o monte pio e com quanto.

Approvada a proposta, procedeu-se á eleição da commissão e saíram eleitos por maioria de votos os srs. Veigã, Quadros e Gameiro.

Estando a hora adiantada, o sr. presidente encerrou a sessão, dando para ordem do dia da immediata a eleição dos cargos de vice-presidente e segundo operador da commissão de chimica, e apresentação de propostas.—O segundo secretario, *José Ribeiro Guimarães Drack*.

ACTA N.º 684 DA Sessão DE 15 DE DEZEMBRO DE 1865

Presidência do sr. Joaquim José Alves

Pelas oito horas da noite foi aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta antecedente e deu-se conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

Um officio do collegio dos pharmaceuticos de Madrid, com os diplomas de socios correspondentes para os membros da mesa, e pedindo que sejam propostos por esta, para membros correspondentes da sociedade, os individuos que compoem a junta de governo d'aquella corporação.

Da delegacia do Porto e de varios membros correspondentes, sobre assumptos da thesouraria.— Para o seu destino.

Do sr. Antonio Baptista Alves Leitão, agradecendo a sua nomeação de delegado da comarca da Covilhã, e dando parte de uma exposição regional dos districtos de Castello Branco, Guarda e Vizeu, a qual ha de realisar-se n'aquella villa em setembro ou outubro de 1866, e offerecendo os seus serviços

á sociedade ou a algum de seus membros n'aquella occasião.
—Recebido com agradecimento.

Do sr. Antonio Domingues Alvim, para que a sociedade requiera ao governo isenção da classe para os cargos de jurados, como incompatíveis com o exercicio da profissão, e em opposição ás leis de policia pharmaceutica.—Para se tratar em occasião opportuna.

Do sr. Antonio José Pimentel, agradecendo a sua admissão para membro correspondente.

Antes da ordem do dia o segundo secretario lembrou que se officiasse á sociedade de pharmacia de S. Petersburgo, pedindo informações do que se passou no congresso pharmaceutico de Baunschweig.

Passou-se á

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

ELEIÇÃO DE SEGUNDO VICE-PRESIDENTE E SEGUNDO OPERADOR
DA COMMISSÃO DE CHIMICA

Foram eleitos, por maioria de votos, os srs. Francisco Antonio Rosa, segundo vice-presidente, e J. U. da Veiga para segundo operador.

PROPOSTAS

O sr. *presidente* e o sr. *Rosa* propozeram para socio effectivo o sr. Filippé Manuel Pereira de Figueiredo, com pharmacia na rua do Arco do Limoeiro.

O sr. *Veiga* propoz para socio correspondente o sr. Bernardo Pereira Maia, com pharmacia em Cabeceiras de Basto.

Declaradas urgentes as propostas e postas á votação foram unanimemente approvadas.

Seguidas as formalidades do estylo, foram unanimemente votados, para a classe de membros correspondentes estrangeiros, os srs. D. Nemesio de Lallana (presidente da junta de governo do collegio pharmaceutico de Madrid), D. Juan Pedro Blesa, D. Juan Gualvento Talegon e D. Nicolás Mozeno, vogaes da mesma junta. E os srs. D. Nicolás Gomez Callejo e D. Juan Ruiz del Canno, secretarios, o sr. D. Augusto Lletget, thesoureiro, o sr. D. Francisco Inriquez, contador, e o sr. D. Thomás Pascoal de Miguel, fiscal.

O sr. *José Francisco da Silva* instou com a sociedade para que desse andamento ao objecto da proposta, que elle orador tinha feito na sessão antecedente, e prometteu augmentar a lista das boticas, a que se referira na sua proposta.

O *segundo secretario* pediu á commissão encarregada de rever as respostas ás circulares do monte pio, que fizesse os esforços possiveis para apresentar com brevidade o seu parecer, para que se pudesse adoptar alguma resolução salutar para aquelle estabelecimento, que estava muito longe de satisfazer aos fins para que fôra organizado.

Estando a hora adiantada, o sr. presidente encerrou a sessão, e deu para ordem do dia da immediata eleição de terceiro operador da commissão de chimica, propostas e pareceres de commissões. Eram onze horas da noite. — O segundo secretario, *José Ribeiro Guimarães Drack*.

ACTA N.º 633 DA SESSÃO DE 27 DE DEZEMBRO DE 1863

Presidência do sr. Joaquim José Alves

Pelas sete horas e meia da noite foi aberta a sessão.

Leu-se a acta antecedente, a qual foi approvada depois de um breve additamento.

Deu-se conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

Do sr. M. J. de Sousa Ferreira, pedindo alguns dos ultimos numeros do jornal da sociedade, para poder satisfazer as requisições dos membros que pertencem á sua delegacia. — Para se satisfazer.

Do sr. Eduardo Germano da Silva e Castro, socio effectivo, participando que ha mais de tres annos é victima de uma dolorosa enfermidade, que o impossibilita do exercicio da profissão, pedindo para ser riscado do quadro da sociedade.

Consultando o sr. presidente a sociedade sobre a resolução que se devia tomar, o sr. M. V. de Jesus pediu que o sr. pri-

meiro secretario fosse auctorizado a officiar ao sr. Silva Castro, testemunhando-lhe o profundo sentimento com que o seu officio foi recebido, e participando-lhe que a sociedade o continuava a considerar como seu membro, dispensando-o comtudo do pagamento das quotas.— Assim se resolveu, com o maior contentamento de todos os socios presentes.

Do sr. M. E. Gomes da Costa, pedindo alguns numeros do jornal, e indicando a via por que lhe devem ser enviados.

Do sr. Pereira Maia, de Cabeceiras de Basto, agradecendo a sua admissão na classe de membro correspondente, e pedindo esclarecimentos sobre o modo por que ha de haver alguns numeros do jornal.

O sr. *Francisco Assis de Araujo*, membro correspondente, que tinha sido apresentado á sociedade pelo sr. presidente, teve a palavra antes da ordem do dia, e agradeceu em um brilhante discurso a honra de ter sido admittido na classe de membro correspondente. Patenteou os mais ardentes desejos pela prosperidade da classe e prometeu esforçar-se, quanto podesse, para ver realizados os seus votos.

O sr. *J. D. Correia* pediu que se exarasse na acta a satisfação com que o illustre socio tinha sido ouvido pela sociedade, e como eram dignas de consideração as expressões que tinha proferido.— Approvado.

O *segundo secretario* apresentou na mesa um minerio para ser observado pela sociedade. Disse que tinha sido colhido na margem sul do Tejo, a pouca distancia da estação do caminho de ferro que fica fronteira á villa de Abrantes, e que, segundo o tinham informado, pertencia a um jazigo muito abundante, descoberto quasi á flor da terra. Referindo-se ás suas propriedades physicas ¹, classificou-o uma galena (Pb S), e mostrou desejos de que fosse remettida á commissão de chimica, para

¹ Brilho metallico, cor cinzenta e fazendo lembrar a do chumbo, grande densidade, crystallisação em cubos, que se destacavam facilmente com a ponta de um canivete. Os exemplares eram em massas perfeitamente homogeneas revestidas, apenas em alguns pontos, por uma leve camada de silicatos.

saber se continha prata em quantidade que podesse influir no seu valor commercial. — Assim se resolveu.

ORDEM DO DIA

ELEIÇÕES

Foi eleito terceiro operador da comissão de chimica, por maioria de votos, José Ribeiro Guimarães Drack.

PARECERES DE COMISSÕES

Teve primeira leitura o parecer da comissão encarregada de rever a correspondencia que diz respeito ao monte pio.

O sr. *Veiga* pediu ao sr. presidente quizesse consultar a sociedade, se lhe concedia ler uma proposta com declaração de urgente.

Consultada a sociedade, e resolvendo ella affirmativamente, o sr. *Veiga* leu o seguinte:

« Proponho que a sociedade nomeie uma comissão com o fim de tomar contas ao sr. thesoureiro do monte pio, e que essa comissão se reuna com urgencia a fim de que o seu parecer possa ser presente á discussão do parecer da comissão que teve hoje primeira leitura. »

Approvada.

Resolveu-se que a comissão fosse de tres membros, e foram eleitos, por maioria de votos, os srs. Quadros, *Veiga* e *Gameiro*.

Estando a hora adiantada, o sr. presidente encerrou a sessão, e deu para ordem do dia da immediata propostas e eleição de um vogal para a comissão de pharmacia. — O segundo secretario, *José Ribeiro Guimarães Drack*.

VARIÉDADES

O sr. dr. *Lino de Macedo* pede-nos a publicação do seguinte:

O sr. dr. *I. Poumet*, distincto archivista da sociedade anatomica de Paris, acaba de enviar-nos o regulamento da mesma

sociedade, e com o fim da distribuição do premio Ernesto Godard. Pede-nos ainda o illustrado medico de Paris a sua publicação nos jornaes medicos portuguezes; é o que vamos fazer agora, e mesmo com o fim de sermos uteis ao nosso paiz, que até hoje não tem este poderoso incentivo, não só em proveito da classe, mas até da humanidade paciente.

Eis o regulamento:

Sociedade anatomica de Paris. Regulamento para o premio Ernesto Godard. — Em sessão de 6 de janeiro de 1865, e depois de lido o relatorio pelo sr. Axenfeld, a sociedade conferiu o premio E. Godard ao sr. I. V. Labord, de Paris, auctor da memoria n.º 4, com os seguintes titulos:

1.º Lesão primitiva da espinhal medulla na paralytia (essencial) da infancia. Sua séde, sua natureza:

2.º Alterações secundaria dos musculos na mesma doença: nova especie de atrophia.

Tambem a sociedade conferiu uma menção honrosa ao sr. A. Sabatier (de Montpellier), auctor da seguinte memoria n.º 3:

Estudos anatomicos e physiologicos sobre os apparelhos musculares, correspondentes á hexiga e á prostata, em ambos os sexos. Foi este o resultado do primeiro concurso.

Segundo concurso. — O dr. Ernesto Godard deixou á sociedade anatomica no seu testamento, datado em Jerusalem, de 3 e 4 de setembro de 1862, um legado, que esta sociedade quer cumprir segundo a vontade do testador, adoptando nas sessões de 23 de janeiro e de 13 de fevereiro de 1863 o seguinte:

Regulamento. — Artigo 1.º Um premio com o nome de Ernesto Godard, seu fundador, ha de ser conferido de dois em dois annos, pela sociedade anatomica de Paris, ao auctor da melhor memoria sobre anatomia normal, sobre anatomia pathologica ou sobre teratologia.

Art. 2.º Será o premio de 420 francos.

Art. 3.º Podem concorrer a elle os francezes ou estrangeiros, que enviarem á sociedade: 1.º, uma memoria manuscrita ou impressa, e que diga respeito ás sciencias acima

mencionadas; 2.º, uma carta em que declarem que querem concorrer ao premio Ernesto Godard. As obras impressas devem ser enviadas em duplicado.

Art. 4.º Não podem entrar no concurso todas as memorias que tiverem sido impressas ha mais de tres annos, contando da epocha em que se der o premio.

Art. 5.º Não se admittem os trabalhos que, antes de fechado o registo da inscripção, fossem recompensados. Os candidatos devem declarar que o seu trabalho ainda não foi premiado.

Art. 6.º Não podem entrar no concurso nem os membros effectivos, nem os honorarios da sociedade anatomica.

Art. 7.º Apreciará o merito das memorias remettidas uma commissão de cinco juizes, que se escolherão entre os membros effectivos e honorarios. Esta commissão, que se nomeia por unanimidade na primeira sessão de agosto, deve ler o seu relatorio, quando muito, na ultima reunião do mez de dezembro seguinte. A sociedade, reunida por convite especial, deve tornar conhecido o resultado do concurso na primeira reunião de janeiro.

Art. 8.º Será conferido o premio pela segunda vez na primeira sessão do mez de janeiro de 1867, e ao depois na sessão do mesmo mez, e nos annos impares, 1869, 1871, etc.

Art. 9.º Se em qualquer anno não for conferido o premio, dar-se-ha no anno seguinte, isto é, n'um anno par, 1868, 1870, etc., não prejudicando todavia os premios dos annos impares, 1869, 1871, etc.

Art. 10.º Quer o concurso tenha logar em 1867, 1869, etc., ou em 1868, 1870, etc., será sempre no dia 31 de julho que o archivista da sociedade não deixará inscrever mais candidatos. O seu relatorio ácerca de inscripção deve ler-se na primeira sessão do seguinte mez de agosto.

Art. 11.º As obras enviadas á sociedade ficam-lhe pertencendo, mas os auctores das memorias manuscriptas podem tirar copia.

Disposições transitorias.— Sendo o premio Ernesto Godard conferido pela segunda vez no mez de janeiro de 1867, não se

admittirão no concurso proximo as memorias impressas antes do 1.º de janeiro de 1864.

Os individuos que desejem concorrer ao premio que ha de conferir-se em 1867, devem remetter, franco de porte, o seu trabalho, com a carta acima designada, ao archivista da sociedade, o sr. dr. Poumet, residente na rua Richelieu, 108, em Paris, e antes do 1.º de agosto exclusivamente, pois é este o termo de rigor.

Paris, 20 de janeiro de 1865. — O presidente perpetuo, *Cruveilhier*, professor da faculdade de medicina.

Nota. Lembrâmos aos concorrentes que devem escrever legivelmente os seus nomes, sobrenomes, titulos scientificos, residencia e rua.

Sobre a producção do melaço na extracção do assucar de beterraba, pelo sr. *Stammer*. — O auctor diz, que no numero das causas que fazem converter o assucar em melaço, é necessario comprehender a presença dos saes contidos na agua para esgotar as polpas. Propõe elle por consequencia, para lavar as polpas, utilizar o vapor condensado, proveniente dosapparelhos de evaporação.

Separação do potassio, do cæsium e do rubidium, por *M. Redetenbacher*. — O methodo indicado pelo auctor funda-se na differença de solubilidade dos alumens d'estes alcalis. Estes tres alumens são bastante soluveis na agua fervente; mas a 47º ha uma grande differença de solubilidade, emquanto que 100 partes de agua a esta temperatura dissolvem 13,5 partes de alumen potassico, e não dissolvem senão 2,27 partes de alumen de rubidium e 0,619 de alumen e de cæsium.

Morphina. — Segundo as experiencias praticadas pelo sr. *Gastivel*, pharmaceutico no Cairo, o opio extrahido das dormideiras de flores violaceas, e que se cultivam no alto Egypto, contém 12,20 por 100 de morphina pura, emquanto que a papoula de flores brancas dá só 10,40 por 100.

Sobre o oleo das sementes do algodão. — O sr. *A. Adriani* communicou ao jornal *Chemical News* algumas pesquisas sobre o oleo das sementes do algodão. Como é sómente, até

aqui, para o algodão que se cultiva esta planta, não se tem estudado o oleo que estas sementes podem produzir. Sabia-se ha muito tempo que se podia extrahir um oleo seccativo d'estas sementes, mas estava-se no costume de as empregar como estrume para o algodoeiro. Hoje, segundo o que nos dizem os jornaes, exportam-se de Inglaterra quantidades consideraveis de oleo de azeitonas para a Italia, e para o meio dia da França, falsificação bem facil de reconhecer.

AVISOS AOS NOSSOS CONSOCIOS

Para conhecimento de todos os socios se annuncia, que havendo pedido a demissão de thesoureiro da sociedade o sr. Joaquim Ferreira Norberto, a mesma sociedade encarregou interinamente dos negocios da thesouraria uma comissão composta dos srs. José Dionysio Correia, presidente, José Tedeschi, secretario, e Francisco José Rodrigues Loureiro, vogal gerente dos fundos; ficando assim prevenidos que d'ora ávante têm, em objectos de thesouraria, de dirigir-se ao vogal gerente, o sr. Francisco José Rodrigues Loureiro, com pharmacia na rua dos Remedios (a Santo Estevão) n.º 7.

Por officio dirigido pela sociedade á direcção geral dos correios, pedindo se lhe indique o porte que deve pagar o mesmo jornal, e pela favoravel resposta que o ex.^{mo} director geral d'aquella repartição se dignou enviar-nos em 13 do corrente mez, se leva ao conhecimento de todos os socios, de que o nosso jornal, pelo facto de não ter mais de folha e meia de impressão, está sujeito ao porte de 5 réis, quando sellado, e ao de 10 réis, deixando de o ser.

ANNUNCIOS

Xarope de phillandrio composto, Rosa—Ensaiado com os melhores resultados nos hospitaes de S. José e militar da Estrella, em Lisboa, e pelo conselho medico do hospital de Santo Antonio, da cidade do Porto, bem como na clinica de muitos

facultativos da capital e das provincias, como se vê dos documentos que acompanham cada frasco.

Este xarope é de uma reconhecida utilidade contra os ataques asthmaticos, catarrhos mais ou menos graves, tosses convulsas ou de qualquer outra natureza, e todos os mais padecimentos de peito.

Vende-se nas principaes pharmacias de Lisboa e na drogaria Serzedello, rua do Arsenal, n.ºs 150 e 152; no Porto, na pharmacia do sr. F. B. dos Santos, rua de Santo Ildefonso. Deposito geral na pharmacia Rosa, rua de S. Vicente, n.ºs 31 e 33, Lisboa.

Pilulas de proto-iodureto de ferro inalteravel, preparadas segundo o processo de Blancard, pelo pharmaceutico Manuel Vicente de Jesus.

Estas pilulas, uteis no tratamento de affecções chloroticas, escrofulosas, tuberculosas, cancerosas, na menstruação difficil ou suppressão completa, nas perdas brancas, em varios accidentes de syphilis constitucional, na papeira, opilação do baço e rachitismo, são iguaes ás francezas pela sua composição e propriedades medicinaes, tendo sobre ellas a grande vantagem de serem menos consistentes.

Depositos. — Lisboa, pharmacia dos srs. A. F. A. de Azevedo & Filhos, praça de D. Pedro, n.º 88; Barral, rua Aurea, n.º 126; Oliveira, rua dos Retrozeiros, n.º 40; Franco, rua Direita de Belem, n.º 138; Serzedello & C.^a, largo do Corpo Santo.

Porto, pharmacia do hospital real de Santo Antonio, campo dos Martyres da Patria.

Villa do Condé, pharmacia do hospital da misericordia.

Abrantes, pharmacia do sr. Manuel Vicente de Jesus Senior.

Lagos, pharmacia do sr. Manuel Gascon.

Rio de Janeiro, pharmacia do sr. Antonio Fernando da Costa, rua da Prainha, n.º 10.

Deposito geral — Pharmacia de M. V. de Jesus, largo do Rato, n.ºs 46 e 47.

PHARMACIA

CULTURA DAS PLANTAS QUE DÃO A QUINA

(Continuado de pag. 7)

II

Cultura da quina em Java. — Primeiros viveiros estabelecidos na região dos cafeeiros — Más condições em que são feitos todos os primeiros ensaios — Reforma de systema — Transplantação de quasi todas as cinchonas dos dois viveiros de *Tjibodas* e de *Tjiniroean* para o alto das serras — Primeiras sementes creadas em Java, processos de sementeira e de propagação por estacas, descripção dos viveiros — Estado geral das culturas em 6 de dezembro de 1859 — Aspecto geral e descripção botânica da principal serra e floresta de Java submettida á nova cultura das quininas — Condições meteorologicas d'esta região — Critica dos resultados obtidos até aquella data — Medidas mais recentemente adoptadas.

Quando em 1852 o governo hollandez encarregou o sr. J. C. Hasskarl de se dirigir á America do sul, para ahí obter plantas e sementes das cinchonas medicinaes, foi Java a colonia logo escolhida para os primeiros ensaios, em grande, da nova cultura. As condições de vegetação d'esta ilha já de ha muito tinham sido botânica e meteorologicamente bastante investigadas, para despertarem a idéa entre os homens de sciencia de as aproveitar para a cultura das quininas, com cuja região, nos Andes da America do sul, a região das montanhas arborizadas de Java offerecia mais de um parallelo feliz e animador. Por isso não só se ordenou ao commissario hollandez, que transportasse directamente para Java uma parte das suas collecções, mas até das primeiras plantas obtidas das sementes, que elle enviára do Perú para a Hollanda, se fez logo uma remessa para aquella ilha.

O primeiro encarregado de ali dirigir os delicados ensaios da nova cultura foi o sr. Teysman, que então occupava o logar de director do jardim botânico de Buitenzorg, e que já em 1861 tinha disposto no viveiro de Tjipannas a primeira *Chinchona calisaya*, provida, como já dissemos, das estufas de Paris, assim como algumas outras obtidas de Amsterdam. Os locaes para todas estas primeiras culturas foram escolhidos no monte Gedeh, a 4400 e 4800 pés de elevação, em terreno de floresta

virgem, que foi derrocada para estas poderem ter logar; procedendo-se n'esta escolha e preparo do terreno quasi, como se se tratasse da cultura do café, que em Java é feita em terras da mesma natureza, embora a menores elevações. Quando o sr. Hasskarl aportou a Batavia em fins de 1854, veio pois já encontrar um systema de cultura das quinas inaugurado pelo seu predecessor. Nomeado logo depois da chegada director dos viveiros, escolheu o commissario hollandez, o que achou organizado em Tjipannas para centro das suas operações, e começou a distribuir por varios pontos da ilha, entre 4000 e 5000 pés de elevação, as plantas de quina que trouxera, e as que viera encontrar.

Parece porém ter tudo corrido bastante desfavoravelmente para estas primeiras plantações. Entretanto não deixou de se conseguir, sob os cuidados dos srs. Hasskarl e Teysman, um resultado importante. Ensaiou-se com bom exito a multiplicação das cinchonas por estaca, e d'este modo ficou, pelo menos, fortemente garantida a sua conservação na ilha de Java, podendo-se assim fazer face aos muitos contratempos, que dizimaram as primeiras culturas.

Em 1855 estabeleceu-se o novo viveiro de Tjiniroean com a bella collecção de plantas trazidas de Hollanda pelo naturalista Junghuhn, e em 1856 escrevia este senhor um importante relatorio sobre o estado dos viveiros javanezes de cinchonas, em seguida ao qual foram adoptadas resoluções que, revelando bastante descontentamento com o systema até ali seguido na cultura da quina, vieram imprimir-lhe uma nova direcção.

Das razões que a isto levaram, e sobretudo das reformas e trabalhos em seguida apprehendidos dá conta de um modo interessante um segundo relatorio, de que em grande parte extractámos as seguintes noticias.

Encarregado em junho de 1856 de substituir o sr. Hasskarl no seu logar de director da cultura da quina, a primeira operação, que o sr. Junghuhn se deu pressa a executar, foi a da transplantação das cinchonas de Tjibodas e Tjiniroean para melhores localidades, e a da organização n'ellas de novos viveiros.

N'aquella data o viveiro de Tjibodas contava apenas 107 arvoredos de quina, das quaes 43 calisayas e 64 suppostas lucumae-folias, ou antes pahudianas. Todas estas plantas se achavam em mau estado de crescimento, e em parte atacadas de bolor nas raizes e mesmo na parte inferior do tronco. A sua apparencia, como diz o sr. Junghuhn, era mais arbustiva do que arborea, tinham os troncos sobrecarregados de vergontas na base, muitas inclinadas e mesmo rastejantes, particularmente na especie pahudiana.

O exame das condições, em que estes viveiros se achavam, fez ver que havia n'ellas serios obstaculos a todo o bom desenvolvimento de plantas arboreas.

Quatro foram as principaes razões, que fizeram optar pela transplantação:

1.^a Não haver sombra nenhuma no viveiro de Tjibodas, e serem as cinchonas introduzidas arvoredos, que só crescem espontaneas no interior de florestas.

2.^a Ser o terreno muito pouco fundo, $\frac{3}{4}$, $1\frac{1}{2}$, ás vezes $\frac{1}{4}$ de pé sobre rocha impenetravel ás raizes, o que as obrigava a um crescimento horisontal sem aprofundarem quasi nada, salvo nos poucos sitios, onde accidentalmente a camada impermeavel se achava fendida. Isto mesmo se observou com admiração nas raizes dos gigantescos individuos da especie *Liquidambar altingiana*, que previamente se achavam senhores do terreno, attingindo aliás alguns sete pés de diametro.

3.^a O ter sido anteriormente chão de mata d'aquella especie de arvoredo, que tinha sido derrubado de proposito para dar lugar aos viveiros de cinchonas, do mesmo modo que em Java se usa praticar ao estabelecer novas plantações de café. As raizes d'aquellas arvoredos, deixadas sem maior cuidado na terra e apodrecidas, constituiam uma vizinhança para as raizes das cinchonas, que pareceu nociva, e causa muito provavel do bolor, que n'ellas se notava.

4.^a Julgou-se tambem que a altitude de 4400 pés, em que o viveiro se achava, era ainda muito inferior á que mais convem ás plantas da quina.

Não se hesitou diante dos perigos, que a transplantação de arvores já bastante desenvolvidas (então com tres ou quatro annos) poderia offerecer. Partiu-se da idéa, que valia mais ter, em logar de um cento de plantas enfezadas em condições de nunca poderem vir a ser arvores, cincoenta ou mesmo vinte e cinco apenas, mas essas em estado de se poderem desenvolver com pleno vigor.

Escolheu-se um novo local em terreno de lavas trachyíticas cobertas de boa terra vegetal e cortadas de fendas tambem cheias da mesma, no todo considerado como de primeira qualidade para cultura de arvoredos, e coberto ainda de matas virgens, que, longe de se destruirem como se fizera nes primeiros viveiros, foram conservadas para darem sombra e abrigo ás suas novas cómpañheiras. Largas e fundas covas de 3 a 5 pés foram abertas por entre as arvores da floresta, e um caminho traçado de proposito para permittir o mais facil transporte das cinchonas. Circunstancias locais obstaram apenas, a que o novo sitio da plantação fosse escolhido n'uma elevação tanto superior á do viveiro Tjibodas, quanto aliás pareceu ser para desejar. As cinchonas foram transplantadas por dois modos, conservando a terra em torno das raizes, ou pondo estas a nú e podando-as de todas as suas partes holorentas, processo este, que nos resultados se mostrou ser o mais efficaç.

A figura n.º 1 mostra as condições, em que se transportaram algumas das arvores com torrão.

O resultado da transplantação, foi satisfactorio, em parte mesmo brilhante.

Apenas duas calisayas e tres pahudianas morreram poucos dias depois da transplantação, segundo parece por terem accidentalmente ficado mal dispostas. Meio mez a um mez depois começaram a cair muitas folhas a todas, mas para logo foram apparecendo novos rebentos cada vez mais numerosos, com aspecto viçoso, differente do anterior. As cinchonas começaram a crescer com vigor, as pahudianas com mais rapidez, e tudo corria bem, quando um novo perigo appareceu.

Um pequeno insecto do genero *Bostrichus* começou a ataca-

las seis mezes depois da transplantação, abrindo na casca do tronco tenuissimos canaes, que escapavam facilmente á vista, e só depois se vinham a denunciar, quando a planta excretava por elles um liquido vermelho, e muito amargo. Viam-se em pouco tempo adoecerem, e seccarem as arvores sem que ao principio se descobrisse a causa do mal. Ambas as especies eram igualmente acommettidas, e as arvores mais vigorosas pareciam ser as que mais soffriam d'elle. Algumas das que assim morreram, estavam crescendo 3, 4 e 5 pés por anno em altura. Uma pequena reserva de cinchonas deixada em Tjibodas teve tambem a mesma sorte.

Estas circumstancias fazem crer que a invasão do mal não teve por causa algum estado doentio das arvores consequente á transplantação; mesmo porque algumas das victimas d'elle, decotadas proximo da base, ou tão sómente á altura dos vestigios inferiores dos canaes abertos na casca do tronco, rebentavam com força logo abaixo da ferida do decote. Anno e meio depois uma d'estas arvores decotadas pela base tinha outra vez crescido 8 pés em altura.

As perdas, que d'aqui vieram aos viveiros, subiram a 40 por cento. De 85 arvores transplantadas, 51 vingaram e 34 morreram. Apesar d'esta grande perda o resultado final foi animador, porque as cinchonas, que escaparam, cresceram no seu novo local com outra sorte de valentia do que as deixadas de reserva em Tjibodas.

Nas calisayas transplantadas o crescimento por anno, em media, de outubro de 1857 a setembro de 1859, foi de 2 pés. N'algumas chegou a 4 pés por anno. Tres calisayas, que ficaram em Tjibodas, cresceram no mesmo tempo e por anno, apenas 1,65 em media.

O maior crescimento verificou-se nas calisayas transplantadas sem terra, e podadas das raizes doentes.

O crescimento das pahudianas chegou na maior parte a 5 e 6 pés, e n'algumas a 7 pés por anno. O minimo em uma unica arvore foi de 2. De cinco pahudianas deixadas em Tjibodas nenhuma cresceu mais de 2,8 pés.

O aspecto de todas as cinchonas transplantadas tornou-se mais arboreo e vigoroso; contavam em setembro de 1859, 6-7 annos de idade, tendo as calisayas 40, as pahudianas 17 pés de altura, em media.

A historia do viveiro de Tjiniroean mostra-o passando por phases muito analogas.

Este viveiro, começado em dezembro de 1855 com 139 plantas trazidas de Hollanda pelo sr. Junghuhn, foi tambem entregue aos cuidados do sr. Hasskarl. Em junho de 1856 estava reduzido a 63.

Em julho de 1857 subiam de novo a 200, propagadas por estaca pelos cuidados do novo director das culturas, Junghuhn, e decidiu-se proceder á sua transplantação para locaes mais apropriados. O terreno em que estavam tinha sido, como o de Tjibodas, chão da floresta de Liquidambares, e estava do mesmo modo por limpar das muitas raizes d'aquellas arvores. Ficaram de reserva apenas duas calisayas e tres pahudianas. O successo da operação excedeu o de Tjibodas. As vertentes do monte de Malawar que olham ao sul, entre 5000 e 7000 pés de elevação, cobertas de arvoredos virgem, foram as escolhidas. Por ellas se distribuiram as cinchonas, que em 1859 já ali atingiam 15, 18 e 20 pés de altura do tronco, devendo muitas contar então apenas tres annos. Em 1859 contava esta nova plantação e viveiro annexo 1316 plantas.

Entretanto dera-se um facto muito importante na historia d'estes ensaios de cultura. Já em junho de 1857 tinham apparecido as primeiras flores tanto nas cinchonas transplantadas como nas outras. Todas estas flores se mirravam, sem que o fructo apparecesse. Em junho de 1858 crearam-se os primeiros fructos maduros com sementes ferteis, e deram-n'os as plantas enfezadas do antigo viveiro de Tjibodas, que por este modo se tornaram preciosas, não cessando d'ahi em diante de produzir *incessantemente* novas flores e sementes, ao passo que as cinchonas transplantadas e em estado muito mais vigoroso de crescimento até a data de 1860 não produziram sequer uma só.

Trinta e seis mil fructos colhidos da pahudiana produziram

900000 sementes. Cada capsula de pahudiana produz em media 25. Mil sementes d'esta especie pesam 0,335 grammas, cada semente portanto menos de meio milligramma.

Uma das calisayas, que ficaram em Tjibodas, produzia entretanto 485 fructos com 14785 sementes (em media 30). Estas sementes são mais pequenas, mas ao mesmo tempo mais pesadas que as da pahudiana. Mil pesam 0,360 grammas.

D'estes factos datou uma nova epocha para a cultura das cinchonas. A sua propagação, até ali só feita por estacas, tornou-se incomparavelmente mais rapida. A multiplicação por estaca fazia-se até ali em Java com resultados bem pouco lisonjeiros, sendo de 50 por cento o numero das que não vingavam, depois de convenientemente dispostas nas pequenas estufas, que para esse fim se faziam do seguinte modo singelo.

Abriam-se covas no chão e cobriam-se com um vidro. D'este modo se obtinha a maior igualdade de temperatura e humidade, tão favoravel, como é sabido, ao primeiro desenvolvimento da vida das estacas. Dentro em quatro mezes, das estacas dispostas n'estas covas cerca de metade tinha deitado raiz.

A multiplicação por sementeira offereceu aos cultores holandezes muito mais facilidade, não porém sem que fossem tomadas engenhosas medidas para garantir o bom resultado.

A colheita foi feita com o maior cuidado, a fim de aproveitar todas as sementes creadas. As paniculas fructiferas foram envolvidas em gaze branca, para que a semente se não dispersasse no acto da abertura elastica das valvulas do fructo. Reconheceu-se a conveniencia de as deixar expostas ao ar livre por uma ou duas semanas, até que o centro da semente tome a côr castanho escura, que lhe é propria no estado de perfeita madureza.

Os primeiros ensaios mostraram tambem a utilidade de mergulhar as sementes em agua fresca, o espaço de uma noite, na vespera de serem confiadas á terra, a qual deve ser fofa e conservada constantemente humedecida. Semeadas sem preparo previo e a lanço, meio por cento apenas pôde vingar, segundo as experiencias do sr. Junghuhn. Uma gota de agua um pouco

mais violentamente projectada, o menor choque, qualquer outra pequena causa é bastante para matar as novas plantas, cujas radículas delicadas terminam em tenuíssimos filamentos, com que se agarram ao terreno, e que é por extremo facil offender.

As sementeiras feitas no interior dos bosques e por elles assombradas vingaram melhor que as expostas ao ar livre sem abrigo algum, sujeitas portanto a mudanças de temperatura maiores. Foi nas estufas de Tjiniroean que a germinação teve primeiro lugar, o que prova bem que a maior igualdade de temperatura e de humidade lhe é muito favoravel.

Segundo a experiencia colhida n'estes primeiros ensaios combinou-se definitivamente o seguinte systema de sementeira.

« Fazemos », diz o director das culturas, « os vasos de semear com simples cannas de bambú, escolhendo as mais grossas e cortando-as em pedacos de $\frac{3}{4}$ de pé de comprimento. Cada pedaço d'estes é um vaso. » Tirados dos entrenós estes pedacos são naturalmente abertos de ambos os lados. Fez-se-lhes um fundo com uma bucha de tecido fibroso das arecas, que tapa e deixa comtudo passar a agua tão bem como os proprios nós dos bambús em que se tivessem aberto orificios para esse fim. Estes vasos encheram-se de terra de mato bem peneirada. Juntou-se-lhe, todas as vezes que foi possivel, uma quarta parte de areia volcanica composta dos mineraes felsite, hornblende, ferro magnetico e titanico.

Depois d'isto collocaram-se os vasos bem juntos uns aos outros no interior das matas, em taboleiros de terra largos e altos, mas de modo a poder-se facilmente estender o braço por cima até ao outro lado. Onde o declive do terreno era grande formaram-se estes taboleiros em terraço uns acima dos outros, amparando-os de lado com tábuas postas de modo a conter a terra. Construiu-se por cima d'elles um tecto sustido sobre estacas, a altura bastante para permittir bem a entrada da luz lateralmente e com o fim de defender a sementeira das chuvas. Dispozeram-se as cousas de modo a poder estender

tambem, em tempo de chuva, um prolongamento de tecto ou alpendre sobre os caminhos do viveiro, a fim de proteger os trabalhadores.

(Continúa.)

DIREITO PHARMACEUTICO PORTUGUEZ

CHRONOLOGIA DE TODAS AS LEIS, ALVARÁS,
DECRETOS, PORTARIAS, EDITAES, ETC., RELATIVOS AOS PHARMACEUTICOS
DESDE A FUNDAÇÃO DA MONARCHIA PORTUGUEZA

(Continuado de pag. 466 do 1.º tomo da 5.ª serie)

N.º 281

PORTARIA DE 17 DE MARÇO DE 1865, MANDANDO PROHIBIR A VENDA
DOS MEDICAMENTOS PREPARADOS PELO PHARMACEUTICO
GRIMAULT

Foi presente a Sua Magestade El-Rei a consulta, em que o conselho de saude publica do reino propõe os meios para obstar á venda de remedios secretos vindos de paizes estrangeiros, remettendo por essa occasião copia de uma sentença do tribunal de primeira instancia do Sena, pelo qual foi condemnado o pharmaceutico Grimault nas penas de multa e prisão pela venda de medicamentos falsificados: e Sua Magestade, conformando-se com a supradita consulta, manda communicar ao conselho que vão ser publicadas no *Diario de Lisboa* a consulta e a sentença a que ella se refere, a fim de que o publico e especialmente os facultativos fiquem prevenidos da adulteração e falsificação dos medicamentos da pharmacia Grimault.

Mas, considerando Sua Magestade que, segundo o preceito expresso do decreto de 3 de janeiro de 1837, artigo 16.º, n.º 16, não podem ser vendidos remedios especiaes e particulares sem licença previa do conselho, precedendo exame do medicamento para que se requer licença;

Que nos termos das leis vigentes são considerados remedios particulares todos os que se não encontram mencionados e auctorisados na pharmacopea legal do reino;

Que os remedios particulares ou secretos, que se não acham licenciados, sómente podem ser aviados pelos boticarios em

vista da receita do facultativo, em que a formula venha descripta, e que hajam de ser preparados e manipulados pelos mesmos boticarios;

Que a venda de taes remedios preparados nas pharmacias estrangeiras é, por consequencia, criminosa, e sujeita os boticarios ás penas do § 15.º do alvará de 22 de janeiro de 1810 suscitado pelo artigo 252.º do codigo penal:

Ha por bem ordenar que o conselho de saude faça verificar pelos seus delegados, tanto na capital como nas provincias, se nas boticas se acham á venda os medicamentos que, na sentença do tribunal do Sena, foram declarados falsificados e adulterados, ou quaesquer outros cuja venda não seja legalmente auctorizada; que igual verificação se faça sempre que se proceder á visita das boticas; e que, reconhecida a existencia de alguma transgressão d'essa natureza, se dê d'ella conhecimento ao poder judicial, para serem impostas aos transgressores as penas comminadas nas leis.

Paço da Ajuda, em 17 de março de 1865.—*Marquez de Sabugosa.*

Consulta a que se refere a portaria supra

Conselho de saude publica do reino—3.ª divisão—N.º 92. Ill.º e ex.º sr.—Em o periodico francez denominado *Le Droit, journal des tribunaux*, n.º 43, de 19 de fevereiro ultimo, lê-se a copia de uma sentença judicial, que sobremodo attrahiu a attenção do conselho de saude publica do reino.

É este o caso. O pharmaceutico Grimault, residente em Paris, foi accusado e condemnado em multa, prisão e divulgação da sentença por meio da publicação em periodicos e em editaes affixados nos logares publicos, por se lhe haver provado que vendêra, e por alto preço, medicamentos secretos e outros mal preparados, não conformes com as prescripções do *codex*, e outros, finalmente, sophisticatedos.

Estes medicamentos eram:

1.º O *xarope de rabano iodado*, que, segundo a declaração dos peritos convocados pelo respectivo juiz, não passava de

um simples xarope antiscorbutico, a que o contraventor tinha juntado pequenas porções de iodureto de potassio.

2.º O *xarope de arseniato de ferro e de soda*, de perigosissimo uso, por conter effectivamente grande porção de arsenico e de ferro, mas não no estado de arseniato de ferro e soda, que é sal duplo desconhecido em chimica.

3.º O *xarope dito de quina vermelha*, que o referido pharmaceutico preparára fraudulentamente com quina cinzenta, dando-lhe depois a côr com tintura de carmim, para assim illudir os compradores.

4.º A *pepsina*, que vendia por alto preço, adulterada quasi integralmente com farinha ou amido.

5.º Finalmente o *elixir de pepsina*, liquido escuro em que quasi se não encontrou pepsina alguma.

O conselho, lamentando que um pharmaceutico, desconhecedor das obrigações que a sciencia impõe, rebaixasse tanto a sua consciencia e degnidade, que a troca de um vil interesse se abalancasse a defraudar a fazenda alheia, arriscando ao mesmo tempo a saude e a vida dos doentes, bem como a reputação dos facultativos, teme e com bem fundados motivos que os perniciosos effectos d'aquelle attentado venham reflectir em Portugal; porquanto o réu teve a incrível audacia de declarar na audiencia do seu julgamento que os referidos *preparados eram destinados a exportação e para uso dos estrangeiros*.

Ora, como ao conselho de saude publica do reino conste, por interpostas vias, que algumas pessoas, de certo illudidas com os fallazes prospectos e annuncios que o referido Grimalt tem remettido para Portugal, fizeram encomendas dos preparados condemnados, a fim de serem aqui expostos á venda, entende o conselho que, para bem da saude publica, cujos interesses lhe compete zelar, deve ser negado o despacho dos mesmos preparados em todas as alfandegas do reino; e n'este sentido pede a v. ex.^a se digne tomar as necessarias providencias.

Outrosim pede o conselho a v. ex.^a que, no intuito de fazer

chegar esta facto ao conhecimento das auctoridades e de todos os facultativos, pharmaceuticos e mais pessoas a quem possa interessar, se digne mandar publicar a presente representação na folha official, indo acompanhada da traducção da sentença que junta sobe.

Terminando, o conselho ainda mais uma vez pondera que a policia sanitaria das boticas, como a de todos os outros ramos de hygiene publica, só poderá ser effectiva, rigorosa e proficua, quando assente em bases mais solidas do que as do decreto de 3 de janeiro de 1837 e actuaes regulamentos sanitarios. A fiscalisação das drogas e medicamentos, que hoje nos entram livremente pelas alfândegas, com grave damno da saude publica, é tambem assumpto que reclama instante providencia, e a que já se attendeu no reino vizinho.

Em summa, a reforma das leis de saude, baseada nos principios de administração e hygiene publica, geralmente adoptadas hoje na Europa, resolveriam todas estas difficuldades.

V. ex.^a porém mandará o que tiver por mais conveniente.

Deus guarde a v. ex.^a Conselho de saude publica do reino, 40 de março de 1865. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. ministro e secretario d'estado dos negocios do reino. — *Guilherme do Silva Abranches*, presidente — *Dr. Matheus Cesario Rodrigues Moacho* — *Dr. Marcellino Craveiro da Silva* — *João José de Sousa e Silva* — *José Dionysio Correia*.

(Diario de Lisboa n.º 64, de 1865.)

N.º 282

DECRETO DE 10 DE ABRIL DE 1865, NOMEANDO A JOSÉ ANTONIO DA COSTA FARIA PHARMACEUTICO DE SEGUNDA CLASSE DA PROVINCIA DE ANGOLA

Conformando-me com a proposta do conselho de saude naval e do ultramar: hei por bem nomear José Antonio da Costa Faria pharmaceutico de segunda classe do quadro da provincia de Angola.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 10 de abril de 1865. — REI. — *Duque de Loulé*.

(Diario de Lisboa n.º 85, de 1865.)

N.º 283

DECRETO DE 10 DE ABRIL DE 1865, NOMEANDO A THIMOTEO JOSÉ RODRIGUES AVELINO PHARMACEUTICO DE SEGUNDA CLASSE DA PROVINCIA DE ANGOLA

Conformando-me com a proposta do conselho de saúde naval e do ultramar, em data de 8 do corrente mez: hei por bem nomear Thimoteo José Rodrigues Avelino pharmaceutico de segunda classe da provincia de Angola.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 10 de abril de 1865.—REI.—*Duque de Loulé.*

(Diario de Lisboa n.º 85, de 1865.)

N.º 284

DECRETO DE 21 DE ABRIL DE 1865, NOMEANDO A JOSÉ DAS NEVES E SOUSA PHARMACEUTICO DE SEGUNDA CLASSE DA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

Conformando-me com a proposta do conselho de saúde naval e do ultramar: hei por bem nomear a José das Neves e Sousa para um dos logares de pharmaceutico de segunda classe do quadro da provincia de Moçambique.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 21 de abril de 1865.—REI.—*Marquez de Sá da Bandeira.*

J. D. CORREIA.

(Diario de Lisboa n.º 96, de 1865.)

(Continua.)

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 686 DA SESSÃO DE 10 DE JANEIRO DE 1866

Presidencia do sr. Joaquim José Alves

Pelas sete horas da noite foi aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da antecedente.

Leu-se a lista dos objectos doados, e deu-se conta da seguinte:

CORRESPONDENCIA

Um officio do sr. Carlos Malaina, de Hespanha, participando que desde 1859 não recebe os jornaes da sociedade, e rogando que lhe sejam enviados os publicados não só d'essa epocha para cá, mas tambem os que se forem publicando, a fim de que tudo que diz respeito á pharmacia portugueza, digno de mencionarse, continue a ser convenientemente mencionado na historia da pharmacia, que está publicando com o sr. Q. Chiarlone. — Determinou-se que se satisfizesse.

Do sr. F. Lobo, pedindo alguns numeros do jornal.

Do sr. B. Pereira Maia, para o mesmo fim.

O sr. *Tedeschi* apresentou uma nota sobre o curáre, pelo sr. dr. Francisco da Silva Castro, inspector da saude publica na provinca do Gram-Pará; declarou que o auctor d'aquelle trabalho o dedicára á sociedade, e pedia a publicação no nosso jornal, se a sociedade d'isso o julgasse digno.

Decidiu-se que se nomeasse uma comissão composta dos srs. dr. Beirão e *Tedeschi*, para interpor o seu parecer sobre o valor scientifico da obra.

ORDEM DO DIA

ELEIÇÕES DO VOGAL DA COMISSÃO DE PHARMACIA
E DE SUPPLENTE DA MESMA COMISSÃO

Foram eleitos por maioria de votos para o primeiro cargo o sr. Francisco Antonio Rosa, e para o segundo o sr. Augusto de Oliveira Abreu.

PROPOSTAS

Uma proposta do sr. presidente, com declaração de urgente, para a admissão de um socio correspondente nacional.

Approvada a urgencia e corrido o escrutinio verificou-se ter sido admittido por unanimidade o sr. Joaquim Antonio da Cunha, segundo pharmaceutico do quadro de saude da provincia de Moçambique.

Outra proposta de igual natureza, feita pelo sr. Vieira de Abreu, para a classe de socio effectivo.

Corrido o escrutinio verificou-se ter sido approvedo unanimemente o sr. João Thomás da Silva Pinto, com pharmacia no largo da Paschoa.

Estando a hora adiantada, o sr. presidente encerrou a sessão, e deu para ordem do dia da immediata a segunda leitura do relatorio da commissão nomeada com o fim de interpor o seu parecer sobre as respostas ás circulars do monte pio, para em seguida entrar em discussão, e annunciou uma sessão extraordinaria para esse fim, que devia ter logar no dia 25 do corrente. Eram nove horas e meia da noite. — *José Ribeiro Guimarães Drack*, segundo secretario.

ACTA N.º 687 DA SESSÃO EXTRAORDINARIA
DE 24 DE JANEIRO DE 1866

Presidência do sr. Joaquim José Alves

Pelas oito horas e meia da noite foi aberta a sessão, lida e approvada a acta anterior.

Deu-se conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

Um officio do sr. Luiz Rodrigues Ferreira Neves, pedindo a exoneração do cargo de primeiro sub-delegado na comarca de Coimbra.

Outro do sr. A. Vaz Teixeira, participando a sua mudança de residencia.

Outro do sr. dr. B. A. Gomes, offerecendo umas gravuras, complemento da monographia sobre a cultura das quininas, por seu filho B. Barros Gomes.

O sr. *J. J. de Sousa Telles* agradeceu as honras funebres que a sociedade e a mesa, que a representou, prestaram ao cadaver de seu finado pae, e agradeceu em especial aos srs. J. D. Correia e Tedeschi as significativas expressões com que tinham patenteado, na sessão da sociedade proxima áquelle infausto acontecimento, o apreço e consideração em que tinham a sua memoria.

ORDEM DO DIA

O sr. *presidente* declarou que a sociedade se achava reunida em sessão extraordinaria para ser discutido o parecer da commissão nomeada com o fim de interpor o seu parecer sobre as respostas ás circulares do monte pio, e por isso o sr. primeiro secretario, para elucidar a questão, passava a ler esse parecer e o da commissão encarregada de tomar contas ao sr. thesoureiro do mesmo estabelecimento.

Leram-se os pareceres.

Em seguida o sr. *Veiga*, fazendo varias considerações aos pareceres que acabava de ler, terminou com a seguinte proposta:

« Proponho que, reconhecida a impossibilidade da existencia do monte pio pharmaceutico, os fundos que actualmente existem pertencentes áquelle estabelecimento revertam para o cofre da sociedade, ficando ahi constituindo uma hypotheca especial, como garantia dos direitos dos socios actuaes. »

O sr. *Quadros* orou no mesmo sentido, e apoiou a proposta.

Os srs. *J. D. Correia* e *Martins* fallaram por muito tempo, o primeiro historiando as diversas phases por que tem passado o monte pio pharmaceutico, o segundo sobre monte pios em geral, e referindo-se áquelle, disse que o considerava no caso dos monte pios de classe, que pelas rasões geralmente sabidas nunca prosperam, e que todos os esforços para o fazer florescer seriam inuteis.

O sr. *Tedeschi* entende que o estabelecimento em questão pôde ser de proveito para a classe, e attribue o seu estado de decadencia ao que se acha expresso no artigo 146.º § 4.º e seguintes dos estatutos, em que se exige aos membros, viuas, ou filhos d'estes, que queiram receber pensões, entre outros documentos, que provem o seu estado de pobreza. Disse que é principalmente esta disposição dos estatutos que tem feito diminuir o numero de socios, e que alterada, ou antes eliminada ella, e dada mais latitude ás admissões para socios, o monte pio podia ser, senão modelo, ao menos rasoavel e coopecador para a manutenção da dignidade profissional, correspon-

dendo aos fins da sua organização. Que admittida a proposta do sr. Veiga á discussão e approvada ella, o governo depois podia entender que lhe assistia a elle mais do que á sociedade o direito de administrar os fundos que actualmente constituíam o peculio de monte pio, e que n'esse presuppuesto podia mui bem dispor d'elles a seu bel prazer, arbitrando-lhes uma applicação que a sociedade estaria talvez bem longe de approvar.

O sr. *Telles*, que em these concordava com o sr. Martins em admittir que os monte píos de classe não podiam prosperar por falta de elementos e por outras causas que lhes são peculiares, todavia se lhe perguntassem se o monte pio pharmaceutico podia ainda melhorar, que responderia pela affirmativa, porque o monte pio existe já de longa data com alguns fundos e com alguns socios, cujo numero podia augmentar e mudar-lhe a face financeira. Porém se a sociedade pensasse de outro modo e quizesse approvar a proposta do sr. Veiga, opinava por que ella ouvisse previamente o governo, apontando-lhe convenientemente formuladas as razões pelas quaes entende do seu dever e competencia incorporar a si os fundos do monte pio, e tomar como seus os encargos d'elle.

O sr. *Veiga*, referindo-se á ultima parte do discurso do sr. Tedeschi, disse que as alterações que s. s.^{as} tinha apontado, dignas de considerar-se, já tinham merecido reparo de parte da commissão da reforma dos estatutos. Que a commissão tinha procurado remover aquelles males, e não obstante que o silencio da maioria dos socios a quem a sociedade tinha dirigido convite para fazerem parte do monte pio era bem significativo, do mesmo modo que a maioria dos que tinham respondido declararam que não tencionavam fazer parte d'aquelle estabelecimento, ainda mesmo que fosse approved o projecto dos estatutos.

O *segundo secretario* notou que as opiniões dos socios que tinham tomado parte na discussão se dividiam em dois grupos; entendiam uns senhores que os fundos do monte pio deviam ser incorporados aos da sociedade, ficando esta com os encargos d'aquelle, outros julgavam que o monte pio era sus-

ceptível de incremento, e por isso pediam a reforma dos estatutos. Que a sua opinião era a primeira já apresentada, e que as razões em que a fundamentava tinha-as nas respostas ás circulares, que demonstravam até á evidencia que o numero dos socios nunca havia de subir a ponto de produzir uma salutar revolução da vida do monte pio. Por isso se associava ao pensamento do sr. Veiga, e apoiava a sua proposta. Pelo que tocava ás apprehensões de que o governo se quizesse arrogar na administração dos fundos do monte pio, não as julgava até certo modo desituidas de fundamento; não porque o monte pio não fosse um estabelecimento annexo á sociedade e absolutamente dependente e subordinado a ella, como o sr. Martins tinha provado havia pouco tempo, pela leitura de alguns excerptos dos estatutos, mas porque nem sempre as cousas eram interpretadas á melhor parte, e por isso já se tinha lembrado de propor que, dado o caso de ser approvada a proposta do sr. Veiga, antes de qualquer resolução fosse consultada a associação dos advogados da capital, cuja resposta de certo havia de ser favoravel aos designios da sociedade, e a collocava ao abrigo de qualquer censura da parte da auctoridade.

Depois de mais alguma discussão o sr. J. D. Correia mandou para a mesa o seguinte requerimento:

« Requeiro que a mesa seja auctorisada a redigir um projecto de representação, pedindo a approvação de um artigo adicional, cuja discussão seja dada para ordem do dia da sessão seguinte. »

Posto á votação este requerimento, foi approvado.

O sr. *Correia* lembrou á mesa a conveniencia de se redigir a representação no sentido de pedir ao governo que a sociedade fique auctorisada a assumir a gerencia dos fundos do monte pio pharmaceutico, quando o numero de socios d'elle seja insufficiente para se constituir a assembléa geral.

Estando a hora adiantada, o sr. presidente, dando para ordem do dia da sessão seguinte a discussão do projecto de representação e mais propostas, pareceres de commissões e

segundas leituras, fechou a sessão. Eram mais de onze horas da noite.—*José Ribeiro Guimarães Drack*, segundo secretario.

REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA
AO CONSELHO DE SAUDE PUBLICA DO REINO
PEDINDO A ALTERAÇÃO EM TEMPOS DE EPIDEMIA DO EDITAL
DE 20 DE SETEMBRO DE 1853, QUE RECOMMENDA A FIEL OBSERVANCIA
DO ALVARÁ DE 20 SETEMBRO DE 1810

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—A sociedade pharmaceutica lusitana, fiel interprete das aspirações da classe que representa, não póde deixar de se dirigir a v. ex.^a e ao ex.^{mo} conselho, a quem tão dignamente preside, com o fim de lhe evidenciar o grave risco que á saúde dos pharmaceuticos póde resultar em tempo de epidemias, da estricta observancia dos §§ do alvará de 22 de janeiro de 1810 e do edital de 20 de setembro de 1853, que obrigam o pharmaceutico a ser prompto em aviar a qualquer hora da noite as receitas que lhe forem presentes.

Este preceito, aliás justissimo, indispensavel mesmo nos tempos normaes, torna-se ainda mais essencial em occasiões de invasão de epidemias, e ninguem de certo desconhecerá a necessidade de uma tal medida. A verdade porém é que, da estricta observancia de um tal preceito, em tempo de epidemia, grave risco póde resultar á saúde dos pharmaceuticos, poisque, não tendo ao menos as noites para descansar das fadigas do dia, acontecerá, como já aconteceu em epochas não muito remotas, que algumas pharmacias se fechem por falta de pessoal, *inutilizado* por tão improbo trabalho. O fim pois d'esta representação é harmonisar a commodidade do publico com o descanso indispensavel aos pharmaceuticos, e conseguir-se-ha este resultado estabelecendo-se em Lisboa um certo numero de circulos, e que em cada um d'elles seja alternadamente cada uma das boticas obrigada a permanecer aberta durante a noite, para satisfazer o expediente que a essas horas teria de ser distribuido por cada uma das outras.

Este alvitre, adoptado que seja pelo ex.^{mo} conselho, duplica as vantagens do publico, que tem a certeza de durante toda a

noite encontrar uma pharmacia aberta e prompta a satisfazer qualquer requisição, dando ao mesmo tempo aos pharmaceuticos, nas noites em que o serviço lhes não competir, o tempo necessario para o indispensavel descanso das fadigas diarias.

A escala para cada circulo, organizada pelo ex.^{mo} conselho de saude, e affixada nos logares mais publicos do mesmo circulo, e alem d'isso um signal externo na botica que estivesse de serviço, informaria o publico de qual o sitio onde deveria recorrer em caso de necessidade.

A sociedade pharmaceutica lusitana, certa da illustração do ex.^{mo} conselho de saude publica do reino, e da protecção que merece (e que n'elle tem sempre achado) a classe pharmaceutica portugueza, que nunca aliás se tem recusado a cumprir rigorosamente o disposto nos §§ do alvará de 10 de janeiro de 1810, tem as mais bem fundadas esperanças de que esta representação será attendida, e que estabelecido que seja o que vem dito, nenhuma botica alem d'aquella a que a escala obrigar possa ser compellida a fornecer medicamentos depois das dez horas da noite até ás seis da manhã.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, em 3 de novembro de 1865. — *Joaquim José Alves*, presidente — *Joaquim Urbano da Veiga*, primeiro secretario — *José Ribeiro Guimarães Drack*, segundo secretario.

Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

AVISOS AOS NOSSOS CONSOCIOS

Por officio dirigido pela sociedade á direcção geral dos correios, pedindo se lhe indique o porte que deve pagar o mesmo jornal, e pela favoravel resposta que o ex.^{mo} director geral d'aquella repartição se dignou enviar-nos em 13 do corrente mez, se leva ao conhecimento de todos os socios, de que o nosso jornal, pelo facto de não ter mais de folha e meia de impressão, está sujeito ao porte de 5 réis, quando sellado, e ao de 10 réis, deixando de o ser.

PHARMACIA

CULTURA DAS PLANTAS QUE DÃO A QUINA

(Continuado de pag. 29)

Estas sementeiras, onde o terreno o permite, chegam a ter de comprimento muitos centos e mesmo mais de mil pés. simulando as bancadas de um amphitheatro correndo por entre as arvores da floresta, nunca, em regra, a menos de 5000 pés de elevação.

Cada vaso de bambú recebe n'uma pequena cavidade, aberta com o dedo no centro, uma só semente. Para evitar que o vento a leve ou que o ar a seque, cobre-se esta depois com a areia fina atrás descripta, na altura de meio, ou, quando muito, de 4 millimetro. D'ahi em diante deve conservar-se a terra continuamente humedecida, com regas repetidas de agua corrente vertida por um ralo bem fino de regador.

Em terra ligeira, com semente bem madura, e a 5000 pés de elevação, germinam em Java entre 100 sementes:

30 no fim de 30 dias

40 no fim de 50 dias

20 no fim de 70 dias

10 no fim de 90 dias

Semente nenhuma levou mais de cem dias a germinar; no fim de vinte dias já algumas se tinham desenvolvido.

Logo que a germinação tenha tido lugar, isto é, logo ao apparecimento do grelo radicular, devem cessar as regas. Um excesso de humidade é muito prejudicial ás plantas. Só depois das pequenas raizes se terem bem introduzido na terra é que se tornará com as regas a humedecer de tempos a tempos os vasos. Estes permanecem nos taboleiros até as plantas terem cêrca de meio pé de altura, o que leva oito a nove mezes. Durante este tempo deverão voltar-se os vasos todos os oito dias uma vez, para que as plantas cresçam direitas, corrigindo a tendencia que têm sempre para crescer mais para o

lado d'onde lhes vem maior luz. Algumas aos seis e sete mezes já têm chegado á altura acima indicada, e poderão n'esse caso ser logo transplantadas.

Para effectuar a plantação definitiva começou-se por traçar ao longo das serras largas estradas principaes, e a partir d'ellas em angulo recto, e de 25 em 25 pés, se abriram para os lados caminhos, na borda dos quaes, e tambem de 25 em 25 pés, se fizeram pequenas covas de 4 pé de largura e de fundura, que de novo se encheram com terra bem limpa de raizes, cercando-as de um rego com a competente vasão para desviar as aguas da chuva. N'esta terra se introduziram as raizes das cinchonas *com torrão*, que facilmente póde ser extrahido dos vasos de bambú sem se desmanchar. Em torno de cada cinchona cravaram-se quatro estacas fortes atadas em pyramide a 4 ou 5 pés acima da planta, para defeza contra as arvores ou ramos que desabassem da floresta, e contra os animaes. As plantas foram transportadas dos viveiros para o logar das plantações em carros cobertos.

Segundo o sr. Junghuin, com tempo favoravel estas plantações vingam bem, perdendo-se só cêrca de 3 por cento de plantas. Se o tempo corre sem interrupção muito chuvoso, as perdas sobem a 5 e 6 por cento.

Com as plantas obtidas de estaca tinha-se observado que as cinchonas levavam anno e meio ou dois annos, primeiro que começassem a crescer bem; com as obtidas de semente verificou-se com prazer que o crescimento era desde logo mais rapido. Sete mezes depois de transplantadas tinham as cinchonas de semente attingido a altura de 2,5 pés.

Por este modo tinham os hollandezes organizado, pelo interior das serras arborisadas de Java a 5000, 6000 e 7000 pés de elevação, sete grandes viveiros e plantações de cinchonas, até ao começar do anno de 1860. A cada uma d'essas grandes culturas preside um feitor com trabalhadores ás suas ordens pagos ao mez. Pelo interior de florestas primitivas, onde cinco ou seis mezes antes nunca se ouvira o som do machado e onde ainda hoje se encontram não poucas especies de

animas ferozes, elevam-se agora as casas de habitação e officinas de cada feitoria.

«É singular» diz o director das culturas «o aspecto que apresentam estes bosques, com os milhares de caminhos que os atravessam, e em que dias inteiros se póde andar sem descobrir fim ás plantações de cinchonas. Lançando a vista para cima descobrem-se primeiro as longas trepadeiras que o vento agita sem cessar, mais acima a alta folhagem do arvoredo por onde filtra a luz do sol, formando apenas aqui e acolá no chão da floresta uma ou outra imagem indecisa; olhando para baixo descobrem-se dos lados, no meio das suas defezas, as cinchonas, e por muito ao longe que se alcance com a vista, por muito que se ande, por toda a parte apparece sob o mesmo aspecto a nova familia do bosque conservado e poupado com todo o cuidado; mata primitiva em toda a sua frescura e virgindade, mas cortada regularmente de caminhos bem limpos, e plantada de quineiras em pleno crescimento e hoje innumereis.»

A estas interessantes noticias, dadas pelo sr. Junghuhn, segue-se a não menos curiosa narração, por elle feita, de uma jornada de inspecção á serra mais consideravel, que os holandezes destinaram á cultura das cinchonas.

N'ella se encontra desenhada, por assim dizer, a feição botanica e meteorologica do paiz, que a industria do homem lhes deu para nova patria.

Partindo-se da idéa que os bosques a uma elevação de 5000 a 7000 pés são a condição primeira para a cultura de quinas n'aquellas latitudes, não ha em Java, segundo o sr. Junghuhn, senão dois que possam até certo ponto rivalisar com os que se descobrem do monte Malawar, olhando para o sudoeste da planura de Pongalengan, d'onde se estendem para o noroeste, sem interrupção desde o monte Weringen até ao monte Patoea, o primeiro com 5300, o segundo com 7400 pés de elevação sobre o mar. Pela cumiada d'esta pequena cordilheira se traçou um largo caminho a uma altura, em media, de 6000 pés, que permite o trajecto todo da serra a cavallo.

Este caminho deve formar a arteria principal das plantações de arvores de quina n'esta serra, que ora subiram ora desceram alguns centos de pés do nivel acima indicado. Conduz o viajante, que o segue, um dia inteiro sem interrupção sob o tecto musgoso da floresta, onde apenas se descobre de quando em quando uma ou outra pequena clareira.

Partindo de Lembang antes do primeiro alvor da manhã, o director das culturas com a sua comitiva dirigiu-se á planura de Bandung (1700 pés de elevação) atravessando em carro plantações de café, *sawahs*, e pomares. Em vez da planura de Bandung só se descobre ao longe um mar de nuvens e nevoeiros, cobrindo tudo a não ser os picaros porphyricos de Ronda, que apparecem como verdes ilhas n'aquelle oceano. Pouco depois já os viajantes se achavam envolvidos nas nevoas, que após as noites serenas recobrem sempre aquellas paragens.

Cortando pela cerração, seguindo pelas estações da posta, e puxados por quatro ou seis cavallos, ás vezes por bufalos, depressa alcançaram a extremidade sul da planura e seguiram pelo valle de Tjisoendari, onde o sol lhes appareceu de novo, permittindo-lhes descobrir o Tji-widei, correndo sobre milhões de fragmentos de lava, que lhe formam um leito de mais de 50 pés de espessura.

Em torno do valle, sobre as collinas que o fecham, vêem-se as arvores de fructa das aldeias, entre as quaes a *Areca catechu*, misturando-se com duas mimosas (*Albizia procera* e *stipulata*) e com o *Aleurites moluccana*, que por entre ellas apparece em grande numero. Galerias de bambús formam em torno das granjas a defeza ou limite.

Ás nove horas, chegados ao districto do Tjisoendari, os viajantes proseguem a cavallo e bem armados por entre os cafeeiros e as *Erithryna indica*, que dão a sombra e amparo de que estes carecem. É que vão entrar brevemente na região das florestas virgens, cuja guarda avançada constituida por gigantescos individuos de *Liquidambar altingiana*, fecha as culturas do café pelo lado superior. Cedendo o passo a estas culturas que prosperam facilmente sobre o solo da floresta, sem

outro preparo mais do que o córte e extracção d'aquellas arvores, vêem-se ainda alguns grupos d'ellas poupados pelo interior das plantações, e observam-se cobrindo uma vasta zona de terreno pelas abas da serra, até 4500 pés de elevação. Entre 5000 e 6000 pés destacam, pela fôrma singular da divisão do seu tronco desde a base, o *Quercus fagiformis*, especie característica d'aquellas elevações, mais acima substituida por outras d'aquelle mesmo genero. Continuando na subida a cavallo por entre a floresta, ás dez horas escurece outra vez o dia, ás onze começa a chuva a cair, como quasi diariamente acontece pela serra em todos as epochas do anno. Os caminhos tornam-se mais estreitos, crescem com o mau tempo os embaraços da jornada, e faz-se por fim a pé o caminho até á cratera de Pattoa, a 6700 pés de elevação.

Um quarto de hora antes já a vizinhança d'este cume da serra se revelára no aspecto da vegetação e do terreno. Caminhára-se até então por baixo de altos arvoredos, cujas copas com a cerção do dia mal se podiam entrever. Na vizinhança da cratera desaparecem as grandes arvores da floresta; em seu lugar vestem o chão entre rochedos matos de vaccineas (*Thybaudia vulgaris*) e de fetos (*Pteris* e *Mertencias*), quasi como nos altos desarborizados do nosso Gerez ou dos montes da Madeira e Açores.

Começa d'aqui o novo caminho, aberto ao longo de toda a serra, que vae por fim sair junto ao monte Weringen na planura de Pongalengan.

As quatro horas, frios, molhados e moidos, obrigados muitas vezes a caminhar a pé, chegam por fim os viajantes á feitoria de Rawah-Tjwidei, a 6000 pés de elevação.

Casas de terra e madeira, officinas e em torno os viveiros de cinchonas, sob os seus abrigos, formam na immensa solidão da floresta um quadro animado e alegre. Está-se no centro da serra que aqui se alarga muito, formando uma bacia central onde a cultura da quina promete tomar, diz o sr. Junguhn, o seu maior desenvolvimento. «A imaginação representa aqui grandes bosques de cinchonas, diz elle, e desenha

o seu futuro em grandes proporções; a vista descobre apenas os viveiros d'ellas por entre os troncos das arvores; mas sente-se algum prazer decorrer da consciencia de ter sido quem ali depoz o germen vividouro, que ha de crescer, e a seu tempo avultar. »

Pernoitando n'esta feitoria e feita a sua inspecção, os viajantes continuam no dia seguinte a sua jornada ao longo da serra, podendo agora até á hora das chuvas observar as essencias florestaes da soberba mata que iam atravessando. Encontram-se entre ellas muitas fórmulas analogas ás das regiões temperadas, varias especies de carvalhos, castanheiros e bordos, enormes *Podocarpus*, genero de coniferas do sul da Africa, varias *Myrtaceas*, *Laurineas* e *Dilleneaceas*. Avultam entre todas o *Podocarpus cupressinus* e uma *Melastomacea*, a *Astronia macrophylla*. A 60 e 70 pés se elevam os troncos magestosos e singularmente uniformes d'estas grandes arvores, quasi todos revestidos por igual de musgos, lichens e fetos, entre os quaes se faz notar o *Asplenium nidusavis* pelo modo elegante por que, a começar de 10, 20 ou 30 pés do chão, veste metade ou tres quartos da circumferencia das arvores.

Os ramos carregados de parasitas são a sêde de outra grande e variada vegetação. Crescem n'elles, ou attingem-nos enroscando-se pelos troncos, um *Rhododendron* de grandes flores vermelhas, um morangueiro, a *Fragaria obovata*, muitas *Araliaceas* e até uma *Vaccinea*. Engrossados alem d'isso com fartos musgos e orchideas parasitas, o seu diametro excede muitas vezes o dos proprios troncos.

As dez escurece tudo de novo com as chuvas, a temperatura de 16° C. desce a 12° e a menos. Continuando a jornada os viajantes passam por outro viveiro de cinchonas, o de Reongoenang, a 5000 pés de elevação, e continuando a descer vêem as arvores da parte mais elevada da floresta de que apontámos as principaes, cederem o logar primeiro ao *Quercus fagiformis*, mais abaixo ás fórmulas mais tropicaes de *Naucleas*, *Euphorbiaceas*, *Millingtonia* e da *Gordonia Wallichii*. Enroscam-se pelos troncos trepadeiras do genero *Freycinetia*, destacam na copa

da floresta as grandes folhas espinhosas e singulares da gigantesca palmeira *Plectocomia elongata* e as fôrmas lustrosas da *Cedrela febrifuga*. Por fim, descendo ainda, vêem-se avultar por toda a parte os bambús (*Bambusa elegantissima*), os cafeeiros e as grandes figueiras das quintas javanezas.

A interessante descripção da vegetação das serras de Java, que acabámos de resumir, mostra-nos a cultura das quinas n'uma zona de vegetação muito superior á das culturas usuas d'aquellas regiões, e cercada de fôrmas analogas ás de regiões temperadas. Quatro zonas se podem, segundo ella, distinguir nas montanhas da possessão hollandeza:

1.^a A região agricola das *arecas*, dos *cafeeiros*, da *Erythrina indica*;

2.^a A região do *Liquidambar altingiana*, que não excede 4500 pés;

3.^a A região dos *Quercus*, dos *Podocarpus*, da *Astronia*, etc., e da cultura da quina, que se eleva até mais de 6000 pés;

4.^a A região das crateras ou picaros mais elevados, da *Thibaudia*, dos *Pteris* e *Mertensia*.

Concluiremos este quadro com o extracto seguinte das observações meteorologicas feitas em Java (posto de Tjikadgang, regentschap Soekapoera) a 3845 pés de elevação, no anno de 1859, e publicadas no — *Natuurk. Tijdschrift de Batavia*, tomo xxii, pag. 305.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Orem dos Farmacêuticos

	Temperatura media	Dias de chuva
Dezembro . . .)		
Janeiro)	19°,79	59
Fevereiro)		
Março)		
Abril)	20°,12	60
Maió)		
Junho)		
Julho)	19°,34	32
Agosto)		
Setembro)		
Outubro)	19°,32	52
Novembro)		

Varição mensal maxima	1°,39 C.
Maxima temperatura observada	28°,3
Minima	7°,8
Varição maxima	20°,5
Maximo numero de dias de chuva por mez	27
Minimo	7

A temperatura media de Batavia é de 26°,4, a da região de Java onde se faz a cultura das quinas deve regular de 15° para menos.

Ao findar do anno de 1859 achava-se pois a cultura da quina estabelecida em larga e brilhante escala na India hollandeza. Na lista das especies introduzidas até aquella data vêem-se comtudo figurar apenas, quando muito, 5 especies. Vejamos o valor de cada uma á luz das noticias que nos dão as obras dos srs. Howard e Weddel e as recentes analyses publicadas pelo sr. De Vrij.

1.º *C. calisaya*, Wed. Importada directamente do Perú pelo sr. Hasskarl e trazida tambem das estufas de Paris. É por commum accordo dos modernos quinclogistas uma excellente especie, senão a melhor, do Perú e Bolivia. As primeiras analyses da quina, que produziu em Java, logo confirmaram a boa expectativa em que se estava a seu respeito, e acabam de receber nova saneção nas ultimas 17 publicadas pelo sr. De Vrij, com data de abril de 1864. Mostram estas que foi de 1,94%, em media, a proporção total dos alkaloides na quina de tronco e ramos extrahida de 14 arvores calisayas de Java. Deve notar-se que este resultado diz respeito, em grande parte, a plantas em condições anormaes de crescimento. Nove tinham succumbido por este motivo. A media dos alkaloides nas 5 restantes é de 2,26%, sendo de quinino 1,19, de cinchonino 0,73, de outros alkaloides 0,34%. Da maior idade das arvores e do aperfeiçoamento da cultura ha naturalmente a esperar resultados superiores. Hoje a mais antiga arvore de quina calisaya em Java, a que foi importada de Paris em abril de 1852, pouco pôde exceder 13-14 annos de idade.

2.º *C. lancifolia*, Mutis. As sementes importadas para Java com este nome pertencem á variedade de *lancifolia* descripta pelo sr. Karsten com o nome de *discolor*, e foram por elle colhidas na Nova Granada e cedidas em proveito do governo hollandez. A determinação especifica das plantas assim designadas em Java está pois ao abrigo de duvida. A quina do tronco, que d'ella ali se obteve, deu 4,13% de alkaloides; sendo de quinino 2,3, de cinchonino 1,83. A da raiz deu 2,91, a dos ramos 0,18%. Estes numeros são os dados pelas 3 unicas analyses d'esta especie, que se lêem na já citada tabella analytica do sr. De Vrij. São porém, como se vê, dos mais animadores.

3.º *C. pahudiana*, How. Introduzida com o nome de *ovata* pelo sr. Hasskarl, que a encontrou perto de Uchubamba no Perú central em região de quinas muito menos estimadas; tida algum tempo pela *lucumaeifolia* e assumpto de seria decepção para os hollandezes, por occasião das primeiras analyses da quina dos troncos e ramos que produziu em Java. O estudo ulterior d'esta especie, as suas affinidades botanicas nada revelaram tambem em seu abono. 23 novas analyses do sr. De Vrij confirmam, hoje ainda, o resultado desfavoravel obtido nas primeiras; estabelecem porém um facto, não sem interesse, que vem a ser a proporção bastante elevada de alkaloides encontrados na quina da raiz d'esta especie. A media de 10 analyses é 1,8%; sendo de advertir que uma representa já o termo medio da proporção de alkaloides nas raizes de 100 plantas pahudianas com 2½ annos apenas de idade. É para desejar, e talvez de esperar, que os esforços perseverantes que os hollandezes têm empenhado a seu respeito, consigam por fim de alguma fórma o aproveitamento d'esta especie; que lhes merece, com rasão, particular interesse pela grande facilidade relativa com que se multiplicou em Java, não menos que pelo nome honroso que recebeu.

4.º *C. succirubra*, Pav. Trazida para Java entre as plantas vindas das estufas de Hollanda em 1855, e nos primeiros tempos confundida entre as mais, foi por fim notada e reduzida

pelo naturalista Junghuhn. Parece que se ignora o modo por que foi introduzida em Hollanda, sendo planta de um paiz não visitado pelo commissario hollandez, ou pelo menos não tendo sido nunca encontrada por outrem fóra da região do Equador, vizinhanças de Quito e Chimborazo, onde não chegaram as excursões do sr. Hasskarl. A ser devida ás colheitas d'este ultimo, e verdadeira a sua determinação especifica feita em Java, estabeleceria isso, segundo o sr. Howard, um *habitat* novo e bastante importante para esta especie valiosa. Como quer que seja, nada nos diz o sr. De Vrij sobre os resultados da cultura hollandeza das plantas d'este nome.

5.º *Cinchona lanceolata*? Tal é o modo por que o sr. Junghuhn em dezembro de 1859 designava umas plantas de quina importadas com aquelle nome. Na obra — *Illust. of the Nueva Quinologia* — vemos a genuina *C. lanceolata*, Pav., descripta como especie pouco estudada, mas classificada ainda assim como talvez das bastante valiosas. Ahi se diz tambem que o commissario hollandez colhéra exemplares de cinchonas, que parecem ser d'esta especie. Entretanto as plantas que em Java têm aquelle nome pareciam distinguir-se, apenas e quando muito, como variedade da especie pahudiana. Tambem sobre ellas nada nos dizem as analyses do sr. De Vrij.

N'esta lista de cinchonas introduzidas em Java até 1860 figuram pois duas unicas de valor incontestavel e grande, duas talvez de importancia, mas ainda pouco averiguadas; uma emfim de prestimo muito contestavel. Entretanto o quadro das culturas hollandezas n'aquella data accusa apenas umas 16000 plantas e sementes das primeiras quatro, em contraste com 920000 d'esta ultima. A boa especie *C. lancifolia* figura na lista só com 14 individuos.

Vê-se por isto quanto as culturas hollandezas 6 annos depois de começadas corriam ainda, por um concurso menos feliz de circumstancias, afastadas do melhor caminho, no que toca a boa escolha de especies. O erro commettido tornou-se emfim patente, e o governo, segundo nos diz o sr. Rochussen na sua noticia lida em Paris, deu por fim ordem de não augmentar

mais o numero das pahudianas e de cuidar antes das especies reconhecidamente ricas em quinino, particularmente das calisayas. Em dezembro de 1862 devia o numero de arvores d'esta especie, já dispostas pelas florestas de Java, elevar-se a mais de 8000, de 800 que não excedia em dezembro de 1859.

Algumas observações que nos despertam ainda os processos hollandezes de multiplicação e cultura das quineiras terão melhor cabimento depois do leitor ter tomado conhecimento com a seguinte noticia dos processos inglezes. Poremos ponto a este artigo, notando sómente o caracter que mais sobresae no systema hollandez que atrás resumimos. A cultura da quina tomou em Java uma fórma essencialmente florestal. Tudo ali se passa no interior das florestas, a criação nos viveiros como a plantação definitiva; ao passo que a propagação por sementeira é de todo preferida aos minuciosos processos, mais hortícolas do que florestaes, da multiplicação por estaca e sob vidro. Na India ingleza vê-la-ha o leitor assumir um caracter bem diverso pela tendencia que ali se manifesta de a associar á cultura do café, do chá, dos bambus; e pelos delicados processos hortícolas ali preferidos para a reprodução nos viveiros. B. B. G.

(Continua.)

Quando em 1857 mr. De Vry fez a sua viagem de Hollanda a Java, demorou-se um mez em Ceylão, e teve occasião de examinar o *borassus flabelliformis*, chamado vulgarmente palmeira de Palmyra, pelos inglezes estabelecidos em Ceylão, e entre os productos da industria indigena notou sobretudo o assucar vendido pelos naturaes do paiz debaixo do nome de *jaggery*. O grande numero d'estas arvores levou-o, em uma conversação com alguns negociantes da localidade, a apresentar a idéa de que seria possivel fazer d'estas uma cultura regular para lhes extrahir grande quantidade de assucar. Mas como a demora de mr. De Vry em Ceylão era muito limitada, e como para mais não tinha instrumentos nemapparelhos para fazer os ensaios necessarios, não se occupou d'esta questão senão quando, tendo entrado no interior de Java, lhe

chamou a attenção a grande quantidade de assucar que os javanezes que habitam o *Preanger Regentschappen* tiram da palmeira de Aren (arenga saccharifera). O sr. professor Reinwardt affirmava que este assucar era simplesmente glucose, mas mr. De Vry reconheceu que postoque os indigenas o extrahiam por um processo imperfeito e nada methodico, contém apesar d'isso uma grande proporção de assucar de canna. Eis o processo:

Apenas a palmeira começa a florescer corta-se uma parte do caule que sustenta a flor; são então da incisão assim praticada um succo que contém assucar e que se recolhe em tubos feitos de cannas de bambú, previamente expostas ao fumo para impedir a fermentação do succo, que sem esta precaução se produziria muito rapidamente pela dupla influencia do calor do clima e da presença de uma materia azotada. O succo assim obtido é immediatamente lançado em bacias de ferro, fundas, aquecido ao fogo e concentrado pela evaporação até que uma gota do liquido se solidifique quando se faz cair sobre uma superficie resfriada; chegado ao desejado grau de concentração que esta prova nos revela lança-se todo o conteúdo da caldeira em fôrmas ou grandes lozangos prismaticos. Obtem-se assim annualmente muitas mil libras de assucar. O sr. De Vry recolheu uma porção do succo em uma garrafa de vidro propria, e reconheceu que o succo não alterado não contém glucose alguma, mas contém um principio azotado que com o calor do clima não tarda a converter em glucose uma parte do assucar de canna. Para provar, sem empregar meio algum artificial, que o succo da palmeira de Aren contém assucar de canna puro, o sr. De Vry recolheu uma parte do succo que exsudava da arvore, fazendo-o cair directamente no alcool; o principio azotado de que já fallou é eliminado immediatamente pela coagulação. Uma mistura assim obtida de partes iguaes do succo e de alcool foi depois da filtração evaporada a banho-maria até á consistencia de xarope. Tendo o mesmo sr. De Vry levado consigo este xarope para sua casa em Java, o xarope solidificou-se-lhe no caminho, apresentando bellos crystaes

bem definidos de assucar de canna, que foram immediatamente reconhecidos como taes por todos os competentes. No congresso de Giessen fallou elle da preparação do assucar da palmeira como o unico modo racional de obter o assucar para o futuro, apoiando-se nas rasões seguintes: o assucar, por si mesmo, não sendo no seu estado de pureza, composto senão de carbonio, hydrogenio e oxygenio, não rouba nada ao solo; mas as plantas que hoje se cultivam para se obter assucar; a saber: a *beta vulgaris* e a *canna indica* têm necessidade, para se desenvolver, de uma grande porção de substancias do solo onde crescem; d'onde se segue que a sua cultura empobrece o solo. Mas não é este o maior mal; o peor é que o espaço occupado hoje pelas betarrabas na Europa, e pelas cannas do assucar entre os tropicos poderia e deveria servir para a cultura do pão e pastagens na Europa, e para a cultura do arroz nos tropicos; e a opinião do sr. De Vry é que em rasão do constante augmento da população na Europa e na Asia, não vae longe o tempo em que será absolutamente necessario consagrar á cultura do trigo e do arroz o espaço de terreno occupado hoje pela betarraba e pela canna do assucar, para satisfazer ás necessidades crescentes d'estes artigos do consumo. Emquanto que a canna do assucar e a betarraba exigem um solo proprio aos cereaes, a palmeira de Aren prospera sobre terrenos completamente improprios para esta cultura, e tão improprios que debalde se fariam ensaios para n'elles fazer crescer o arroz e os cereaes; a palmeira de Aren abandona os valles profundos de Java, afastando-se n'algumas partes da ilha dos bordos do mar para o interior, onde a palmeira se encontra disposta em grupos, e é muito possivel fazer ricas plantações d'esta bella arvore. Ha um inconveniente, mas que não é importante, e é que a arvore deve ter onze a doze annos para ser propria para fornecer assucar. Mas logo que ella o fornece a operação póde ser feita durante muitos annos, e a preparação do assucar torna-se uma industria continua, e não interrompida, como o é hoje. Segundo o calculo do sr. De Vry, um campo de 30 ares plantado d'estas arvores

produziria annualmente 24:000 kilogrammas de assucar, e em um solo completamente improprio a toda a outra especie de cultura.

CHEMICA

SOBRE UM NOVO PHOSPHATO DE ALUMINA HYDRATADO RECOLHIDO EM UM TUMULO CELTICO DO MORBIHAN

PELO M. A. DAMOUR

A materia mineral de que se trata n'esta noticia foi encontrada em um tumulo celtico em Manèer-H'rock, em Lockmariaquer, em seguida ás pesquisas executadas pela sociedade polymathica do Morbihan, debaixo da direcção de M. René Galle, membro d'esta sabia sociedade.

Esta materia apresenta a fórma de farrapos ovoides ou segmentos de diversas grossuras, desde a de uma lentilha até á de um ovo de pomba. A perfuração é desigual, dilatada nos orificios, como se observa sobre as mais antigas pedras trabalhadas, e sobre as que se recolhem ainda em nossos dias em certas tribus selvagens. A côr d'esta materia é verde maçã, approximando-se de verde esmeralda. Algumas amostras são semelhantes ao marmore com partes brancas e azuladas; outras são manchadas de veios e de manchas escuras ou negras, por via de uma mistura accidental de materias argilosas.

A substancia mineral é translucida, quasi tanto como a chrysopraxe. A sua fractura é composta como a da cera. Ella risca o calcareo, mas é facilmente riscada por uma ponta de aço. O seu pó é branco e a sua densidade igual a 2,50, a 2,52.

Aquecida n'um tubo de vidro a uma temperatura um pouco inferior á do rubro nascente deixa desenvolver muita agua que não exerce reacção sobre o papel de tornasol; decrepita, perde a côr, torna-se opaca e toma uma côr de escuro chocolate. N'este estado torna-se muito friavel.

Á chamma do maçarico torna-se infusivel. O borax e o sal de phosphoro a dissolvem com facilidade sem coloração notavel. A addição de um globulo de estanho no sal phosphorico não dá reacção de cobre.

Os ácidos nítrico e chlorhídrico só a atacam parcialmente, deixando um pó branco insolúvel; mas quando tem sido previamente calcinada, o ácido nítrico a dissolve quasi na totalidade, deixando apenas um fraco residuo escuro formado de sílica e de oxido de ferro. A dissolução nítrica ácida dá um abundante precipitado amarello pallido, quando se lhe lança nitrato cerico (reacção do ácido phosphórico).

A potassa caustica dissolve esta materia mesmo a frio, deixando um fraco residuo acinzentado.

A analyse foi feita em 0^{gr}.7135 de materia, e segundo o methodo dado por M. Aimé Girard (*Bulletin de la société chimique de Paris*, tomo 1, pag. 20).

Aqueceu-se primeiro o mineral ao rubro vivo em um apparelho destinado a recolher a agua desenvolvida por esta calcinação. A agua pesou-se directamente.

A materia assim calcinada foi dissolvida no ácido nítrico fervente. A dissolução diluida de agua foi filtrada para lhe separar uma porção de sílica e de oxido ferrico que ficaram insolúveis.

Ao licor ácido frio juntou-se estanho laminado, e formou-se phosphato estannico insolúvel que se lavou por decantação e se recolheu depois sobre um filtro para o separar do liquido ácido que continha alumina.

Dissolveu-se este phosphato estannico na agua regia, saturou-se o licor pelo ammoniaco, e dissolveu-se o precipitado de phosphato estannico no sulphurato de ammoniaco.

O licor sulphuroso foi filtrado para lhe separar uma pequena quantidade de alumina e sulphureto de ferro. No licor claro juntou-se nitrato de magnesia ammoniacal, que deu um precipitado de phosphato ammoniaco-magnesiano, com o auxilio do qual se dosou o ácido phosphórico.

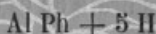
O licor ácido separado do phosphato estannico foi saturado pelo sulphurato de ammonia para precipitar a alumina. Esta alumina tornou-se ennegrecida pela presença de um pouco de sulphureto de ferro. Calcinou-se e pesou-se, e depois fundiu-se com a potassa para separar o oxido de ferro.

O licor ammoniacal sulphuroso, separado da alumina, foi evaporado a secco, deixando apenas um fraco residuo escuro, contendo pequena porção de cal e de oxydo de manganeseio.

A analyse deu os numeros seguintes, expressos em

	Decimos-millesimos	Oxygenio	Relações
Acido phosphorico ..	0,4258	0,2398	5
Alumina	0,2957	0,1377	} 0,1432 3
Oxydo ferrico	0,0182	0,0055	
Agua	0,2362		
Cal	0,0070	0,2099	5
Oxydo de manganeseio	Vestigios		
Residuo silicoso	0,0210		
	<u>1,0039</u>		

Esta composição pôde exprimir-se pela formula



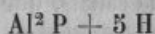
que dá

	Em decimas-millesimas
1 equivalente de acido phosphorico	887,5 = 0, 4239
1 equivalente de alumina	644,0 = 0, 3075
5 equivalentes de agua	562,5 = 0, 2686
	<u>2094,0</u> <u>1, 0000</u>

Na analyse que precede vê-se que falta uma porção de agua para que as relações indicadas sejam exactas; mas sabe-se quanto é raro obter a precisão theorica quando se opera em mineraes amorphos, que podem conter diversas materias misturadas e ter mesmo perdido uma certa quantidade da sua agua de combinação, pelo facto da sua exposição ao ar.

Vê-se igualmente que o mineral de que se trata deve ser classificado a par da torqueza oriental, composta como elle dos mesmos elementos, mas que se acham unidos em proporções differentes. Effectivamente, segundo as analyses de M. Her-

mann e a de M. Rivot a composição da torqueza do oriente pôde ser approximativamente comparada pela formula



que dá

	Em decimas-millesimas
1 equivalente de acido phosphorico	887,5 = 0, 3241
2 equivalentes de alumina	1288,0 = 0, 4704
5 equivalentes de agua	562,5 = 0, 2055
	2738,0 1,0000

O mineral que acabo de descrever differe pois da torqueza oriental, não só pelas proporções dos seus principios constituintes, como por seus caracteres externos.

A torqueza effectivamente é antes opaca que translucida; a sua côr habitual é a do azul celeste mais ou menos carregado; sua dureza e densidade são superiores ás do novo mineral. Acrescentarei que a torqueza oriental deve a sua côr ao oxydo de cobre, emquanto que a côr verde da nova materia me parece ser devida ao oxydo de ferro.

Segundo estas differenças bem apreciaveis sou de parecer separar estas duas substancias na classificação de especies.

Muitos mineralogistas designaram a torqueza com o nome de *calaite*, referido-se assim á materia preciosa que Plinio chamava *callaïs*. Ora eis-aqui a descripção que dá Plinio: « A *callaïs* é de um verde pallido; encontra-se em pedaços volumosos, mas muitas vezes perfurados de cavidades e sujos de materias estranhas. Talham-se estas pedras, que finalmente têm pouca dureza. As mais estimadas têm a côr de esmeralda (*optimus color smaragdi*). Quanto mais bellas são, mais facilmente perdem a sua côr pela acção do oleo dos vegetaes ou do vinho; as menos bellas conservam-se melhor. Não ha pedra mais facil de contrafazer por meio de materias vitreas. »

Estes poucos caracteres seriam hoje bem insufficientes para descrever uma especie em mineralogia. Pareceu-me comtudo

indicar certas relações com a substancia verde de que se trata, melhor ainda que com a torquesa, que é azul; vê-se que Plinio insiste sobre a côr da *callaïs*, que colloca entre as pedras verdes.

Proponho por consequencia applicar o nome de *callaïs* ao mineral de que acabo de dar a analyse, reservando o de torquesa á pedra preciosa de côr azul celeste, e bem conhecida pelo uso que d'ella fazem os lapidarios.

Qual é o terreno natural da *callaïs*? De que logar foi ella trazida antes de ser encerrada nos tumulos celticos de Morbihan? Esta questão está inteiramente para resolver no ponto de vista da archeologia. Não conheço na Bretanha nem em outras partes da França outra alguma semelhante. Existem comtudo em Saxonia, na Silesia e nos Montes Ourals diversos mineraes analogos, descriptos com o nome de *péganite* ($Al^2 Ph + 6 H$), de *variscite*, etc., e de *fischerite* ($Al^2 Ph + 8 H$); mas nenhum d'elles se refere exactamente, nem pelos caracteres exteriores, nem pela composição, á *callaïs* que acabo de descrever.

Plinio, que é ainda permittido consultar sobre este ponto, nos diz: «A *callaïs* encontra-se para lá das Indias, nos Phycaros, que habitam o monte Caucaso, nos Saces e Daces. A que vem de Carmania é a mais pura e mais agradável á vista. N'estes diversos logares acha esta pedra sobre rochedos inacessiveis, onde ella se vê engastada perfeitamente; não adhere senão fracamente, como se não houvesse tido ali origem, e antes como se fosse para ali trazido. Os habitantes do paiz, que são cavalleiros, não querendo lá subir, já por preguiça, já pelo receio de perigo, as atacam de longe a golpes de funda, e as fazem cair com o lichen que as cobre. É assim que vão á procura dos *callaïs*. Fazem d'elles muito agradaveis ornamentos, que trazem na cabeça e nos dedos.»

Ainda por este modo singular de exploração, a proveniencia indicada por Plinio refere-se bastante á da torquesa oriental, cujos jazigos se conhecem actualmente em algumas partes da Persia, e principalmente perto de Nichabour, no Khorassan.

Não é improvavel que o callaïs verde e a torqueza, formados dos mesmos elementos, se tenham encontrado em um mesmo jazigo. Em apoio d'esta opinião faremos notar que o museu archeologico, fundado em Vannes pela sociedade polymathica do Morbihan, contém com os callaïs muitas outras pedras que se acharam confusamente com ellas no mesmo tumulo celtico, e cuja côr azulada mais ou menos pallida recorda exactamente a de certas torquezas da variedade a mais commum. Um ensaio me mostrou que estas pedras azues são como a torqueza e o callaïs compostas de acido phosphorico, de alumina e de agua. Junto d'estas materias se achavam ainda reunidas em grande numero lascas de pedra polida de diversa natureza, que a sociedade polymathica fez obsequio de confiar ao meu exame, e cuja composição fiz conhecer promptamente.

(Anal. de chym. e de phys.)

PEÇAS OFFICIAES

REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA
AO GOVERNO, CONTRA UM EXAME DE PHARMACIA ILLEGAL
FEITO EM LOANDA POR ORDEM DO GOVERNADOR GERAL

Senhor:—A sociedade pharmaceutica lusitana vem hoje representar a Vossa Magestade contra um abuso attentatorio da dignidade da classe que representa, das regalias e immunidades das escolas regulares e de toda a legislação portugeza sobre instrucção superior.

A junta de saude de Angola, arrogando-se prerogativas que não tinha, nem podia ter, commetteu o inqualificavel abuso de admitir a exame publico de pharmacia um individuo a quem, depois de examinado e approvedo pela mesma junta, se mandou passar um diploma em nome do conselho de saude naval e do ultramar, e assignado pelo governador geral da provincia.

A sociedade pharmaceutica lusitana não pôde deixar de protestar muito solememente contra semelhante procedimento!.. Quem investiu a junta de saude de poderes que a

lei só dá ás escolas regulares?! Com que direito ousa o governador geral de Angola assignar e auctorisar um diploma de pharmaceutico, arrogando-se assim uma competencia a que não tem nem póde ter direito? O conselho de saude naval e do ultramar não podia investir a junta de poderes que elle mesmo não tem, e não póde deixar de estranhar e reprovavar este facto... logo em nome de quem se praticou semelhante abuso? Vossa Magestade, como socio protector d'esta sociedade, e como protector nato da classe pharmaceutica portugueza, de certo se dignará mandar adoptar as devidas providencias, não só para que escandalos d'esta ordem se não repitam, senão tambem para que um diploma havido por meios illegaes e tão pouco honrosos, seja mandado cassar com toda a urgencia, a fim de evitar os grandes perigos que de um tal abuso podem provir á saude publica d'aquella provincia.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, em 2 de setembro de 1865. = *Joaquim José Alves*, presidente = *Joaquim Urbano da Veiga*, primeiro secretario = *José Ribeiro Guimarães Drack*, segundo secretario.

VARIÉDADES

Serpente de Pharaon.—Dá-se este nome a um pequeno cone ou trocisco, a que se lança fogo por seu vertice, desenvolvendo n'este acto um cylindro oco, prolongado, e que por seu aspecto exterior se assimilha um tanto á cobra. Segundo a analyse é formada de *sulpho-cyanureto de mercurio*, substancia eminentemente venenosa, e que póde ser prejudicial, principalmente manejada pelos inexperientes. Os gazes que se desenvolvem durante a combustão não estão isentos de serem perigosos, e convem portanto que o publico tenha conhecimento d'estas substancias, e ainda mais que a auctoridade competente prohiba a sua venda.

PHARMACIA

CULTURA DAS PLANTAS QUE DÃO A QUINA

(Continuado de pag. 51)

III

Cultura da quina na India ingleza — Primeiros ensaios na serra de Neilgherry (11°, 10' a 44°, 32' latitude norte) — Processos de multiplicação e plantação adoptados e descriptos pelo superintendente Mc Ivor — Admiraveis resultados obtidos — Quadro botânico e meteorológico da região dos Neilgherries — Noticias mais recentes d'estas e outras plantações inglezas — Parallelo com as culturas de Java.

Em janeiro de 1860 começaram a chegar á India as valiosas remessas de sementes e plantas de cinchona, devidas ás diligencias dos tres commissarios inglezes enviados ás praias do Pacifico. Por ordem do governo foram todas dirigidas para a serra dos Neilgherries, ou montes azues, ao sudoeste da peninsula indostanica. Elevam-se estas montanhas, dependencia dos Gates occidentaes, acima das altas planuras da provincia de Mysore, dominando por outro lado abruptamente as planicies de Coimbatore, que a 4°-5° ao sul da nossa Goa separam em duas partes distinctas aquella cordilheira. O pico de Dodabetta, ponto culminante da serra, attinge 8610 pés de elevação acima do mar (2624 metros), sendo para o sul dos Himalayas o mais consideravel.

É n'esta região que desde 1820 cresce e prospera uma colónia europea, Ootacamund, attribuida para ali pela frescura e salubridade do clima e pela riqueza do solo. É n'ella que o governo de Madras já desde 1848 sustenta bellos jardins de acclimação. As vantagens particulares de estabelecimentos d'este genero, em que vemos de ordinario tão sollicitos os governos coloniaes hollandezes e inglezes, parece terem sobre-saído notavelmente em Ootacamund, pela pericia distincta do seu superintendente Mc Ivor, chamando sobre elle a attenção publica. Esta circumstancia muito feliz, como nota o sr. Markham¹, e as bellas condições de clima e solo da serra, a mais

¹ Travels in Peru and India, 1862.

importante do sul da India, aconselharam naturalmente o governo a escolher Ootacamund para centro dos primeiros ensaios, entregando-os aos intelligentes cuidados do sr. Mc Ivor. No encargo honroso, que lhe foi commettido, viu-se porê m o horticultor inglez auxiliado do modo o mais effcaz, pelos conhecimentos colhidos pelos commissarios e jardineiros inglezes enviados ao Peru, tres dos quaes visitaram Ootacamund, estudando e comparando as condições meteorologicas e botanicas dos Neilgherries com as das diversas regiões americanas, onde tinham encontrado as especies de cinchona, a cuja primeira cultura iam agora assistir. Abundancia de utilissimas observações sobre o clima, solo e vegetação companheira das quinas achou-a elle não menos nos relatorios da maior parte dos membros das tres expedições inglezas, entre os quaes se contavam pessoas como o distincto botanico Spruce, das mais habilitadas para tratarem taes assumptos. Acresceu ainda a este já muito valioso peculio de informações o contingente fornecido pelos cultores hollandezes, nas suas publicações sobre o assumpto, assim como os resultados de varias visitas ás plantações de Java por novos commissarios inglezes, ali mandados para esse fim. Nenhum recurso foi pois desprezado. O horticultor inglez dispoz tambem logo desde o principio de um grande meio para a germinação e propagação rapida das plantas — uma estufa.

A primeira sementeira foi feita na India em fevereiro, e deu poucas plantas, sendo o motivo d'isso, segundo o mostraram ultteriores tentativas, o ter-se escolhido para ella uma terra menos solta do que é conveniente. Mas novos ensaios foram coroados de resultados cada vez mais lisonjeiros. As plantas recémchegadas da America, sempre mais ou menos sentidas de uma viagem tão extraordinariamente dilatada, recuperaram em pouco todo o seu vigor natural. A temperatura que se julgou conveniente manter nas estufas, e sob a qual se produziram estes primeiros bons resultados, foi de 15°,6 C. de manhã, elevando-se durante o dia até 24° C. O ar e a luz não lhes foram poupados. Em outubro o sr. Mc Ivor fez

baixar a temperatura de uma das estufas a 12°, 8 C. de noite e a 18°, 3 C. de dia. As plantas parece terem agradecido notavelmente esta mudança de condições. Ainda no outono d'este primeiro anno se decidiu a construcção de uma nova estufa, especialmente destinada á multiplicação das cinchonas, e em principios de dezembro começou a funcionar o novo estabelecimento, capaz de abrigar cerca de 8:000 plantas. Entretanto foram-se empregando os mais delicados processos hortícolas para obter a multiplicação dos individuos com a maxima brevidade, por estaca, borbulha e mergulhia. Escolheram-se os sitios mais accommodados á plantação definitiva, tendo muito em conta as diversas exigencias das muitas especies introduzidas, e em abril de 1862 prepararam-se os primeiros *acres* de serra para inaugurar a cultura ao ar livre. O seu numero, segundo o sr. Markham, foi de 120, em dois locaes separados, um a 7:600 até 7:700 pés, outro a 5:000 até 7:000 pés de elevação. Em 31 de agosto de 1862 subiam já a 137:00 as plantas definitivamente dispostas no terreno, e confiadas sem maior abrigo ao céu da India.

Em 1863 achava-se o sr. Mc Ivor com uma somma consideravel de experiencia, colhida em tres annos de assidua e intensiva cultura, e por ordem do governo de Madrastra publicava as suas *Notas sobre a multiplicação e cultura das cinchonas medicinaes*, cujos paragraphos mais especiaes sobre o objecto vão aqui reproduzidos em portuguez e acompanhados das gravuras mais illustrativas dos processos inglezes.

2 *Escolha do sitio para a plantação.*—É talvez o mais importante negocio a que se deve attender, porque a maior parte do bom exito das plantações dependerá de ser apropriado o sitio escolhido. Em primeiro lugar as cinchonas demandam terra rica de floresta, cujo solo seja formado superficialmente de humus denegrido ou côr de chocolate, de dois até tres pés de fundo, assente sobre um sub-solo aberto, a fim de dar efficaz escoamento ás aguas, porque nada é tão nocivo ás cinchonas como a agua estagnada nas raizes; pelo que toda a terra que tenha sub-solo em que a agua empoce é absolutamente impropria á sua creação. O sitio deve ser bem abrigado dos ventos predominantes, e a necessidade d'isto procede de que as folhas da quina ver-

melha¹ e as das quinaz einzentas² são em novas tão largas e tenras, que as ventanias actuam sobre ellas com tal força, que não só dilaceram e estragam as proprias folhas, mas torcem e prejudicam gravemente as plantas. As quinaz amarella³ e de rei⁴, sendo especies de folhas pequenas, aguentam melhor o vento, e dão-se em sitios mais expostos; todavia um certo abrigo é sempre desejavel para prosperar a cultura de todas as especies.

«3 *Exposição*.—A exposição das plantações deve ser ao norte ou noroeste; a de nordeste será tambem favoravel onde os ventos que acompanham a monção d'este nome (inverno) não são rijos. A razão por que a exposição norte é benefica n'estas latitudes é por ser muito mais humida durante a estação secca do que a exposição sul; e isto depende de que a declinação do sol n'estas partes durante a estação secca e de céu limpo é para o quadrante do sul, e por isso nos declivse ao norte os raios do sol não penetram nem queimam o solo. A exposição norte tem tambem a vantagem de conservar uma temperatura muito mais uniforme do que a do sul, porque a excessiva irradiação e evaporação dos declives do sul diminue muito a temperatura de noite, enquanto que de dia são excessivamente aquecidos pela acção dos raios do sol, caindo na superficie quasi em angulo recto. Os effeitos praticos da exposição das plantas são tão consideraveis que se não pôde desprezar impunemente esta condição, e a fim de imprimir esta verdade na mente de todos os que houverem de escolher sitio para a cultura das cinchonas, digo que a differença de temperatura é quasi incrível: por exemplo, n'esta elevação (Ootacamund) o thermometro, posto sobre a superficie da face sul de um outeiro exposto ao sol, ás tres horas da tarde indicará frequentemente de 130° a 150° Fahr.; o mesmo thermometro deixado n'esta posição e observado ás seis horas da tarde indicará em geral de 30° a 40° Fahr., ao mesmo tempo que se escolhermos um semelhante declive exposto ao norte, o thermometro, sob as mesmas circumstancias, ás tres horas da tarde indicará geralmente 70° a 80° Fahr. e ás seis horas da manhã de 40° a 50° Fahr. Todos os auctores são conformes em dizer que as cinchonas se aprazem n'uma temperatura uniforme, e isto tem sido inquestionavelmente provado pelas proprias plantas que aqui se estão creando: d'onde fica plenamente demonstrada a vital importancia da exposição. E ainda sobre este mesmo assumpto cumpre observar que um valle profundo e estreito é tambem improprio para a cultura das cinchonas, porque o ar

¹ *C. succirubra*, Pav.

² Veja-se pag. 65 do tomo 1.º da serie v, anno de 1865.

³ *C. calisaya*, Wedd.

⁴ A quina de rei, ou *crown bark* dos inglezes, é dada pelas especies ou variedades *C. chahuarguera*, *C. crista* e *C. uritusinga*.

frio produzido á noite de cada lado pelos outeiros vizinhos, sendo de maior gravidade especifica que o ar quente, precipita-se e enche o valle, deslocando o ar quente, e reduzindo a temperatura do valle a um grau damnoso ás cinchonas.

« 4 *Chuva.* — Uma quantidade moderada de chuva (de 60 a 100 pollegadas ao anno), caindo uniformemente a intervallos não mui grandes, é mui benefica á creação das cinchonas, que folgam sobretudo com chuveiros e estiadas, o que tem sido claramente demonstrado pelo rapido crescimento e bella e vigorosa apparencia que apresentam as plantas em Nedddivuttum durante os mezes chuvosos de outubro e novembro. Chuva mui continuada é decididamente nociva á saude das plantas, como tambem o continuado estio; mas entre as duas cousas é preferivel a ultima, porque as plantas medram bem por meio da rega.

« 5 *Elevação, temperatura, etc.* — A mais propria elevação é de 4:500 até 7:000 pés; mas diferentes especies requerem diferente elevação. A nossa experiencia indica 4:500 a 6:000 pés como a mais propria altura para a quina vermelha, amarella e parda com suas variedades, enquanto que a de 5:000 a 7:500 pés promete ser mais favoravel ás variedades da quina de rei (*crown bark*). Estas elevações são as conformes com as nossas observações nos Neilgherries, onde a altura de 4:500 pés em sitio abrigado dá uma temperatura media de cerca de 66° Fabr.; 6:000 pés a temperatura media de 59° Fabr.; e 7:500 pés a de 53° Fabr., pouco mais ou menos. E note-se que a temperatura de uma dada localidade é guia mais certa do que a elevação.

« 6 *Tratamento das plantas, quando estão postas em caixas de Ward (Wardiam cases).* — Como vou tratar da cultura, aproveito a oportunidade de recommendar a todos que receberem as plantas de cinchona em caixas de Ward a conveniencia de as pôr logo a principio sob a protecção do vidro. Se isto assim não poder ser, ponham-se as caixas em logar sombrio, e só se abram o espaço de tempo que as plantas poderão agüentar sem murchar. Logo que se observar que as folhas da planta vão murchando ou desfallecendo, fechem-se immediatamente as caixas, e tenha-se grande cuidado de não deitar nas raizes agua demasiada, porque isso as fará apodrecer; e de facto a terra junto ás raizes deve sempre deixar-se estar mais secca do que humida, e a humidade ministrar-se-ha á planta, borrifando-lhe frequentemente as folhas com agua. Este tratamento é só necessario até que as raizes comecem a funcionar com saude e vigor, o que acontecerá dentro de oito a vinte dias, segundo o espaço de tempo que as plantas têm estado encerradas nas caixas de Ward.

« 7 *Propagação.* — É de extrema importancia fazer derramar um exacto conhecimento dos preceitos de propagação das plantas, porque

o augmento e multiplicação de todas as proveitosas é objecto de summa utilidade, e é só por taes meios que ellas podem ser produzidas em quantidade sufficiente para attestar suas vantagens ao genero humano e o seu valor commercial. As cinchonas propagam-se por semente, por mergulhia, estaca e borbulha.

(Continua.)

**COLLEÇÃO DE FORMULAS MEDICAMENTOSAS, TRABALHO ORIGINAL
DO SR. LOURENÇO ANTONIO CORREIA, FACULTATIVO
DIRECTOR DA ENFERMARIA DE SANTA MARGARIDA DO HOSPITAL DE S. JOSÉ
E QUE SE NÃO ACHAM INSERIDAS NO FORMULARIO DO MESMO HOSPITAL**

ACIDO PHENICO ALCOOLISADO

Acido phenico crystallisado	1 oitava
Alcool de vinho de 24° de Cartier, medida	10 oitavas

Misture.

AGUA CREOSOTADA

Tinctura de creosota	1 oitava
Agua distillada	12 1/2 onças

Misture.

Uso externo.—Applico esta agua nas ulceras sordidas, fétidas, escorbúticas, e tambem com bom resultado em injecções e lavagens nos cancro uterinos ulcerados, dando ao mesmo tempo internamente a poção do mesmo remedio.

AGUA HEMOSTATICA

Perchlorureto de ferro liquido de 30° de Baumé, feito pelo processo de Adrian	1 oitava
Agua distillada	10 oitavas

Misture.

Uso externo.—Faço a este soluto as mesmas considerações que á tinctura de creosota, quando se serve do perchlorureto concentrado como hemostatico.

AGUA MERCURIAL NEGRA

Mercurio doce em pó	16 grãos
Agua de cal	4 onças

Misture triturando.

Usado em algumas ulceras syphiliticas, com vantagem.

ASSUCAR CAMPHORADO E CARVÃO VEGETAL

Assucar camphorado 1 onça
 Carvão vegetal de Belloc 1 oitava

Misture.

Nas úlceras sordidas e gangrenosas.

ASSUCAR CAMPHORADO E QUINA

Assucar camphorado 1 onça
 Quina em pó fino 1 oitava

Misture.

Os mesmos usos que tem o assucar camphorado e carvão vegetal.

(Continua.)

CHEMICA

HAVERÁ MUITOS CORPOS SIMPLES OU UM SÓ?

Una causa, varii effectus

É sabido que, pondo de parte os mysterios de Isis e as transformações de Brahma, são as escolas gregas as que nos apresentam as hypotheses mais antigas sobre os principios da materia.

Essas hypotheses mostram-nos que, em todos os tempos, o espirito humano tem procurado pôr tudo ao seu alcance, explicar o que vê e observa e mostrar que a simplicidade, que se nota na natureza, é a lei das leis.

Thales, que viveu de 639 a 548 antes de Jesus Christo, e que fundou em Mileto uma escola, conhecida pelo nome de *escola ionica*, suppunha que a agua ou o estado liquido era um principio universal.

Para esse philosopho as plantas e os animaes eram agua condensada, mas admittia, alem da agua, a existencia de um principio motor, o espirito.

Reconhecia a divindade e dizia que Deus está em toda a parte.

Xenophanes foi o fundador do pantheismo e julgava que tudo se reduzia a uma unidade absoluta.

A par d'essas idéas, admittia, segundo uns, como elementos a terra e a agua, segundo outros, a terra só.

Foi Xenophanes quem nos deixou o famoso theorema, que tantas vezes se repete:

Nada se cria; tudo o que é, existe e dura eternamente.

Este theorema, de que nada se perde e nada se cria na natureza, desconhecido ou antes esquecido ha de haver vinte annos talvez, acaba de ser tambem confirmado pela theoria moderna do calor, a qual considera o movimento como transformação do calor e, vice versa, o calor como o resultado de um movimento, mas movimento limitado mais ou menos no que diz respeito tambem á sua duração.

Anaximandro, um dos discipulos de Thales, admittia como principio de tudo uma substancia etherea, mais subtil do que a agua.

Pythagoras, que fundou uma escola, na qual começou a vigorar o *ipse dixit*, attribuia tudo a harmonias ou combinações numericas.

Considerava Deus como unidade absoluta e primordial, e suppunha que a alma era tambem um numero.

É certo porém que quiz tornar-se tão sublime que se tornou incomprehensivel, e deve dizer-se que ha algumas duvidas a respeito das verdadeiras doutrinas do philosopho, que ensinou a metempsychose.

Anaximenes, discipulo de Anaximandro, suppunha o ar um principio universal, principio divino, eterno, infinito.

Tanto para Anaximandro como para Anaximenes a condensação, a rarefacção, o frio, o calor eram as causas dos diversos estados da materia.

Heraclito dizia que o fogo cria e destroe tudo, e que tudo provém do fogo.

Anaxagoras estudou com Anaximenes e admittiu a existencia de elementos indestructiveis de diferente natureza.

Suppunha que o numero d'esses elementos não podia augmentar nem diminuir, e que tinha sido preciso que uma intelligencia suprema separasse os elementos heterogeneos e reunisse os homogeneos, quando todos existiam misturados no chaos.

Com Leucippo appareceu, pela primeira vez a idéa de que todos os corpos são formados de particulas infinitamente pequenas e indivisiveis, ás quaes deu o nome de atomos.

Empedoclo admittiu a existencia de quatro elementos, a terra, a agua, o ar e fogo, e disse que a alma era tambem constituida por esses quatro elementos.

Os philosophos mais antigos suppozeram, em geral, que havia um só elemento, e foi Empedoclo o primeiro, que apresentou a idéa da existencia de quatro elementos principaes; mas elementos que não deviam considerar-se como sendo as ultimas particulas indivisiveis e indecomponiveis dos corpos, o que faz com que a doutrina de Empedoclo deva ser tida como superior ás dos seus predecessores.

Democrito, discipulo de Leucippo, abraçou a doutrina do mestre, mas commentou-a e desenvolveu-a.

Epicuro, que negou a immortalidade da alma, seguiu as idéas de Leucippo e de Democrito, em relação aos atomos, mas não havia então rasões sufficientes para admittir a sua existencia.

Faltava uma base solida.

Aristoteles foi o primeiro que não se deixou guiar só pelo raciocinio.

Foi tambem o primeiro escriptor que escreveu sobre physica e admittiu a doutrina dos quatro elementos, terra, fogo, agua e ar, considerando-os como os quatro principios que se encontravam na natureza.

O systema de Aristoteles reinou mais de vinte seculos na sciencia.

Paracelso creou, depois de Aristoteles, uma doutrina nova, pela qual admittia a existencia de cinco elementos.

A Paracelso succedeu Becher, que suppunha que havia só dois elementos, a terra e agua.

Foi Becher o primeiro que procurou apresentar uma theoria chimica.

Fez todos os esforços para achar um acido primitivo, e desejou explicar as alterações ou transformações que os metaes experimentam pela acção do calor.

No seculo xvii appareceu Stahl com a sua doutrina do phlogistico, com a qual pretendia explicar o phenomeno da combustão.

O erro de Aristoteles foi substituido pelo de um homem que quiz considerar como verdadeiros elementos os corpos incombustiveis, e o novo erro foi seguido na sciencia quasi durante um seculo.

Segundo Stahl, todo o corpo que arde contém phlogistico, e não é um corpo simples.

A explicação do phenomeno da combustão teria sido verdadeira, se se tivesse dito o contrario do que se affirmou.

O engano de Stahl foi devido, sem duvida, a não empregar a balança, a não pesar.

Póde dizer-se que no espaço, que decorreu entre Aristoteles e Stahl, a doutrina dos alchimicos foi a que maior importancia adquiriu e a que merece mais consideração pelos resultados que apresentou.

A alchimica foi então o que a *sciencia divina* tinha sido no Egypto.

Mas quem se atreverá a dizer que a chimica estaria hoje no estado em que se acha, se não tivesse havido alchimicos?

Ninguem.

Devemos ver na alchimica uma nova formula dada ao que se chamava «*sciencias occultas*», pois foi uma arte empirica e misteriosa, mas não deixa por isso de ser para nós a primeira phase da sciencia a que hoje se dá o nome de chimica.

Colombo procurando as Indias orientaes achou a America.

Os alchimicos buscando a pedra philosophal reuniram muitos materiaes para a chimica moderna.

Os alchimicos não destruíram o imperio dos raciocinios e da imaginação, porque as suas experiencias foram sempre feitas sem o fim de combinar a experiencia com a razão, mas os escriptores disfarçaram por tal fôrma as suas idéas que é tambem impossivel deixar de admittir que esses medicos, esses philosophos tiveram uma doutrina secreta baseada, por certo, em factos comprehensíveis, mas explicada de modo a ser percebida só pelos iniciados, se o foi sempre.

Ha dois manuscritos, um da idade media, o outro do seculo XVIII, que dão alguns esclarecimentos sobre as crenças dos philosophos hermeticos, e parece hoje fóra de duvida que a doutrina dos alchimicos foi a doutrina symbolica da geração dos seres, a qual, baseada no materialismo, procurou investigar a criação, procurou saber como se reproduziam os mineraes para os produzir.

Os alchimicos consideraram os metaes como corpos compostos, e suppunham que a sua composição era uniforme, admittindo só dois elementos, o mercurio e o enxofre, diferentes dos corpos, que hoje se conhecem com esses nomes.

Explicavam a existencia das diferentes propriedades dos diversos metaes, dizendo que dependiam das proporções variaveis de mercurio e de enxofre que entravam na sua composição.

A doutrina dos alchimicos admittia que póde haver substancias que se confundam pela composição, e que diffiram entre si exteriormente, e pelas suas reacções, e hoje acha-se isto justificado pelo ismerismo, de que adiante fallaremos.

Em consequencia dos trabalhos de dois sabios inglezes, Hales e Boyle, a doutrina de Aristoteles tornou a dominar nos fins do seculo XVII, e assim continuou a admittir-se a existencia dos quatro elementos, até que Lavoisier decompoz o ar e a agua.

Guiado pelo seu genio e pelo grande principio de que não basta observar, mas que é preciso experimentar, manipular, para deduzir do estudo dos factos o conhecimento das causas que os produzem, principio introduzido nas sciencias por Ba-

con, Galileo e Descartes, conseguiu Lavoisier fazer uma verdadeira revolução na chimica.

A descoberta do oxygeno, feita em 1774 e devida a Lavoisier, veio dar a explicação do phenomeno da combustão e refutar a doutrina de Stahl.

D. JOSÉ DE SALDANHA OLIVEIRA E SOUSA.

(Continua.)

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS.

ACTA N.º 637 DA SESSÃO DE 51 DE JANEIRO DE 1866

Presidência do sr. Joaquim José Alves

Abertura pelas sete horas da noite.

Depois de lida e approvada a acta da sessão antecedente, deu-se parte de que não havia correspondencia, e leu-se a lista dos objectos doados, que foram recebidos com especial agrado.

O sr. *Telles*, sendo-lhe concedida a palavra, deu parte de que a commissão de estudo, da qual era membro com os srs. Assis e M. V. de Jesus, ainda se não tinha reunido. Disse mais, que soubera pela leitura de uma das actas ultimamente publicadas no jornal, que o sr. Assis se tinha exonerado do cargo de vogal da commissão, por causa dos seus muitos afazeres e pouca saude, e que, em vista d'isso, desejava que a mesa o informasse se já se achava nomeado novo vogal, ou se a commissão devia funcionar como se achava constituida. Que na mesma acta, a que acabava de se referir, lera um pedido do sr. primeiro secretario aos membros effectivos, e particularmente aos que faziam parte de commissões especiaes, com o fim de que s. s.^{as} se não dispensassem dos serviços que a sociedade lhes exigia; que pela sua parte estava prompto a dar plena execução ás determinações da sociedade e, para as cumprir, só aguardava as explicações que tinha pedido, para regular o seu procedimento em harmonia com ellas; mas que, antes de as obter, tinha ainda algumas observações a sujeitar á apreciação da sociedade.

Continuando com a palavra, notou que as commissões da sociedade, em geral, são compostas de tres membros, pelo menos, e via n'esse factó a rasão principal por que ellas nem sempre apresentam o resultado dos seus trabalhos com aquella brevidade que seria para desejar, mormente porque os seus membros, em virtude da occupação que exercitam, nem sempre têm occasião para se reunirem e conferenciarem. Apresentou mais algumas observações, que vinham a proposito, e terminou, propondo que = as commissões especiaes, que para o futuro hajam de ser nomeadas, sejam constituidas por um só membro ou por dois, quando muito; excepto nos casos em que a natureza ou importancia dos trabalhos, de que ellas forem incumbidas, exija que sejam compostas de maior numero de vogaes =. *Approvado.*

O sr. *presidente* disse, em resposta ao sr. Telles, que o logar, vago pela demissão do sr. Assis, ainda não se achava preenchido, mas que, attenta a ultima resolução da sociedade, entendia que a commissão devia ficar constituida pelos dois membros que restavam.

Assim se resolveu.

O sr. *Telles* teve ainda a palavra, e disse que desejava ouvir a opinião de alguns collegas sobre o sentido que se deve dar ao terceiro quesito, um dos que deviam ter sido objecto de estudo da commissão, a qual acabava de ser dissolvida. Que se tomavam n'elle os termos « monte pio e caixa economica » como synonymos, e que, admittido mesmo que assim fosse, ainda a questão não estava resolvida. Dever-se-iam entender por aquelles termos os monte pios da classe pharmaceutica, os monte pios de grandes fundos como o nosso monte pio geral, ou as associações que têm por fim principal soccorrer os seus membros em caso de doença?

O sr. *J. D. Correia* opinou por que se fazia referencia aos monte pios da classe, visto que se tratava de questões que a interessavam, e que haviam de ser discutidas em um congresso pharmaceutico.

O sr. *Tedeschi* disse que, pela redacção com que o quesito

se apresentava, mal podia deduzir a intenção de quem o formulára. Que podia ser que se quizesse alludir aos monte pios pharmaceuticos, assim como ás associações de soccorros pecuniarios e medicinaes, ás quaes o sr. Telles se referiu, e que podem em certos casos implicar com os interesses do pharmaceutico. Que, no seu modo de ver, tanta rasão havia para encarar a questão por um como por outro lado, e que, quem a estudasse, melhor faria, se a considerasse debaixo dos dois pontos de vista.

O *segundo secretario* recordou como o programma dos quesitos tinha sido enviado á sociedade em um jornal allemão, e como o sr. Labate, então presidente, se tinha offerecido para obter a sua traducção. Disse que era muito natural que s. s.^a tivesse solicitado esse favor de pessoa competente; não obstante, que um pouco menos de rigor poderia ter havido na versão de algum termo d'aquella para a nossa lingua, e, por isso, que lembrava a quem tivesse de estudar a questão, que consultasse o autographo, o qual poderia acaso resolver todas as duvidas.

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

PROPOSTAS

1.^a Do sr. presidente, com declaração de urgente, para membro effectivo.

Admittida a urgencia e corrido o eserutinio secreto, saiu unanimemente votado o sr. Estevão José de Sousa.

2.^a Do sr. Telles, concebida n'estes termos:

«Proponho que se discutam n'esta sociedade os seguintes quesitos:

«Ha vantagens ou desvantagens para os socios dos monte pios, em especial, e para os pharmaceuticos, em geral, no systema adoptado em quasi todas as sociedades supra mencionadas de se fornecerem os doentes de certas e determinadas pharmacias? Quaes são?

«Será ou não prejudicial aos justos interesses dos socios dos monte pios e dos pharmaceuticos dos mesmos monte pios a quota, que, na maior parte de taes sociedades, se exige dos socios?

« São legaes ou rasoaveis as deducções que os pharmaceuticos costumam fazer no preço dos medicamentos a beneficio do cofre dos seus monte pios?

« Será legal a pratica de se proverem de medicamentos certos estabelecimentos do estado por meio de arrematação?

« Quaes as vantagens ou inconvenientes para os enfermos e para os pharmaceuticos dos fornecimentos de medicamentos para os hospitaes por arrematação. »

O sr. *presidente*, como a proposta era declarada urgente, consultou a sociedade, para saber se a admittia á discussão sem ter segunda leitura.

Resolvendo-se affirmativamente, o mesmo senhor convidou os socios presentes á discussão, e, como nenhum pedisse a palavra, poz á votação a proposta, a qual foi approvada, sendo o proprio auctor encarregado de a estudar.

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA

PARECERES DE COMISSÕES

1.º Da commissão de direito pharmaceutico, sobre uma proposta do sr. J. D. Correia, para proclamação de tres membros benemeritos.

O sr. *presidente* declarou que se conservava o parecer sobre a mesa para qualquer membro poder tomar conhecimento d'elle.

2.º Da mesma commissão, para servir de base a uma representação ao governo. — Teve primeira leitura.

TERCEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

O sr. *presidente* convidou o sr. primeiro secretario a ler o projecto de representação e artigo adicional, cuja discussão tinha sido dada para ordem do dia.

Depois da leitura, houve alguma discussão sobre a redacção do artigo adicional, e tomaram parte n'ella os srs. J. D. Correia, Telles e primeiro secretario; depois do que, foi approvado tanto o artigo como o projecto da representação, que o devia preceder perante o governo.

Como a hora fosse adiantada, o sr. presidente encerrou a sessão, e annunciou que a ordem do dia da immediata havia de ser a votação do primeiro parecer da commissão de direito pharmaceutico, apresentação de propostas e de pareceres de commissões, e segundas leituras. Era meia noite. — O segundo secretario, *José Ribeiro Guimarães Drack*.

ACTA N.º 633 DA SESSÃO DE 15 DE FEVEREIRO DE 1866

Presidência do sr. Joaquim José Alves

Abertura ás sete horas e meia da noite.

Lida e approvada a acta antecedente, deu-se conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

Officios: — 1.º Da delegacia do Porto, requisitando alguns jornaes, e sobre negocios da thesouraria. — Para a commissão gerente de fundos, e que o sr. primeiro secretario satisfizesse a primeira parte do officio.

2.º Do sr. A. Vaz Teixeira, accusando o recebimento de um exemplar do jornal do mez de dezembro, e sobre negocios da thesouraria. — Para a commissão competente.

3.º Do sr. Carlos Mallaina, de Hespanha, dando os seus agradecimentos á sociedade pela maneira prompta e obsequiosa por que tinha accedido ao seu pedido sobre os jornaes. — Que lhe fossem enviados pelo correio, competentemente estampilhados.

4.º Do sr. A. M. Rodrigues Loureiro, primeiro pharmaceutico do quadro de saúde de Angola, accusando a recepção de um exemplar do projecto de estatutos do monte pio e uma circular que o acompanhava, e declarando o capital com que tenciona entrar para aquelle estabelecimento. — Inteirada.

5.º Do mesmo senhor, dando parte de ter recebido o diploma de delegado da sociedade na provincia de Angola, um anno depois da sua nomeação, declarando a causa de tão grande demora, e notando a necessidade imperiosa de uma delegacia n'aquella provincia. — Inteirada.

6.º Do mesmo senhor, pedindo lhe seja remettido um diploma de membro da sociedade, e dando como causa de ainda o não possuir, o ter-se retirado de Lisboa, poucos dias depois de haver obtido a sua admissão na classe de membro correspondente. Pedindo a collecção completa dos jornaes, e indicando o modo pelo qual o seu importe deve ser recebido. — Decidiu-se que se sobrestivesse na remessa de novo diploma até a sociedade ter conhecimento da causa d'aquelle extravio, e que se lhe offerecessem os jornaes gratuitamente, como ultimamente se tem praticado com outros socios.

7.º Da commissão central dos trabalhos preparatorios para a exposição de Paris de 1867, solicitando a cooperação da sociedade, para que o paiz seja digna e convenientemente representado n'aquelle certamen do trabalho e das industrias. — Que se transcrevesse um extracto do convite no jornal, para conhecimento de todos os socios.

8.º Do sr. Ferreira Lobo, para que a sociedade tomasse conhecimento de dois annuncios¹ de preparados pharmaceuticos, invenção e preparação de um intitulado dr. M. de Bernardini, os quaes se acham á venda na rua do Crucifixo. Remettia os annuncios e pedia que se representasse ao conselho de saude, observando a inconveniencia e illegalidade de uma tal pratica.

O sr. *Martins*, sendo-lhe concedida a palavra para fallar sobre o objecto do ultimo officio, disse que elle seria o primeiro membro da sociedade a juntar o seu nome ao do sr. Lobo, para se representar ao conselho de saude, caso se podesse admittir que este ignorava a publicação dos annuncios, que acompanhavam o officio, e se não houvesse provas sobejas da pouca força de que elle dispunha, e do pouco ou nenhum apoio que encontrava nas outras auctoridades, quando queria cohibir estes e outros abusos semelhantes. Observou que semelhantes annun-

¹ Um dos annuncios é offerecido ao publico pelo modo que se segue:

Solução anti-ulcerosa, prophylatica e hygienica, sem mercurio ou nitrato de prata, nem mesmo pedra infernal... (!!!).

cios se repetiam todos os dias, pela imprensa periodica, sem que os annunciantes soffressem por isso o menor incommodo. Disse que muito acreditava nos bons desejos do conselho, que o empenho e o interesse com que elle tem emprehendido e realisado varias medidas, reclamadas pela justiça, para desopprimir a classe pharmaceutica, o auctorisavam a suppor que já teria tomado a iniciativa n'este objecto, se não antevisse alguns obstaculos, que lhe embargassem o passo. Por todas estas rasões, que era de opinião que não se officiasse ao conselho de saude n'este sentido, para que a sociedade não fosse mais uma vez injustamente desattendida nas suas representações.

Depois de uma longa discussão, resolveu-se que o sr. primeiro secretario officiasse ao auctor do officio, louvando-lhe o seu zélo e apresentando-lhe as rasões pelas quaes a sociedade tinha achado inutil a representação.

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

PROPOSTAS

1.^a Do sr. presidente, para membro effectivo, e declarada urgente.

Admittida a urgencia e corrido o escrutinio secreto, saiu proclamado membro effectivo da sociedade, por unanimidade de votos, o sr. Manuel Cesario Pinto, pharmaceutico residente em Lisboa.

2.^a Do sr. J. D. Correia, concebida n'estes termos:

«O nosso membro benemerito, o ill.^{mo} sr. Henrique José de Sousa Telles, já fallecido, e cuja perda é tão sensivel para esta sociedade, tornou-se digno de reconhecimento, pelos relevantes serviços por elle prestados á sciencia e á mesma sociedade.

«Das actas das nossas sessões litterarias, das do conselho administrativo e das commissões consta de uma maneira honrosa quanto aquelle nosso chorado collega fôra activo no desempenho dos cargos que exerceu, já como director de differentes commissões e do jardim botanico, já como segundo e primeiro secretario, e já como vice-presidente e presidente.

« Nas sessões litterarias aquelle nosso consocio entrava sempre nas questões scientificas com profundo saber e eloquencia.

« Não menos zeloso, assiduo e collaborador foi aquelle nosso collega na escolha e iniciativa de valiosos artigos de pharmacia e sciencias accessorias, alem dos seus importantes discursos feitos como presidente nas sessões solemnes anniversarias.

« Por todas estas considerações tenho a honra de propor:

« 1.º Que a sociedade determine uma sessão de luto pelo nosso consocio benemerito Henrique José de Sousa Telles, em conformidade com o disposto no § 2.º do artigo 25.º dos estatutos;

« 2.º Que nas formalidades e etiquetas se observe o consignado nos artigos 62.º e 63.º do regimento interno;

« 3.º Que a mesa empregue todos os meios ao seu alcance para que este acto funebre seja feito com todo esplendor proprio d'esta sociedade.»

Ficou para ser objecto da ordem do dia de outra sessão, precedendo-se avisos.

O sr. *presidente* convidou o sr. primeiro secretario a occupar a cadeira da presidencia por algum tempo, e retirou-se da sala.

O sr. *Martins* occupou o logar do sr. primeiro secretario.

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA

PARECERES DE COMISSÕES

Foi posto á votação o da commissão de direito pharmaceutico, o qual tinha sido annuciado para ordem do dia.

Corrido o escrutinio com todas as formalidades do estylo, foram proclamados membros benemeritos da sociedade os srs. Francisco José Rodrigues Loureiro, Antonio Joaquim Labate e Joaquim José Alves.

O sr. *presidente* tornou a occupar o seu logar e encerrou a sessão, dando para ordem do dia da immediata propostas, pareceres de commissões e segundas leituras. Eram onze horas da noite.—O segundo secretario, *José Ribeiro Guimarães Drack*.

VARIEDADES

Novo anesthesico.—Tem-se ultimamente empregado em Nova York, para amputação de um peito canceroso, o gaz nitroso (*the nitrous oxide*). Alternando a inalação do gaz com a inspiração do ar atmosferico caíu a enferma em completa insensibilidade durante dez ou seis minutos que durou a operação. Durante a anesthesia não se notou contracção muscular, a respiração era facil e natural, o peito estava cheio, não houve nauseas, e ao despertar parece que saia a operada de um somno natural.

Principio activo do curare.—Os srs. Boussingault e Rose-
lin extrahiram da paulinia *curare* um principio a que chamam *curarina*, e que consideram como um alcaloide, não obstante não se ter podido crystallisar. Suas propriedades assimilham-se ás do curare, e julga-se ser o principal ingrediente d'esta substancia venenosa.

Synonymia chimico-pharmaceutica.—Com este titulo vae publicar-se o livro de que é auctor o nosso collega o sr. Agostinho da Silva Vieira, administrador do hospital real de Santo Antonio, do Porto. Recommendâmos aos nossos collegas a sua coadjuvação n'uma empreza tão louvavel como util á classe medica em geral.

Fallecimento.—O sr. José Joaquim de Sousa Pereira, distincto pharmaceutico de primeira classe e facultativo pela escola medico-cirurgica de Lisboa, falleceu em Coupang, onde exercia as funcções de cirurgião de segunda classe da armada, a bordo do vapor *Maria Anna*.

Lamentâmos a morte do sr. Sousa Pereira, porque era moço de bastante applicação e estudo, e a prova está em que depois de obter o curso de pharmacia e exercer o logar de preparador de chimica na escola polytechnica, procurou obter o curso medico, o que finalmente conseguiu, vindo a morte terminar uma carreira de alguns annos de vigalias e trabalhos.

PHARMACIA

CULTURA DAS PLANTAS QUE DÃO A QUINA

(Continuado de pag. 66)

8 Propagação por semente. — As sementes da cinchona antes de serem semeadas devem estar de molho em agua fria por espaço de seis a oito horas. Como as sementes são muy pequenas, quando se tirarem da agua (o que se faz coando esta por um panno fino, como musselina ou cassa), misturem-se com igual volume de areia fina secca ou carvão em pó. A unica difficuldade do bom exito da sementeira da cinchona é que as suas sementes não podem tolerar excesso algum de humidade, e por isso tem-se julgado necessario applicar algum trabalho no preparar a terra para as receber, e o methodo de que se tem colhido maior proveito é o seguinte. A terra applicada a este uso e proveniente de folhas apodrecidas ou reduzidas a humus, foi peneirada e misturada com quatro vezes o seu volume de areia. Este humus tinha sido primeiramente exposto ao sol por dois ou tres dias, e completamente enxuto; depois aquecido a 212° Fabr., pouco mais ou menos, a fim de destruir os bichinhos ou larvas de insectos; tendo arrefecido, foi levado ao telheiro dos vasos e sufficientemente regado até ficar humido, mas só com aquelle grau de humidade que não é bastante para as particulas da terra adherirem entre si, quando comprimidas com a mão, e permite que a terra deixada a si propria fique sufficientemente secca para se desagregar, e cair na sua forma ordinaria. O humus e a areia n'este estado de humidade foram misturados entre si, e os vasos cheios d'este composto; a superficie levemente calcada, e as sementes ali lançadas cobertas ligeiramente de areia espalhada por cima d'ellas. Os vasos foram então immersos em areia humida sobre um fundo quente a 75° Fabr., pouco mais ou menos; nunca foram regados no rigoroso sentido da palavra; quando a superficie seccava eram apenas borrifados com um regador fino, só quanto bastava para humedecer a superficie, mas nunca para penetrar ou consolidar a terra; e com este tratamento as sementes começaram a germinar com muita força aos dezeseis dias depois da sementeira. A condição principal parece ser o conservar-se a terra uniformemente humedecida, mas nunca molhada. O menor excesso de humidade faz apodrecer as sementes, inutilizando milheiros d'ellas, ao passo que, como é natural, se as conservarem seccas de mais, mirram-se e perdem-se. Logo que as sementes germinam, são com muita cautela introduzidas em terra nova preparada como acima se disse, e esta operação é muy meliadosa. A radícula, sendo cuidadosamente levantada do primitivo vaso com um

pequeno pausinho ponteagudo, é removida para o novo e coberta de terra, salvo os lobos da semente que devem ficar bem acima da superfície. D'esta fôrma 25 a 50 plantas recém-nascidas são transplantadas para um vaso de cinco pollegadas, e depois tratadas a todos os respeitos da mesma sorte que o foram as sementes, isto é, nunca são regadas, apenas a superfície borrifada, e os vasos immersos em areia humida, como atrás se disse, para conservar a terra n'aquelle estado medio de humidade em que estava quando foi posta nos vasos. Esta cautela é necessaria para atalhar que as plantas recém-nascidas se não percam, ao que estão muito arriscadas se forem tratadas por outra fôrma; facilita tambem muito o seu crescimento e a formação das raizes, por isso que a terra em que estão dispostas é tão perfeitamente permeavel que facilmente recebe a acção da atmosphera, e d'esta maneira se conserva nas mais favoraveis condições para promover a vegetação. Tratadas por este modo as nossas plantas de semente têm crescido, termo medio, por anno 30 pollegadas, ao passo que outras, nascidas e creadas em terra menos solta e permeavel, não attingiram no mesmo periodo 3 pollegadas.

° 9 *Propagação por mergulhia.* — Logo que as plantas têm chegado á altura de 10 a 15 pollegadas, propagam-se por mergulhia, e por esta fôrma acha-se que facilmente criam raizes em seis semanas ou dois mezes ao mais tardar; e as plantas, sendo assim dobradas, lançam vergontees de todos os gomos em toda a extensão do tronco, e não só estes mas muitos gomos latentes se desenvolvem, creando-se bellas e novas vergontees para successivas mergulhías e estacas; e d'esta maneira se deve tratar cada ramo ou vergontea á proporção que vae ganhando sufficiente tamanho. O methodo de mergulhia que temos adoptado é um pouco differente d'aquelle que ordinariamente se usa, porque achámos, quando se faz o córte da vergontea mergulhada, que o succo das cinchonas mana tão livremente do golpe, que se for meramente posta na terra fica arriscada a mangrar e apodrecer. O remedio d'isto é pôr um pedaço de tijolo perfeitamente secco no golpe, logo que o córte é feito, porque o tijolo absorve o succo, e obsta effizazmente aos maus effeitos acima mencionados. Quando as mergulhías estão já bem arraigadas, são removidas da mãe, postas em vasos, e guardadas n'uma atmosphera fechada por poucos dias até pegarem. No remover das mergulhías deve haver grande cautela, porque se são cortadas antes dos rebentões da mãe terem ganho um tamanho arrasoado e as suas folhas estarem bem desenvolvidas, ella morrerá quasi com certeza. E a razão d'isto é que a seiva continua a affluir á mãe tom igual vigor, mas não póde ser elaborada pela perda das folhas, que ficam pertencendo ao mergulhão, e por consequente fermenta e faz apodrecer a planta mãe.

« 10 *Propagação por estacas.* — Estacas de 3 até 5 pollegadas de comprimento, sendo plantadas em canteiros ao ar livre e parcialmente assombradas, lançarão raizes entre tres a cinco mezes; e quando o fim que se pretende não é uma rapida multiplicação das plantas, é este talvez o mais seguro e mais barato meio de propagação; mas quando o objecto é augmentar rapidamente as plantas, é indispensavel uma casa de estufa para viveiro, como a da estampa 1. Com o auxilio de estufa, os lenhos mais novos são os mais proprios para ministrar estacas, porque as vergontes novas e tenras, que têm de idade quinze dias ou tres semanas, formam raizes em mui breve espaço de tempo, e a maioria d'estas estacas estão invariavelmente arraigadas dentro de um mez. Todavia é difficultoso lidar com esta especie de plantas, e o alcançar bom exito requer grandes cuidados. A terra em que se põem as estacas é preparada do mesmo modo que atrás se disse relativamente ás sementes; deixa-se porém um pouco mais secca. As estacas são postas ao redor das paredes do vaso, e o córte inferior de cada estaca é firmemente collocado sobre um pedaço de tijolo secco, como se vê da figura n.º 3. Cada vaso contém de 20 a 25 estacas, e quando estão cheios são immediatamente removidos para as estufas e immersos em areia humida sobre um fundo aquecido a 76º Fahr., pouco mais ou menos.

« 11 As estacas devem agora ser diligentemente vigiadas, a superficie das folhas borrifada com um regador fino, quando a atmospherá nas estufas apparecer secca, mas nunca serão regadas, pois assim é mister para segurar o bom exito, porque temos invariavelmente observado que, quando a terra é, uma vez só que seja, regada, faz desfinhar as estacas, e põe serios obstaculos ao lançamento das raizes. E o motivo d'isto parece ser que as estacas não só padecem por excesso de humidade, mas quando a terra é regada ao modo ordinario, depois de estarem as estacas postas nos vasos, a mesma terra, pela sua expansão e adhesão proveniente da acção da agua, fica com as particulas ligadas de mais para que isso possa ser favoravel ao desenvolvimento das raizes. Com estacas tiradas de vergontes novas a nossa perda tem sido inferior a 3 por cento n'estes ultimos tempos. Ao cortar as vergontes da arvore para estacas, deixem-se um ou dois pares de folhas e gomos, se for possivel, entre o tronco principal e o ponto do córte, e isto a fim de não diminuir o supprimento de vergontes novas, o que aconteceria se o córte fosse rente com o tronco principal. Outra circumstancia mui necessaria, a que se deve ter attenção para segurar o bom exito, é a de pôr cada estaca no vaso com a extremidade interior assente n'um pedaço de tijolo secco; e o motivo é porque onde ha o golpe, o succo começa a correr, e se não é immediatamente absorvido pelo tijolo secco produz mangra e podridão. Quando as estacas

são collocadas nas estufas, devem ficar expostas a tanta luz quanta poderão aguentar, sem murchar.

« 12 *Propagação por borbulha.* — Em dezembro ultimo occorreu-me que as plantas podiam ser com bom resultado propagadas pelas folhas com a borbulha annexa, e como este methodo offerencia mui consideraveis vantagens, produzindo grande quantidade de plantas com pequeno dispendio de lenho, resolvemos tentar a experiencia; que deu mui bons resultados. A estampa 2 illustra o methodo por que isto se conseguiu. Todo o segredo do bom exito depende inteiramente da quantidade de humidade ministrada á planta; se for excessiva, a planta apodrece logo no decurso até de um só dia, mas, havendo a sufficiente cautela, as perdas não excederão 3 ou 4 por cento, proporção que não foi excedida em muitos milheiros, que temos creado por este modo. Assim se obtêm bellas plantas de todo semelhantes ás boas e vigorosas produzidas de semente. O periodo requerido para a formação das raizes é quasi o mesmo em todas as especies, e varia de tres a seis semanas. Na figura acima citada o vaso á esquerda representa seis gomos de *C. calisaya*, plantados a 30 de janeiro de 1862; quarenta e um dias depois, data em que o desenho foi feito, estavam todos enraizados, como se vê. O desenho á esquerda representa um gomo de quina vermelha plantado na mesma occasião. Póde dizer-se que não é indispensavel que uma folha acompanhe o gomo; apesar de n'isso haver vantagem decidida, creamos muitas plantas de gomo sem folha annexa.

« 13 O modo ordinario por que preparâmos as borbulhas consiste em cortar primeiro a ponta da vergonlea que se reserva para estaca; o resto da vara é dividido em troços pelo meio dos entrenós; cada troço é fendido depois pelo centro, parallelamente ao comprimento, e posto immediatamente sobre tijolo e no respectivo vaso; a borbulha deve ficar coberta de um quarto de pollegada de terra, e a folha não é mister dizer que deve ficar acima da superficie. Os vasos são então immersos em areia humida, e tratados em tudo e por tudo como no caso das estacas.

« 14 *Formação dos viveiros no ar livre.* — Fazem-se canteiros ou tableiros quasi horisontaes (tendo só sufficiente declive para escoamento das aguas para um dos lados) de 80 a 100 jardas de comprimento e 7 pés de largo, formados em socalco n'uma encosta de montanha (estampa 3), e tantos quantos sejam necessarios para as plantas que hão de entrar no viveiro. A superficie dos tableiros será depois coberta de boa terra vegetal de floresta, e cavada até á profundidade de 18 pollegadas, deixando sem cavadura 15 pollegadas junto das bordas; esta parte não cavada, sendo levemente afeiçoada em fórma de rego, serve de carreiro, e dá vasão ás aguas da chuva, impedindo-as de correr sobre os tableiros. Feito isto, cravam-se pela frente das bancadas for-

quilhas de 3 pés de altura acima da superfície do solo, e em distancia de 4 pés umas das outras, e colloquem-se outras semelhantes, mas de altura de 5 pés acima da superfície, ao longo do lado interno dos canteiros e da borda exterior do carreiro ou rego acima descripto. Sobre estas forquilhas perpendiculares ponham-se outras horizontaes, em que hão de assentar fiadas de colmo para cobrir os canteiros emquanto dura a transplantação, e até que as plantas tenham pegado, e então é este tapume removido gradualmente, sendo cada dia por mais e mais tempo levantado, conforme as plantas forem indicando a sua capacidade para supportar os effeitos da luz e raios do sol.

« 15 *Preparação dos viveiros.* — Os canteiros são depois novamente cavados em toda a sua extensão, á excepção do carreiro ou caminho, e divididos em outros pequenos canteiros de 5 pés e 9 pollegadas de comprido e 4 pés de largo, com um carreiro de 1 pé entre cada um d'estes pequenos canteiros, os quaes ficam assim prestes para receber as novas plantas. Estas são dispostas em renques através dos canteiros; os renques ficam a distancia de 6 pollegadas entre si, e as plantas a 4 pollegadas umas das outras no renque, o que dá 110 plantas a cada um dos ditos pequenos canteiros, ou dez renques com 11 plantas cada um, deduzidos os espaços perdidos nas cabeceiras e lados dos canteiros. É facil de ver que as plantas no viveiro requerem rega quando o tempo é secco, e ainda no chuvoso emquanto estão cobertas. Durante as chuvas brandas será proleuo as novas plantas, ainda mesmo que não estejam bem pegadas, remover a cobertura de colmo emquanto chove, mas devem logo tornar a ser cobertas immediatamente a chuva cessar.

(Continua.)

COLLECÇÃO DE FORMULAS MEDICAMENTOSAS, TRABALHO ORIGINAL
DO SR. LOURENÇO ANTONIO CORREIA, FACULTATIVO
DIRECTOR DA ENFERMARIA DE SANTA MARGARIDA DO HOSPITAL DE S. JOSÉ
E QUE SE NÃO ACHAM INSERIDAS NO FORMULARIO DO MESMO HOSPITAL

(Continuado de pag. 67)

BANHO GERAL COM ACIDO PHENICO ALCOOLISADO

Acido phenico alcoolisado 10 oitavas
Agua distillada 4 libras

Misture.

Nas dermatoses chronicas.

BANHO GERAL AMIDONADO

Amido 5 onças
Agua l. 10 libras

Triture o amido com a agua misturada pouco a pouco, depois ferva ligeiramente.

Nas dermatoses agudas e chronicas com prurido.

BANHO DE ARNICA

Tintura de arnica (Béral) 2 oitavas

Agua 1 libra

Misture.

Este banho é superior a todos os outros resolutivos usados, taes como a aguardente camphorada, agua vegeto-mineral, etc., nos casos de contusões, feridas e fracturas.

BANHO GERAL COM ARSENIATO DE SODA

Arseniato de soda 2 oitavas

Agua distillada 4 libras

Misture.

Nas affecções chronicas da pelle.

BANHO GERAL GELATINOSO

Colla de Flandres 1 kilogramma

Agua quente 40 kilogrammas

Misture.

Nas dermatoses agudas, e juntamente com o sulphureto de potassa liquido da pharmacopéa franceza, 1837, nas chronicas.

COLLYRIO DE IODURETO DE POTÁSSIO COMPOSTO

Iodureto de potassio 4 grãos

Agua rosada 4 onças

Iodo 2 grãos

Tannino 1 grão

Dissolva e filtre.

Os mesmos usos que o collyrio de iodureto de potassio iodado.

COLLYRIO DE BELLADONA E NITRATO DE PRATA

Extracto de belladonna 1 grão

Agua rosada 1 onça

Dissolva, filtre e junte:

Nitrato de prata crystallizado 1 grão

Bom remedio, que frequentemente uso nas eratites com photophobia.

COLLYRIO MYDRIATICO

Extracto de belladona 1 grão

Agua distillada 1 onça

Dissolva e filtre.

Este collyrio, de que uso ha muitos annos para dilatar as pupilas para o exame do interior do olho, auxilia a operação da cataracta por extracção, e outras doenças dos olhos, tem-me dispensado de usar da atropina, que para alguns cirurgiões não é sem perigo.

CATAPLASMA CALMANTE E RESOLVENTE

Cataplasma de linhaça 1 libra

Extracto de belladona diluido em
agua } aã 1 escropulo

Pomada mercurial dupla }

Misture.

Têm sido maravilhosos os effeitos que tenho obtido d'esta cataplasma, em panaricios, fleimões, adenitas, engorgitamentos e tumores duros não cancerosos dos peitos, arthrites, tumores brancos, de modo que faço d'ella uso diario.

CATAPLASMA DE LINHAÇA COM BELLADONA

Cataplasma de linhaça 1 libra

Extracto de belladona com fecula 1 escropulo

Misture.

Os mesmos usos que a de cicuta.

BANHO GERAL COM SUBLIMADO CORROSIVO

Sublimado corrosivo $\frac{1}{2}$ onça

Agua distillada 4 libras

Misture.

Nas syphilidas papulosas, maculosas e escamosas.

COLLUTORIO (BOCHECHO) DE BORAX

Sub-borato de soda 1 oitava

Água	1	libra
Mel rosado.....	1 1/2	onça

Misture.

Os mesmos usos que o de chlorato de potassa; porém é inferior.

COLLUTORIO DE CHLORATO DE POTASSA

Chlorato de potassa.....	1	oitava
Água	1	libra
Mel rosado.....	1 1/2	onça

Misture.

Nas estomatites e em algumas ulcerações de garganta.

COLLUTORIO DE IODATO DE POTASSA

Iodato de potassa.....	1	oitava
Água	1	libra
Mel rosado	1 1/2	onça

Misture.

Mesmos usos que o de chlorato de potassa.

CERATO OPIADO

Opio purificado e em pó.....	8	grãos
Cerato simples	1	onça

Misture.

COLLYRIO DE ACETATO DE ZINCO

Acetato de zinco	4	grãos
Água rosada	4	onças

Misture.

Nas ophthalmias chronicas.

Póde-se, sendo preciso, augmentar a quantidade do acetato. Também uso d'este remedio em injecções nas blenorragias chronicas e leucorrhæas, com igual proveito.

COLLYRIO DE IODURETO DE POTASSIO IODADO

Iodureto de potassio.....	4	grãos
Água rosada	4	onças
Iodo	2	grãos

Dissolva e filtre.

Nas ophthalmias chronicas e escrofulosas.

(Continua.)

QUÍMICA

HAVERÁ MUITOS CORPOS SIMPLES OU UM SÓ?

Una causa, varii effectus

(Continuado de pag. 72)

Com a descoberta do oxygeno appareceu uma doutrina que tem sido seguida até hoje; acabaram muitos erros e começou a haver verdadeiras bases para a philosophia chimica.

Desde esse momento todos os trabalhos chimicos têm mostrado a composição dos suppostos elementos dos antigos chimicos, e têm feito conhecer a falsidade de todos os antigos systemas.

Hoje pois que sabemos que se tem experimentado, que os factos têm sido estudados e observados, que ha muitos trabalhos em chimica, entre os quaes avultam os de Wenzel, os de Richter, os de Dalton, os de Pout, os de Berthollet, os de Davy, os de Gay-Lussac, os de Thenard, os de Berzelio, os de Dumas, os de Orfila, os de Liebig, os de Mitscherlich, os de Regnault, os de Gerhardt, os de Laurent, os de Rose, os de Chevreul, os de Pelouze, os de Fremy, os de Graham, os de Hofmann, os de Stecker, os de Balard, os de Deville, os de Wohler, os de Malaguti, os de Berthelot, os de muitos outros homens celebres na sciencia, é natural perguntar:

«O que nos diz a sciencia a respeito da antiga opinião de Democrito e de Leucippo?»

A sciencia, a chimica, diz que não podemos deixar de aceitar os factos taes quaes elles se apresentam, e que por isso devemos ainda considerar os corpos simplicies da chimica moderna como seres distinctos independentes uns dos outros.»

Tudo isto nos diz a chimica, a qual não tendo simplesmente por fim decompor os corpos, e estudar as suas propriedades, se encarrega tambem do estudo das leis que regem os phenomenos chimicos.

Esses corpos simplicies são formados de moleculas distinctas, que são todas dotadas de propriedades caracteristicas.

Se se reconhecesse que os metaes são corpos compostos e isomeros, seria isso a justificação da doutrina dos alchimicos, mas os metaes são considerados corpos simplicis, e com razão, porque têm resistido até hoje a todos os meios de analyse, e comtudo ainda ha pouco o protoxydo de uranio e o azotureto de titanio eram todos como metaes.

Figuier diz, n'uma das suas obras — a alchimica — «que até hoje ninguem tem podido obter ou operar uma transmutação metallica», e é essa a verdade.

Assim pelo lado da pratica não resta duvida alguma.

Ha mais de um corpo simples, e devemos lembrar que a linguagem dos factos é universal.

Mas se encararmos a questão debaixo de outro ponto de vista, se quizermos ir alem do que a pratica diz, mas baseando-nos em phenomenos e factos observados pela mesma sciencia, o caso é outro.

Fica um campo aberto e vasto para a discussão, e é n'esse campo que vamos tratar do objecto indicadno no principio do artigo.

Vamos apresentar resumidamente o que se pôde dizer hoje sobre a *unidade da materia*, tomando a liberdade de indicar qual a nossa opinião, e aproveitando a occasião para fazer algumas considerações a respeito do cuidado com que se devem receber as doutrinas, mesmo as dos homens mais abalisados.

Desejamos que este nosso trabalho seja lido, quando não seja senão para fazer acreditar a uma ou outra pessoa que a chimica não é uma sciencia enfadonha e puramente material, como alguns julgam, nem tão difficil que esteja fóra do alcance da maior parte das intelligencias, como outros supõem.

Na chimica, como em todas as outras sciencias, é preciso tempo, é necessaria a paciencia, circumstancias que muitos julgam poderem dispensar-se hoje, que se caminha a vapor, e essas circumstancias são as unicas que podem dar a verdadeira sciencia e que justificam a famosa sentença

Labor improbus omnia vincit.

Alguns allemães dizem que o genio é a paciencia levada a mais alto ponto, ao sublime.

Se nas carreiras scientificas e litterarias ha hoje escolhos e embaraços que o trabalho e a boa vontade não conseguem muitas vezes vencer, digamo-lo com franqueza, são elles devidos, em certas condições, á maldade ou á imperfeição dos homens, e são, no primeiro caso, prova de pouca civilisação e sobretudo de falta de educação religiosa e moral.

Infelizmente não ha muitos mestres como Moestlinuos.

Mas deixemos este assumpto e voltemos ao que nos interessa n'este momento.

D. JOSÉ DE SALDANHA OLIVEIRA E SOUSA.

(Continua.)

PEÇAS OFFICIAES

OFFICIO DIRIGIDO Á SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA
PELOS ALUMNOS DE PHARMACIA DA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO
ACOMPANHANDO A COPIA DA REPRESENTAÇÃO
ENTREGUE NAS MÃOS DO EX.^{MO} SR. DEPUTADO F. H. F. DA SILVEIRA
PARA SER PRESENTE Á CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS

Ill.^{mo} sr. — Inclusive remettemos a v. s.^a uma copia da representação que por mão do digno deputado o ex.^{mo} sr. Fradesso da Silveira vae ser apresentada á camara electiva.

Por ella póde v. s.^a ver qual é o nosso fim, não é uma reforma de grande alcance, porque não a podiamos pedir já n'esta occasião, mas é a petição da suppressão de um abuso, de uma illegalidade, de um absurdo, que o governo está introduzindo todos os dias na classe pharmaceutica, a que em breve nos honraremos de pertencer.

Julgámos pois do nosso dever fazer destruir este absurdo, e a representação que enviámos é a nossa resposta a elle.

Julgámos, com o conseguimento do que agora pedimos, fazer honrar a classe, destruir a anarchia, consolidar a dignidade pharmaceutica e abrir caminho a reformas futuras, sobre que promettemos a nós mesmos não descançar.

Bem sabemos que somos pequenos para conseguirmos o que deixámos dito, porque tem a pharmacia portugueza muito

quem a nobilite, mas quando não consigamos o que ora pedimos, servirá a representação como protesto contra todos os abusos e illegalidades.

São signatarios da representação todos os alumnos das tres escolas de pharmacia do reino, bem como alguns pharmaceuticos de primeira classe d'esta cidade e d'essa, com cujas assignaturas muito nos honrámos, e que não mandámos agora porque ainda as não colhemos todas, e ainda para que a representação publicada conserve mais o seu character.

Julgámos pois dever nosso participar isto á sociedade pharmaceutica, como sentinella avançada da classe, para que dignando-se publica-la no seu jornal, por este meio possamos obter de todos os pharmaceuticos do paiz a absolvição do nosso arrojio, se assim se lhe póde chamar.

É por isso que por este meio fazemos presente á sociedade o nosso trabalho, e por intervenção de v. s.^a, como digno secretario de tão util corporação.

Esperámos que v. s.^a fará as nossas vezes patenteando a todos os membros da sociedade o respeito que lhes dedicámos.

Deus guarde a v. s.^a Porto e rua de S. Bento da Victoria, n.º 56, 8 de maio de 1866. — Ill.^{mo} sr. secretario da sociedade pharmaceutica lusitana. — Os alumnos de pharmacia no Porto, *Antonio Joaquim Esteves*, segundo anno — *Ildefonso Augusto da Silva Monteiro*, primeiro anno — *Cazimiro Eugenio de Sousa Cabral*, primeiro anno — *Manuel Augusto de Barros*, primeiro anno = Em nome de todos, *Antonio Joaquim Esteves*, alumno do segundo anno de pharmacia.

REPRESENTAÇÃO DIRIGIDA Á CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS DA NAÇÃO
PELOS ALUMNOS DE PHARMACIA DA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA
DO PORTO, LISBOA E UNIVERSIDADE DE COIMBRA
PEDINDO A REGULARISAÇÃO E UNIFORMIDADE DOS ESTUDOS
PHARMACEUTICOS

Senhores deputados da nação portugueza: — A pharmacia, congenera da medicina e tão estrictamente ligada com ella,

precisa, para preencher o seu nobre e util fim, do vosso auxilio; precisa que lhe ligueis o interesse que tem merecido nas nações mais civilisadas; precisa dos esforços d'aquelles nas mãos de quem está prover ás uteis e absolutas necessidades do paiz.

Não é de longa data que entre nós todos os ramos dos conhecimentos medicos jaziam quasi em completa inacção, porque apenas possuindo Portugal um unico e verdadeiro estabelecimento scientifico, a universidade de Coimbra, mal podia satisfazer ás tendencias litterarias que de todos os angulos de um paiz assumiam largas proporções.

Felizmente as reformas scientificas, propostas e adoptadas pelas primeiras nações do mundo, foram por nós seguidas, e a creação das escolas de medicina e cirurgia no reino provaram mais uma vez que não eramos dos ultimos a entrar no glorioso certame da sciencia.

Poderoso e nobre incentivo é aquelle que leva os povos a seguirem o prestadio exemplo das nações avisadas! Forte e abençoado é o governo que superando difficuldades enormes leva a todas as classes da sociedade a instrucção, o mais duradouro sustentaculo de um paiz, a prova immorredoura da sua autonomia! Padrões immortaes da gloria são estes, onde a legenda sagrada e indelevel da sciencia diz aos presentes e ensina aos vindouros as revoluções beneficas e salutaes que abrilhantam um seculo!

Porém, senhores, sabe-lo desde ha muito, e a nós peza-nos repetir-vos que a pharmacia, um dos ramos importantes da arte curar, não tem recebido dos representantes do povo aquella desvelada protecção que bem merecia e de que tão crédora se torna, aquelle bom cuidado que a scientifica Allemanha e a não menos França, Inglaterra e Hespanha lhe têm dispensado, conhecedoras como são do espinhoso encargo e alta missão que a ella são inherentes!

Crearam-se, é verdade, as escolas de pharmacia annexas ás de medicina, que vieram esclarecer de algum modo o intrincado labyrintho em que aquella sciencia por longo tempo

esteve. Vieram dar-lhe algum incremento e consideração, apesar de n'estes estabelecimentos de superior instrução não se professar um ensino tão racional e systematico como o seguido nos paizes mais bem fadados que o nosso!

A realisação porém dos grandes melhoramentos carece do concurso de muitos meios, e quando alguns escasseiam ninguém se atreve a increpar os imitadores das grandes idéas, pelo facto de não serem levadas a prompta execução, mas que podem te-la, porque não morrem com os que as abraçaram. Por isto, senhores, dir-vos-hemos que os governos transactos fizeram grandes melhoramentos á bem da pharmacia; e já homens de assás provados conhecimentos têm attestado por seus escriptos scientificos o que levámos dito, e o que mais cumpre fazer a bem da sciencia a que nos dedicámos.

É do coração que nos irrompem respeitosos e agradecidos louvores; é por convicção que os endereçámos áquelles que fizeram reformas de utilidade na pharmacia. E tão grande utilidade foi esta, que bem sabeis que os alumnos pharmaceuticos, de antemão preparados como os alumnos medicos, com boa provisão de conhecimentos adquiridos nos lyceus e academias do reino, vão depois completar os seus cursos nas novas escolas, elevando-se assim acima dos seus collegas!

É certo que tambem sabeis que alguns pharmaceuticos de segunda classe, e para nós sem classificação, porque não podem te-la taes homens, gosam de prerogativas iguaes ás nossas, possuem com pouco trabalho o que nós só conseguimos á custa de penosos sacrificios, e vexam os governos e as escolas que lhes concederam diplomas de habilitação.

Custa a crer, senhores, que em pleno seculo xix, quando as peias dos povos caem aniquiladas pela civilisação, quando a luz da sciencia se irradia de tão alto, precursora de novas maravilhas, dizemos que é incomprehensivel como na pharmacia portugueza se consentem tropeços, abortos sem rasão de ser, sem causa possivel que os recomende para um fim que só em sonhos deveriam realisar!

Vêde se na França, paiz eminentemente progressista,

aquelle que póde dar exemplos para se seguirem, como grandes e aproveitaveis, se se encontram aberrações em qualquer ensino, anomalias tão censuraveis como aqui! Oh! Pasmarieis de certo ao confrontar a pharmacia portugueza com a que se professa n'uma nação de tantos emprehendimentos! Vereis que ali já em 1514, sob o reinado de Luiz XII, os aspirantes pharmaceuticos eram obrigados a um certo numero de habilitações mais ou menos regulares, incluindo-se o latim, afóra outras bases necessarias a uma tal profissão. As metamorphoses por que a pharmacia tem passado desde os tempos a que nos referimos até hoje são bem conhecidas, conhecem-nas todos e conheceis-las vós, porque bem sabeis que os pharmaceuticos francezes constantemente dizem por seus escriptos o que valle esta sciencia n'uma nação grande!

Na nossa vizinha Hespanha encontrámos factos que comprovam o que dizemos, lá encontram-se escolas de pharmacia independentes das de medicina, providas do indispensavel e necessario, fazendo a honra dos nacionaes e admiração nos estrangeiros, e dizendo-nos bem alto «Fraternisae comnosco na pharmacia, sêde nossos irmãos n'esta parte dos conhecimentos medicos»!

Convem que entendaes, e desde já declarámos que as nossas palavras têm uma restricção, e por modo algum alludem a certos pharmaceuticos, venerandos vultos, que apesar de não irem aos estabelecimentos litterarios buscar um curso regular, encaneceram entretanto no estudo, adquirindo d'esta forma conhecimentos que as escolas lhes não podiam dar, por os não haver então; repetimos portanto que para esses temos a consideração e o respeito que grangearam.

As nossas queixas, as justas reclamações que levámos á vossa presença, sómente dizem respeito áquelles que, a troco de uma portaria, e por meio de uma quantia insignificante vão a qualquer das escolas do reino buscar um titulo abonatorio, para se dizerem pharmaceuticos!

Compra de sciencia, monopolio altamente escandaloso e condemnavel é o que isto quer dizer; é o que bem alto apre-

goa essa chusma de ignorantes que fazem alardo de sciencia que não possuem, vão levar á humanidade enferma males incalculaveis, que a vós compete atalhar.

E podeis faze-lo, senhores, porque nos paizes civilisados, n'aquelles que merecem a seria attenção dos governos, os charlatães, os que se entremettem no fôro que lhes é prohibido, são punidos com as mais inflexiveis leis. Entre nós, vergonhosa contradicção esta, não só se lhes não commina o merecido castigo, mas até mesmo se auctorisam a campear desassombradamente, a despeito das mais sagradas conveniencias!

Permitti-nos que assim fallemos, senhores, não tenhaes as nossas palavras como acres e descomedidas, e nem tão pouco estranheis que taxemos de charlatães os pharmaceuticos das celebres portarias, porque outra palavra não encontrámos que mais precisamente designe a total carencia de conhecimentos, o pedantismo mudado em sciencia!

Dirão alguns, cremos que não ha quem diga: «Para aviar um decocto, para preparar umas pilulas e cousas semelhantes é bastante uma pratica rotineira, cousa sem methodo, sem apreciação e sem fórma», e que nos auctorisa a dizer-lhes que Fourcroy, Lassaigne, Liebig, Ganot, Soubeiran, Dorvault, Silva Beirão, B. A. Gomes e outros que tanto incremento deram á pharmacia, á medicina e ás sciencias inteiramente ligadas com ellas, escreveram para todos que ás mesmas se dedicam.

E por isso não basta, senhores, que tal ou qual homem diga: «Foi um sabio este ou aquell'outro escriptor», porque o ouviu dizer e porque consta; convem que se diga: «Foi um sabio porque o meditei, porque o estudei, e porque consultando-lhe os escriptos em um longo tirocinio escolar os entendi».

E poderão os pseudo-pharmaceuticos a que nos referimos dizer isto com verdade? Poderão os que possuindo apenas rudimentos da sua lingua, e alguns nem isto, e para quem a chimica, a physica e a historia natural são letra morta, serem bons pharmaceuticos?

A vós cumpre responder, a vós como conscienciosos e illustrados compete atalhar a desordem que lavra a bandeiras soltas na classe pharmaceutica! É pois em vós que pomos as nossas esperanças; é de vós que muito tem a esperar a pharmacia, elevando-a, como podeis, á altura a que tem chegado nas nações mais cultas. Acabar de uma vez para sempre com as vergonhosas portarias, de qualquer fôrma que ellas sejam, porque bem sabeis que a compra de sciencia é um absurdo e um contra-senso, e ellas em boa definição dizem isto mesmo.

Se assim o fizerdes praticareis um dever tão social como sagrado; não desmerecereis do conceito em que vos temos; dar-nos-heis a consideração a que temos jus; e aos que quizerem ser pharmaceuticos apontae-lhes as escolas, que só lá se adquirem as sufficientes habilitações para uma profissão de tanta responsabilidade. = Os alumnos das tres escolas de pharmacia do reino. = Alumnos de pharmacia em Coimbra, *Adriano de Jesus Lopes*, alumno do quarto anno de pharmacia = *Augusto Pinto da Costa Salema*, alumno do terceiro anno de pharmacia = *Francisco Ferreira Quintella*, alumno do terceiro anno de pharmacia = *Carlos Garcia Barreto*, alumno do terceiro anno de pharmacia = *João Paes da Cunha Mamede*, alumno do segundo anno de pharmacia = *José da Costa Carvalho*, alumno do segundo anno de pharmacia = *Joaquim José Candido de Campos Taborda*, alumno do segundo anno de pharmacia = *Antonio Guilhermino Furtado*, alumno do primeiro anno de pharmacia = *Joaquim Delgado da Silca*, alumno do primeiro anno de pharmacia. = Alumnos de pharmacia em Lisboa, *Augusto Duarte Silca*, alumno do segundo anno de pharmacia = *José Ferreira da Silva*, alumno do primeiro anno de pharmacia. = Alumnos de pharmacia no Porto, *Antonio Joaquim Esteves*, alumno do segundo anno de pharmacia = *Ildefonso Augusto da Silva Monteiro*, alumno do primeiro anno de pharmacia = *Cazimiro Eugenio de Sousa Cabral*, alumno do primeiro anno de pharmacia = *Manuel Augusto de Barros*, alumno do primeiro anno de pharmacia.

REPRESENTAÇÃO DIRIGIDA AO GOVERNO, PEDINDO A APROVAÇÃO
DE UM ARTIGO ADICIONAL AOS ESTATUTOS DA SOCIEDADE
PHARMACEUTICA LUSITANA

Senhor: — A sociedade pharmaceutica lusitana, que como garantia de existencia apresenta já a de trinta e um annos desde a sua instituição, vem hoje, em observancia do artigo 52.º dos seus estatutos, submeter á approvaçãõ de Vossa Magestade um artigo adicional aos mesmos estatutos, que por dizer respeito a materia de bastante transcendencia, preciso se torna motiva-lo.

Para satisfazer ao estabelecido no § 4.º do artigo 3.º dos já citados estatutos, creou a sociedade pharmaceutica lusitana um estabelecimento, que denominou « Monte pio pharmaceutico », e para cujo cofre contribuiu com 1005000 réis. Este estabelecimento esteve sempre em condições muito diversas das dos demais monte pios, poisque elle não tinha autonomia sua, mas antes foi sempre uma dependencia da sociedade pharmaceutica lusitana, os seus estatutos são apenas alguns artigos dos estatutos da mesma sociedade, e d'elles fazem parte integrante; as deliberações da assembléa geral só eram validas quando fossem tomadas em sessão presidida pela mesa da sociedade, cujos membros, ainda mesmo não sendo socios do monte pio, tinham n'estas sessões voto deliberativo; e o segundo secretario da sociedade era o secretario nato do monte pio. Todas estas disposições se acham consignadas nos artigos 31.º a 45.º dos estatutos da sociedade, approvados por portaria de 7 de maio de 1838, e demonstram bem claramente que este monte pio pharmaceutico não é um estabelecimento independente, mas antes uma dependencia da sociedade pharmaceutica lusitana. É pois a esta sociedade que cumpre velar pela boa sorte do monte pio, pela boa e regular administração de seus fundos, e sobretudo para que os socios tenham os seus direitos solidamente garantidos; e é tambem fundada nas razões já adduzidas que ella vem respeitosamente pedir a Vossa Magestade a approvaçãõ do artigo adicional abaixo transcri-

pto, e que providencie a uma hypothese não prevista nos estatutos, mas que por mais de uma vez tem estado prestes a realisar-se.

Artigo adicional

Quando o numero de socios do monte pio pharmaceutico não bastar para se constituirem as assembléas geraes do mesmo monte pio, a sociedade pharmaceutica lusitana assumirá a gerencia dos seus fundos, providenciando para que as disposições dos estatutos sejam cabalmente cumpridas, em relação aos socios que n'aquella data existirem.

§ unico. Quando tenha fallecido ou perdido o direito o ultimo individuo, que nos termos dos estatutos possa considerar-se com jus á pensão, os fundos do monte pio pharmaceutico ficarão sendo propriedade da sociedade pharmaceutica lusitana.

Lisboa, 22 de fevereiro de 1866.—O presidente, *Joaquim José Alves*—O primeiro secretario, *Joaquim Urbano da Veiga*—O segundo secretario, *José Ribeiro Guimarães Drak*.

VARIÉDADES

Lista dos pharmaceuticos portuguezes premiados na exposição internacional do Porto, 1865.—Lisboa, Manuel Vicente de Jesus, medalha de segunda classe, pela boa preparação das pilulas de iodureto de ferro, segundo o processo de Blancard; José Agostinho de Carvalho, medalha de segunda classe, pela boa qualidade de diferentes perfumarias, chocolates medicinaes e productos pharmaceuticos; Caetano José Pinto, menção honrosa, pela collecção de diferentes preparações pharmaceuticas e licores.

Porto, Albano Abilio de Andrade, medalha de primeira classe, pela excellente qualidade de suas velinhas de marfim flexivel; Miguel José de Sousa Ferreira, medalha de segunda classe, pela boa qualidade de preparações pharmaceuticas e pela variedade de chocolates medicinaes; Henrique José Pinto, menção honrosa, pela satisfactoria qualidade dos preparados pharmaceuticos e de alguns productos chimicos.

Sobre os efeitos physiologicos da curarina, pelo sr. Cl. Bernard. — O sr. Cl. Bernard reconheceu que a curarina é muito mais activa que a curare, d'onde é extrahida; exerce a mesma acção sobre o systema nervoso, com intensidade. É muito difficil de ser absorvida pelo canal intestinal.

Os residuos da curarina cessam de ser activos quando se tem extrahido a curarina; parece assim estabelecido que a acção toxica do curare é devida unicamente ao principio activo isolado por M. Preyer.

ANNUNCIO

Nova publicação. *Synonymia chimico-pharmaceutica*, obra utilissima á classe medica em geral e indispensavel aos pharmaceuticos e droguistas, contendo:

1.º Todos os nomes antigos e modernos das substancias medicinaes e medicamentos officinaes empregados em medicina;

2.º As origens e nomes scientificos de todos os simples, accomodada ao uso particular dos pharmaceuticos;

3.º Uma nomenclatura racional, cujos nomes revelam a natureza e componentes dos medicamentos compostos.

Confeccionada por Agostinho da Silva Vieira, pharmaceutico do hospital real de Santo Antonio, primeiro official do jardim botanico da academia polytechnica do Porto, etc., etc., etc.

Um grosso volume em 8.º francez, de mais de trezentas paginas, optimo papel e typo novo, preço 1\$200 réis.

Vende-se no Porto, em casa do editor Jacinto Antonio Pinto da Silva, rua do Almada, n.º 134; em Lisboa, nas dos srs. Layedo, Zeferino e José Rodrigues; nas principaes cidades do reino e ilhas, e no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Rio Grande do Sul, nas livrarias do costume.

As pessoas que fóra d'estas localidades do reino, onde a dita obra se acha á venda, a pretenderem pelo correio, servir-se-hão enviar, franca de porte, uma cautela do mesmo correio, no valor de 1\$340 réis.

N. B. Roga-se áquelles senhores que ainda não devolveram os projectos se sirvam faze-lo, na conformidade dos annuncios já publicados.

PHARMACIA

CULTURA DAS PLANTAS QUE DÃO A QUINA

(Continuado de pag. 85)

« 16 *Plantação nos viveiros.* — Quando as plantas são dispostas no viveiro, convem pôr um pouco de musgo nos renques algumas polegadas abaixo das raízes de cada planta. O fim por que o musgo se deve pôr debaixo das plantas é para evitar que ellas padeçam quando forem transplantadas, porque as raízes crescem e introduzem-se no musgo, o que nos habilita a remover com torrão as plantas, quando são levadas para o local definitivo da plantação.

« 17 *Cultura, noticia dos methodos recommendados.* — A questão sobre o modo por que a terra deve ser preparada para a cultura da cinchona tem sido mui debatida desde o principio d'estas experiencias. Nós temos insistido em que a terra seja inteiramente arroteada, ao menos aquella em que se houverem de plantar as cinchonas. Em sitios mui expostos, ou nós que são sujeitos a tempestades occasionaes e ventos fortes, talvez seja bom limpar pequenos pedaços de terra de poucos acres de extensão aqui e ali por entre a floresta, para proporcionar abrigo. A unica objecção a este systema é a possibilidade de serem derrubadas as arvores que ficam em pé ás bordas das clareiras, e damnificarem as plantas que na sua queda aleancarem. O systema de cultivar as cinchonas em terreno parcialmente desbastado de arvoredo é sujeito á mesma objecção, porque as arvores da floresta, quando privadas de parte do apoio sobre que estavam costumadas a encostar-se, são tambem sujeitas a ser derrubadas, e alem d'isso este systema tem contra si outra maior e mais seria objecção, que é o assombrar demasiadamente as plantas emquanto estão expostas aos perniciosos effeitos do gotejar das arvores durante as chuvas, e tambem porque as raízes das arvores florestaes immediatamente enchem e entupem as covas em que estão postas as cinchonas, privando assim as novas plantas de toda a nutrição. Nas experiencias aqui feitas plantámos consideravel extensão de terra por esta maneira, mas receio que o mau resultado que vou vendo torne necessario cortar o resto das arvores da floresta, que até agora tenho deixado. Na maior parte das nossas plantações derrubaram-se todas as arvores florestaes, e ahí as plantas têm medrado muito mais satisfactoriamente do que nos logares onde ficam debaixo de qualquer grau de sombra viva. Estou portanto convencido que o systema de plantar em chão descoberto será o unico que ha de dar bons resultados, especialmente nos Neilgherries, postoque seja verdade que, emquanto as plantas são novas, este

systema tem tambem inconvenientes que se não devem desprezar, e são a excessiva evaporação e irradiação durante a estação em que o sol brilha e o ar é despido de nuvens, e prevalece a seccura e o frio. Até aqui temos combatido esta difficuldade, abrigando as plantas com um sombreiro provisório de bambus ou fetos, para o que se espetam na terra muitos pés d'estes, ao redor da planta, deixando um espaço aberto da parte do norte. Todavia muitos centenaes das nossas plantas téem passado sem protecção alguma durante a estação secca, e comquanto o seu crescimento não haja sido tão rapido, a sua robustez é perfeitamente igual, senão superior, a todas as que são protegidas por sombra artificial, e é provavel que durante a primavera e a estação das chuvas, o crescimento seja mais rapido nas plantas sem sombra do que n'aquellas que a recebem, e se assim for o systema da sombra artificial deverá ser totalmente abandonado, salvo nas plantas novamente transplantadas. Feitas estas observações, que são dirigidas a habilitar o publico a tirar as conclusões por si, passarei agora a referir o systema de cultura que julgo preferivel.

« 18 *Cultura. Preparação do sitio.* — Escolhido o sitio, começa-se o côrte da floresta pela parte mais baixa do terreno, e caminha-se com esta operação para cima até de todo se concluir. Para abrigo poderão deixar-se pelos altos e bordas algumas fiadas de arvoredos, mas n'esse caso deverão ser largas bastante para aguentarem o fogo, que ha de consumir a floresta derrubada. Depois que o arvoredos e mato, assim cortado, tem tido tempo sufficiente para seccar, e estar prestes para ser queimado, lança-se-lhe o fogo, operação para a qual se escolhe um dia secco com vento fresco. Põe-se uma ala de trabalhadores distantes uns dos outros vinte ou trinta jardas, em toda a extensão do terreno na sua extremidade mais baixa, cada um d'elles provido de um tição acceso e de um grande môlho de palha secca, que com todo o cuidado deve ser mettida entre as folhas das arvores caidas na frente de cada homem, e a um dado signal todos ao mesmo tempo lhe põem o fogo, e assim immediatamente se ateia um incendio geral, que consome quasi todo o arvoredos, e poupa immenso trabalho. Lançando fogo á mata d'esta maneira, é quasi certa uma boa queima, ao mesmo tempo que, se o fogo fosse posto só em um ou dois logares, lavraria comparativamente com muita lentidão pelo mato, consumindo só as folhas e ramos pequenos. Acabada a queima geral, segue-se roçar e queimar aquelle resto de mato, que ficou defendido pelos troncos das arvores.

« 19 *Ordem da plantação.* — Concluida toda esta operação, traçam-se as linhas dos caminhos n'aquellas direcções que tornem facilmente accessiveis as differentes partes da plantação. Depois d'isto trate-se de alinhar e assinalar as distancias a que devem ficar entre si os pés das

plantas. Para a *C. succirubra*, *C. calisaya* e variedades da quina cinzenta, as linhas devem ficar na distancia de 10 pés, e para as variedades da quina de rei (*crown bark*) na de 8 pés. Feito isto abre-se uma valla de 3 pés de largura e 2 de fundo ao longo das linhas, e n'essa valla se põem as plantas na distancia de 10 pés umas das outras. No pôr das plantas na valla baja a advertencia de as pôr alternadamente, isto é, as plantas da segunda linha fiquem correspondendo aos intervallos da primeira. Quando se julgar que a abertura da valla traz grande despeza, ponham-se as plantas em covas de 3 pés em quadro e 2 pés de fundo, e na distancia de 10 ou 8 pés de centro a centro, segundo as especies que se houverem de plantar. Para encher as covas escolha-se a melhor terra da superficie misturada com carvão e torrão queimado.

«20 *Plantação. Modo de a fazer.*— A melhor estação para o plantio é a primeira parte do anno, ou depois da terra ficar bem repassada das primeiras chuvas, o que dá ás plantas tempo de pegarem bem antes de chegar a estação secca. O tempo humido, nublado ou cerrado de nevoeiros sem chuva é o melhor para fazer a plantação, quando a terra está comparativamente secca, isto é, n'um estado em que nem é pesada nem faz pasta, como aliás acontece a todos os terrenos lavrados durante as chuvas fortes. Ao pôr das plantas nas covas não se devem comprimir as raizes com as mãos, porque infallivelmente padecem. Tirem-se de cada vez seis a oito plantas do xiveiro, e sejam enviadas n'um cesto ao plantador, o qual pegando em cada uma com o dedo pollegar e index da mão esquerda a levanta, enquanto com a direita ampara o torrão, e levando logo a planta ao buraco feito para a receber, ahí a deposita, lançando depois levemente terra solta sobre as raizes, e assombrando a planta com folhas de palmeira (olas) ou fetos. Se o tempo continua secco, devem regar-se as plantas de manhã ou de tarde até pegarem. E cumpre observar aqui que nenhuma planta deve ser regada enquanto o sol cêe sobre ella, porque cada gota de agua forma uma lente que queima a parte da folha em que assenta, e não deve planta alguma ser enterrada mais profundamente do que até ao collo, ou ponto de união entre o tronco e as raizes. Quando na transplantação fica enterrada alguma parte do tronco, o crescimento da planta retarda-se muito, não lhe dando aquillo, como alguns suppõem, maior firmeza de terreno, antes pelo contrario. Quando se pôde obter estrume, a sua applicação será altamente benefica, porque a cinchona, á similhaça do café, folga com boa terra bem adubada. Se o estrume que se emprega é demasiadamente recente, então será danoso; e por isso será sempre mais seguro applicar só o estrume que estiver já bem curtido. Terminada a plantação, devem-se tratar com muito desvelo as novas plantas até pegarem. Se o tempo for humido

com grandes ventanias, as olas ou fetos que servem para assombrar as plantas devem remover-se para tal distancia que lhes não toquem ou rocem, quando movidos pela acção do vento. Quando for necessario amparar as plantas novas com estacas, ponham-se duas estacas cravadas na terra defronte uma da outra na distancia de 1 pé até 18 pollegadas do tronco da planta; depois atem-se estas estacas uma á outra com duas voltas de cordel de cairo, ficando no meio a planta, e o ponto onde a corda lhe passa junto fique defendido de ser trilhado por ella, por meio de um punhado de musgo brando com que se envolva o tronco da mesma. Depois das plantas estarem bem pegadas, as plantações, á similhança das do café, só demandam ser mondadas nas occasiões opportunas, e a superficie revolvida de tempo a tempo para permittir que a acção da atmospherá se exerça sobre a terra. »

(Continua.)

**COLLEÇÃO DE FORMULAS MEDICAMENTOSAS, TRABALHO ORIGINAL
DO SR. LOURENÇO ANTONIO CORREIA, FACULTATIVO
DIRECTOR DA ENFERMARIA DE SANTA MARGARIDA DO HOSPITAL DE S. JOSÉ
E QUE SE NÃO ACHAM INSERIDAS NO FORMULARIO DO MESMO HOSPITAL**

(Continuado de pag. 88)

CATAPLASMA DE LINHAÇA COM CICUTA

Cataplasma de linhaça 4 libra
Extracto de cicuta maior com fecula . . 4 oitava

Misture.

Nos tumores pseudo-plasticos e scyrrosos dos seios, doenças que são mui frequentes em meu serviço, e é muito preferivel á do codigo.

CATAPLASMA DE LINHAÇA COM OPIO

Cataplasma de linhaça 4 libra
Extracto aquoso de opio diluido

em agua 1 escropulo

Tem muitos usos, e é melhor que outras chamadas calmantes.

CATAPLASMA DE POLPA DE PEROS COM BELLADONA

Polpa de peros seccos, cozidos e pas-
sados por sedaço 4 onças
Extracto de belladona 8 grãos

Misture.

Nas ophthalmias agudas com photophobia. Prefiro os peros seccos ás maçãs doces assadas, do codigo.

ELECTUARIO DE COPAIVA COMPOSTO

Conserva de rosas	1 onça
Xarope de flor de lorangeira	2 onças
Balsamo de copaiva	} aã 1/2 »
Pimenta cubeba em pó	

Misture.

Uma colher de manhã e de tarde.

Bom remedio contra as blenorrhagias chronicas.

ELECTUARIO DE KOUSSO E JALAPA

Koussou	1/2 onça
Raiz de jalapa em pó fino	1 escropulo
Xarope simples	q. b. para electuario.

Misture.

Para tomar por tres vezes, de hora a hora, pela manhã em jejum e duas horas depois da ultima dóse tomar caldos. Contra a tenia.

ELECTUARIO DE DÓLICHOS PRURIENS

Dólíchos pruriens limpos das impuridades	1 escropulo
Mel despumado	1 1/2 onça

Misture.

O melhor de todos os remedios contra as ascariides lombricoides.

Os adultos devem tomar uma colher das de sopa, pela manhã em jejum, e as creanças uma colherinha das de chá, em jejum, em tres dias seguidos. Sendo preciso, acabado o remedio, dá-se um purgante de oleo de mamona. Veja jornal da sociedade das sciencias medicas de Lisboa, tomo iv, 1836, pag. 267.

LINIMENTO CALMANTE

Eleoleo saponaceo opiado	1 onça
Chloroformio	1 oitava

Misture.

Bom remedio, seus usos o titulo os indica.

LOOK ADOÇANTE

Oleo de amendoas doces	1 oitava
Mucilagem arabica	} aã 1 onça
Xarope de althea	
Xarope de violas roxas	

Misture.

Seus usos todos sabem quaes podem ser.

AGUA PHENICA

Acido phenico alcoolisa-	
do, medida	10 oitavas
Agua distillada	11 onças e 2 oitavas

Misture.

Uso externo.

(Continua.)

QUIMICA

HAVERÁ MUITOS CORPOS SIMPLES OU UM SÓ?

Una causa, varii effectus

(Continuado de pag. 91)

II

Todos os trabalhos modernos, feitos em chimica, tendem a fazer desaparecer a separação entre a chimica organica e a chimica inorganica, e, se nos lembrarmos que se tem verificado que os compostos organicos e inorganicos são todos formados de elementos mineraes, corpos simples, não será natural pensar que tambem talvez a diversidade dos corpos seja unicamente aparente?

Não seremos levados a suppor isso, notando que nos compostos mineraes ha duas classes de corpos distinctos, os acidos e os oxydos ou bases, e que tambem o reino organico nos apresenta acidos e bases, acidos que se unem com os oxydos

mineraes, como succede com os acidos de origem mineral, bases que são verdadeiras bases quando se acham em presença dos acidos mineraes ou dos acidos organicos?

Como se podem conceber os phenomenos que se dão n'um ovo, submettido á incubação, sem admittir a transformação dos corpos simples uns nos outros?

A quantidade dos saes metallicos tem sempre augmentado, e como comprehender este facto sem suppor a metallisação do carbone, do azote, do oxygenio, do hydrogenio¹?

O dimorphismo, que nos diz que um mesmo corpo apresenta, segundo a sua fórma crystallina, densidades diferentes, coefficients de diluição diversos, propriedades opticas, e mesmo certas propriedades chimicas, tambem diversas, mostra que a materia póde adquirir propriedades completamente novas sem mudar de natureza, e que por isso é plausivel a hypothese de que a materia é uma só.

No mesmo caso está o isomerismo, que nos faz reconhecer em corpos mineraes ou organicos da mesma composição, propriedades essenciaes diferentes.

É forçoso confessar que o facto do isomerismo, quando foi conhecido pela primeira vez, contribuiu muito para modificar as opiniões que havia a respeito da materia.

Ha numerosos exemplos de isomerismo na natureza, e todos constituem um argumento forte a favor da idéa de que a materia é unica na sua essencia, de que ha um só corpo simples primordial, pois mostram que os mesmos elementos podem dar lugar á formação de corpos diferentes.

A iguaes consequencias conduz a allotropia, isomerismo dos corpos simples e o facto dos atomos de todos os corpos simples terem exactamente a mesma capacidade para o calorico.

A analyse espectral fez descobrir tres novos metaes nas aguas thermaes, mas não seremos levados a dizer que a materia é unica, quando se sabe que se têm achado no sol e na

¹ Vide lições de philosophia chimica, por Joaquim Augusto Simões de Carvalho, 1851, pag. 263.

terra os mesmos elementos, e que os aerolithes têm apresentado pela analyse só algum dos corpos já encontrados nos laboratorios?

Finalmente tem-se dito que a materia é na verdade unica, e que a condensação successiva de um atomo primitivo pôde explicar todos os mysterios da creação mineral e organica, porque os numeros que exprimem os equivalentes de todos os corpos simples são multiplos por um numero inteiro do equivalente do hydrogenio.

Foi Prout quem apresentou esta idéa, muito antes de se terem determinado com exactidão todos os numeros proporcionaes ou todos os equivalentes de todos os corpos conhecidos, e é fóra de duvida que houve repugnancia em aceitar, como verdadeira, a hypothese do chimico inglez.

A idéa de Prout foi depois abraçada e seguida com furor por Dumas, que mostrou que os equivalentes dos corpos simples de uma mesma *familia natural* apresentam entre si relações notaveis e curiosas.

Mas não nos deixemos levar por tantos argumentos.

Qualquer que seja a operação chimica a que se submettam os corpos simples, quaesquer que sejam as combinações em que elles entrem e as assimilações que se lhes faça experimentar nos entes vivos, os ditos corpos saem sempre com as suas propriedades originaes ¹, e não será isto prova de que a materia não é unica?

A lei de Wenzel, que publicou as suas observações em 1777, mostra tambem que a materia não é toda da mesma natureza.

Ha corpos acidos, ha corpos alcalinos, ha corpos neutros.

A capacidade calorifica e a densidade são diversas para os diferentes corpos.

Os pontos de fusão, os de ebullicão e outras propriedades mais, variam de uns para outros corpos, e á vista de todas estas considerações que mais será preciso para acreditarmos que a materia é diversa, que não é sempre a mesma, que por isso ha mais de um corpo simples?

¹ Vide obra citada, pag. 28.

Dissemos n'outro logar que a chimica organica e a chimica inorganica nos apresentam ambas acidos e bases, mas devemos notar uma circumstancia importante.

Os acidos e as bases do reino organico não são, em geral, combinações do oxygeneo com um radical propriamente dito, com um corpo simples, são combinações em proporções diversas dos elementos geraes das materias organicas, e assim vemos que não é o oxygeneo o corpo, que imprime, nos compostos de que faz parte, o caracter de elles serem acidos ou bases, mas que depende isso de outras circumstancias, de outros quesitos, que não podemos avaliar, o que deixa ver que a simplicidade da materia não é tal qual se quer suppor.

Se a materia fosse unica, se pela sua condensação desse logar á existencia de todos os outros corpos, não deveria a analyse mostrar nos acidos e nas bases, em cada classe em geral, alguma cousa que indicasse que em cada uma d'essas classes o caracter geral dos acidos ou das bases depende de uma modificação geral, introduzida por um só corpo simples?

Seria isso um argumento para dizer que a condensação da materia primordial dá logar á existencia de todos os corpos?

Não.

Ainda mesmo quando nos dissessem que, por exemplo, o oxygeneo é o corpo que imprime nos compostos, em que entra, o caracter geral de serem acidos ou bases, mas que depende isso talvez do estado de modificação particular, em que tambem elle se acha em cada um dos compostos, o argumento não colheria a favor da unidade da materia.

Na verdade, admittida a existencia d'essas modificações, suppondo, por exemplo, que eram devidas á acção dos imponderaveis, seria preciso admittir que essas modificações eram permanentes em certas e determinadas circumstancias, e admittir isso seria admittir que a materia não é unica, pois a nenhuma outra conclusão nos podem levar as idéas, que temos sobre identidade, analogia e similitude.

Ainda mais se póde dizer.

A chimica organica apresenta-nos tambem corpos que não

são ácidos nem bases, e que correspondem, para assim dizer, aos corpos simples da chimica mineral. Ora se ninguém se atreve a declarar que a composição de um d'esses corpos simples organicos é a mesma que a de alguns dos corpos simples inorganicos, qual será o motivo por que havemos de suppor que os corpos simples são todos o resultado da condensação de uma materia primordial?

Alem do que vemos, alem do que sentimos está o que não vemos, o que a balança não póde pesar.

N'esse ponto começa o estudo de uma philosophia, com a qual a philosophia natural não póde estar em contradicção, e por isso julgámos que, mesmo no campo da especulação, devemos procurar estar sempre em harmonia com os factos e com a experiencia, do mesmo modo que ha a maior harmonia entre a razão e a fé.

«Não é temeridade ir guiado pela razão para onde ella nos leva, uma vez que se saiba onde ella nos larga», diz, e com razão, mr. de Margerie, professor de Nancy, n'uma obra, que publicou em 1865.

A observação dos phenomenos da natureza revelou a existencia de duas especies de corpos, corpos simples e corpos compostos, e não podemos acreditar o contrario.

(Continua.)

D. JOSÉ DE SALDANHA OLIVEIRA E SOUSA.

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 630 DA SESSÃO DE 23 DE FEVEREIRO DE 1866

Presidencia do sr. Joaquim José Alves

Pelas oito horas da noite foi aberta a sessão.

Lida e approvada a acta antecedente, deu-se conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

Officios.—1.º Do sr. delegado A. Vaz Teixeira, pedindo varios numeros do jornal.— Para satisfazer.

2.º Do collegio de pharmaceuticos de Madrid, indicando a

via pela qual devem ser remettidos os diplomas para os cavalleiros membros que compõem a junta directora do mesmo collegio, e que ultimamente foram proclamados nossos socios correspondentes.

3.º Do sr. M. de Andrade, da ilha da Madeira, sobre negocios da thesouraria. — Para a commissão competente.

4.º Do sr. F. A. de Araujo Leite, sobre o mesmo assumpto. — Para o mesmo destino.

5.º Do sr. B. P. Maia, de Cabeceiras de Basto, agradecendo a sua admissão na classe de membro correspondente, e a collecção dos jornaes. — Inteirada.

6.º Do sr. F. B. dos Santos, do Porto, sobre negocios da thesouraria. — Para a commissão competente.

7.º De um membro correspondente, dando parte dos seguintes factos: existencia de uma botica em Tocha, concelho de Cantanhede, regida por um aspirante de pharmacia, sob responsabilidade de um pharmaceutico, que habita a mais de uma legua de distancia; um pharmaceutico exercendo a profissão, sem botica.

O *segundo secretario* chamou a attenção da sociedade sobre a ultima parte da correspondencia, e fez ver quanto convinha que se officiasse ao conselho de saude, para que elle colhesse as informações que julgasse convenientes para chegar ao conhecimento da verdade e para fazer cessar semelhante estado de cousas, a ser verdadeira a noticia que tinha sido dada á sociedade. Observou que esta era um corpo colectivo a que pertenciam quasi todos os pharmaceuticos do paiz, com o duplo fim de promoverem o progresso da sciencia e de tratarem dos seus interesses, auxiliando-se reciprocamente como membros da mesma classe; que um dos meios de conseguir o ultimo fim era combater o charlatanismo debaixo de qualquer fórma que elle se apresentasse e fosse qual fosse a sua procedencia. Observou que a sociedade era a quem competia vigiar pelo cumprimento das leis que protegem os seus associados, e que tinha d'isso rigorosa obrigação, como lli'o marcam os seus estatutos.

Fallou sobre uma proposta que o sr. J. F. da Silva, membro correspondente, tinha apresentado á sociedade; notou como já então se faziam a esta communicacões analogas ás presentes, e terminou pedindo que se representasse ás auctoridades competentes, para que estas, a bem do serviço publico e no fiel cumprimento dos seus deveres, indaguem até que ponto são verdadeiras taes accusações.

Assim se resolveu.

O sr. *presidente* participou que a mesa tinha ido procurar o ex.^{mo} sr. director geral de instrucção publica para lhe entregar uma representacão sobre instrucção pharmaceutica, e que, não tendo podido fallar a s. ex.^a, se dirigira ao ex.^{mo} sr. Justino de Freitas, a quem expozera as rasões em que fundamenta a sua petição.

Igualmente participou que tinha entregado ao mesmo senhor a representacão sobre o artigo addicional; e que tratava de promover o bom exito d'esta pretensão.

O mesmo senhor e o sr. F. J. R. Loureiro agradeceram a honra que na ultima sessão lhes tinha sido conferida, e significaram, nos termos mais expressivos, o alto apreço em que tinham a distincção com que a sociedade o honrara.

ORDEM DO DIA

PROPOSTAS

1.^a Do sr. presidente, com declaracão de urgente, para a admissão de um candidato na classe de membro correspondente.

2.^a Do mesmo senhor, para um fim analogo e igualmente declarada urgente.

Admittida a urgencia e procedendo-se á votacão pela ordem por que as propostas tinham sido apresentadas, saíram unanimemente votados, com todas as formalidades do estylo, os srs. José Maria da Graça e Silva, pharmaceutico na Covilhã, e Manuel Guilhermino da Silva, pharmaceutico na Marinha Grande.

3.^a Da commissão gerente de fundos, com declaracão de

urgente, propondo seis candidatos para serem admittidos na classe de membros correspondentes.

Admittida a urgencia, e procedendo-se á votação, saíram votados por unanimidade os srs. Joaquim da Conceição Carreira, pharmaceutico em Bellas; Manuel Joaquim Dias, pharmaceutico em Angeja; Joaquim Ferreira de Araujo e Silva, pharmaceutico em Oliveira de Azemeis; Eduardo Candido Fortunato Monteiro, pharmaceutico em Pombal; José Ferreira Duarte, pharmaceutico em Evora.

Como a hora fosse adiantada e não houvesse mais nada de urgencia a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, e deu para ordem do dia da immediata propostas, pareceres de comissões e segundas leituras. Eram onze horas. — O segundo secretario, *José Ribeiro Guimarães Drack*.

ACTA N.º 691 DA SESSÃO DE 14 DE MARÇO DE 1866

Presidência do sr. Joaquim José Alves

Pelas oito horas da noite foi aberta a sessão.

Depois de lida e approvada a acta antecedente deu-se conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

Officios. — 1.º Do sr. A. de Almeida Feliz, de Mangualde, sobre negocios da thesouraria, e pedindo a sua demissão. — Que se remetteste o officio para a comissão gerente dos fundos, e que se officiasse ao illustre socio instando que retire o seu pedido.

2.º Do sr. F. A. de Araujo Leite, de Mirandella, sobre negocios da thesouraria. — Para o seu destino.

3.º Do sr. M. Rodrigues, de Alter do Chão, pedindo lhe sejam remettidos os jornaes da sociedade anteriores ao de julho de 1865. — Para satisfazer.

4.º Do sr. J. A. Pereira, de Athougua, devolvendo um folheto da collecção dos jornaes, o qual lhe foi enviado por outro, e solicitando a sua troca. — Para satisfazer.

5.º Do sr. B. J. Ferreira de Sousa, do Porto, sobre negocios da thesouraria. — Para o seu destino.

6.º Do sr. Sebastião José Esteves, de Macedo de Cavalleiros, queixando-se da maneira pouco legal por que na administração d'aquella villa se tinha passado uma justificação, com o fim de provar, se se poder provar, que um individuo da localidade praticára a pharmacia por alguns annos em uma botica da terra. — Que se lhe officiasse, pedindo as provas da sua asserção.

7.º Do sr. Sousa Ferreira, nosso delegado no Porto, dando conhecimento á sociedade de um officio do sr. J. J. de Carvalho, de Villa Nova de Gaia, em que este socio lhe tinha pedido uma reunião de todos os membros da sociedade residentes no Porto, para serem discutidos os diversos alvitres apresentados na sessão extraordinaria de 24 de fevereiro ultimo, sobre o monte pio pharmaceutico. — Remetteu uma copia do officio e outra da resposta, na qual declarou áquelle socio que não estava nas attribuições do delegado o promover reuniões, na qualidade de representante da sociedade, e que tinha como mais conveniente dirigir-se s. s.ª directamente á sociedade, visto ser o unico socio do monte pio no Porto.

8.º Do ex.^{mo} sr. director geral de instrucção publica, em resposta á representação da sociedade, de 26 de fevereiro ultimo, declarando, em nome do ex.^{mo} sr. ministro do reino, que o artigo addicional, objecto da representação, não pôde ser tomado em consideração sem que primeiramente conste que foi approvedo pela assemblea geral do monte pio e pela da sociedade, nos termos legaes dos estatutos e nos especiaes dos artigos 31.º e seguintes, e 54.º dos estatutos, e do artigo 4.º dos addicionaes de 27 de novembro de 1842. E pedindo que sejam enviadas áquelle secretaria as actas das referidas assembleas geraes em que foi approvedo o artigo addicional de que trata a representação. — Para satisfazer na parte que fosse exequivel.

O sr. *J. Dyonisio* pediu a palavra e fez varias considerações á parte do officio anterior, na qual se pedia a acta da assem-

bléa geral do monte pio. Observou que a reunião de tal assembléa não podia ter logar, por isso que não havia na capital numero de socios sufficiente para que aquella reunião se realisasse, e notou que tinha sido em virtude d'isso e pelas circumstancias muito especiaes em que o monte pio se achava, que a mesa, como representante da sociedade, tinha promovido a sessão extraordinaria de 24 de fevereiro ultimo. Depois lembrou a conveniencia de a thesouraria e o sr. primeiro secretario se corresponderem directamente com os socios, evitando o intermedio das delegacias sempre que o podessem fazer. D'onde concluiu que provinha proveito para o serviço, per ser feito com mais promptidão e menos trabalho para os srs. delegados.

O sr. *Veiga* fez ver que a mesa tinha as mesmas idéas que o sr. J. Dyonisio acabava de expender, e que o primeiro secretario as tem posto em pratica quanto possivel; todavia disse que devia observar que em muitos casos se não podia prescindir dos serviços das delegacias; assim, por exemplo, no Porto, era muito mais facil aos socios fazer os seus pagamentos na delegacia do que pagar logo na thesouraria, etc.

O sr. *Labate* agradeceu em um breve mas elegante improviso a honra com que a sociedade o tinha distinguido, nomeando-o seu socio honorario.

O sr. *presidente* annunciou que brevemente teria logar uma reunião do conselho administrativo, para se decidirem alguns pontos de gerencia, cuja responsabilidade a mesa não queria assumir; e como a hora estivesse adiantada, encerrou a sessão e deu para ordem do dia da sessão seguinte a mesma que já estava annunciada. Eram onze horas da noite. — O segundo secretario, *José Ribeiro Guimarães Drack*.

ACTA N.º 695 DA SESSÃO DE 11 DE ABRIL DE 1866

Presidencia do sr. Joaquim José Alves

Pelas oito horas da noite foi aberta a sessão. Foi lida e approvada a acta antecedente; deu-se conta da seguinte:

CORRESPONDENCIA

Offícios:—1.º Do sr. A. C. Marques, do Maranhão, sobre negocios da thesouraria. —Para o seu destino.

2.º Do sr. J. J. de Carvalho, com varias considerações sobre o monte pio. —Inteirada.

3.º Do sr. José J. Pereira Amado, agradecendo a sua admissão na sociedade. —Inteirada.

4.º Do sr. M. de S. Ribeiro, do Maranhão, pedindo a sua demissão. —Concedida, em attenção aos poderosos motivos de doença e impossibilidade physica, allegados pelo sr. Ribeiro.

5.º Do sr. A. M. R. Loureiro, de Loanda, pedindo que se dê publicidade a uma manifestação sua e dos seus collegas, pharmaceuticos e militares de Angola, a qual manifestação foi dirigida ao sr. ex-secretario geral d'aquella provincia, pelo bom acolhimento e serviços que lhes foram prestados por aquelle cavalheiro durante a sua residencia n'aquella possessão, e solicitando a sua intervenção para o bom resultado de uma pretensão dos mesmos. —Que se lhe officiasse, declarando que a sociedade não podia tomar conhecimento de assumptos d'aquella ordem, porque lh'o vedavam os estatutos.

O sr. *presidente* deu parte á sociedade, que a mesa tinha procurado o ex.^{mo} sr. director geral de instrucção publica, e lhe expozera a pretensão da sociedade ácerca do ensino pharmaceutico e ácerca do artigo addicional. Declarou que aquelle senhor mostrára verdadeiro interesse pelo nosso futuro e lhe significára que, se o deferimento da petição da sociedade estivesse unicamente dependente da sua vontade, de certo seria favoravel.

Igualmente deu parte que a mesa tinha feito chegar ás mãos do mesmo ex.^{mo} director geral as actas que por este digno funcionario tinham sido solicitadas para esclarecimento da pretensão da sociedade sobre o monte pio.

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

PROPOSTAS

1.^a Da comissão gerente de fundos, para admissão de cinco candidatos.

Procedeu-se á votação com todas as formalidades do estylo, e havendo votação unanime, foram proclamados membros correspondentes nacionaes os seguintes pharmaceuticos:

João Baptista Martins, Caminha.

Domingos José Roballo, Castello Branco.

Francisco José Barbosa da Cunha, Fontoura.

Antonio Fortunato Romeu, Valença do Minho.

Manuel Maria da Cruz, Setubal.

2.^a Do sr. F. J. R. Loureiro, para admissão de um candidato a membro correspondente.

Corrida a cedula com todas as formalidades, saiu unanimemente votado o sr. Joaquim José da Silva Pereira, pharmaceutico em Soure.

3.^a Do sr. presidente, para admissão de um candidato para a classe de effectivo.

Procedendo-se á votação, saiu tambem unanimemente votado o ill.^{mo} sr. José Antonio Barreira, estabelecido na rua de S. José.

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA

PARECERES DE COMISSÕES

O sr. Tedeschi leu o parecer da comissão nomeada para dar votação sobre o valor scientifico da *Memoria sobre o curare*, que á sociedade foi offerecida pelo ex.^{mo} sr. dr. Castro, do Gran-Pará.

4.^a Uma proposta do sr. Tedeschi, para socio honorario estrangeiro.— Foi enviada á comissão de direito pharmaceutico.

TERCEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

Teve primeira leitura o parecer da comissão especial, encarregada de dar o seu parecer ácerca do valor scientifico da

Memoria sobre o curare, offerecida pelo ex.^{mo} sr. dr. Francisco da Silva e Castro a esta sociedade. Este parecer é como se segue :

« O trabalho do sr. dr. Francisco da Silva Castro, que exerce a medicina com grande e bem merecida reputação no Pará, ácerca do horroroso veneno o *curare*, e sobre o qual a sociedade pharmaceutica lusitana, a que nos honrámos de pertencer, nos quiz ouvir, póde muito bem dividir-se em duas partes : primeira, noticia historica natural d'este producto ; segunda, considerações ácerca de sua acção physiologica e therapeutica.

« O illustre medico do Brazil não se desvia na primeira parte do seu trabalho da opinião geralmente seguida na Europa ácerca da origem da droga. Essa opinião já nos merecia todo o credito, pois era partilhada por Gillins, Paw e Humboldt, auctoridades gravissimas em assumptos d'esta ordem ; fazendo-nos comtudo reconhecer que Watterton não andou tão bem aconselhado quando affirmou que na composição do *curare* entrava o veneno de alguns animaes (serpentes) ou dardos das mesmas.

« No gabinete da escola medico-cirurgica existe uma pucara de *curare* genuino, e uma flexa hervada ; e é notavel a conformidade entre os caracteres da droga e os referidos pelo incansavel investigador das margens do Amazonas !

« O processo pratico, pelo qual se colhe e se conserva o *curare*, é descripto com verdade e minuciosamente pelo sr. dr. Castro, e é geralmente um dos artigos mais interessantes do seu trabalho, e que deve ser lido com interesse por todos aquelles que se encarregam do tratado de drogas.

« Na segunda parte do seu trabalho sobre o *curare* mostra-se o sr. dr. Castro conhecedor das experiencias mais recentes que a sciencia possui ácerca da acção physiologica d'esta droga, tanto sobre os animaes como sobre o proprio homem.

« As rasões que o auctor da memoria adduz para provar que este veneno não é absorvido para produzir os seus effeitos remotos são bem avaliadas, e alguma plausivel ; aindaque no nosso entender não sejam de natureza tal que venham fazer

uma excepção notavel na lei geral, em virtude da qual se verificam os phenomenos geraes physiologicos ou therapeuticos das diversas substancias, quer toxicas, quer pharmacologicas.

« A inefficacia dos contravenenos que se têm aconselhado para neutralisar o envenenamento do *curare*, como sal marinho, o tabaco, etc, é infelizmente confirmada pelo sr. dr. Castro, e por elle igualmente reputada fabulosa a asserção do viajante Hartsinch, que diz morrer em tres dias a arvore ferida com a flexa hervada!

« Os esclarecimentos, sobretudo historico-naturaes, ácerca de um producto vegetal tão activo como o *curare*, apresentados pelo sr. dr. Castro n'este seu trabalho, fazem com que o reputemos digno de figurar nos annaes da sociedade pharmaceutica lusitana, e que esta lhe dê um testemunho authenticico do apreço que lhe mereceu, e que ao mesmo tempo o excite a continuar na senda pratica que ha annos encetou com tanto proveito da sciencia.

« Lisboa, sala da commissão, em 15 de março de 1866. — *Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão* — *José Tedeschi.* »

Decidiu-se que este parecer fosse enviado á commissão de direito pharmaceutico, a quem tinha sido enviada a proposta do sr. Tedeschi, para elevar aquelle cavalheiro á categoria de socio honorario.

Estando a hora adiantada, o sr. presidente, dando para ordem do dia da immediata propostas, pareceres de commissões e segundas leituras, fechou a sessão. Eram mais de onze horas da noite. — *José Ribeiro Guimarães Drack*, segundo secretario.

ACTA N.º 695 DA SESSÃO DE 9 DE MAIO DE 1866

Presidencia do sr. Joaquim José Alves

Pelas oito horas da noite declarou o sr. presidente aberta a sessão.

Leu-se e approvou-se a acta da antecedente.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

1.º Um officio do sr. Antonio José Martins, declarando ter pago ao sr. thesoureiro o seu diploma e a primeira subscrição semestre, como lhe fôra communicado pelo sr. primeiro secretario. — Inteirada.

2.º Outro officio do sr. Sebastião José Esteves, remettendo a publica fórma da justificação a que um alumno de pharmacia tinha procedido na administração d'aquelle concelho, e pedindo á sociedade tomasse na sua consideração estas faltas de verdade, que muito compromettiam o decoro da nossa classe. — Inteirada.

3.º Um officio do sr. Carlos Mallaina, de Breviesca (Hespanha), agradecendo a remessa do primeiro tomo da quinta serie do nosso jornal, que elle havia solicitado. — Inteirada.

4.º Outro officio, acompanhando uma representação dos alumnos de pharmacia das tres escolas, á camara dos senhores deputados, e pedindo para esta representação ser publicada no jornal. — Decidiu-se affirmativamente, e que o sr. primeiro secretario officiasse aos signatarios, significando-lhes o quanto a sociedade aprecia o interesse que elles parecem tomar pela dignidade da classe.

O sr. *primeiro secretario* leu a lista dos objectos doados, que foram recebidos com agrado.

O sr. *Sousa Telles*, tendo obtido a palavra, pediu para que se lancasse na acta a grande satisfação que a sociedade sentia por ver presente a esta sessão o sr. Antonio de Sousa Dias, nosso socio residente no Porto, e que por tantos annos desempenhára honrosamente o logar de nosso delegado n'aquella cidade. Que do seu fallecido pae tivera sempre as mais lisonjeiras informações ácerca do sr. Sousa Dias, e que a opinião de um homem como seu pae, que lhe merecia toda a consideração, era corroborada pela de todos os cavalheiros que têm tido a fortuna de tratar com o sr. Dias.

O sr. *José Dionysio Correia* fallou extensamente no mesmo sentido, e bem assim os srs. presidente e primeiro secretario.

O sr. *Sousa Dias*, em um pequeno mas sentido discurso, agradeceu á sociedade a maneira benevola com que o recebia, dizendo que nos serviços que tivera a fortuna de prestar á sociedade nada mais fizera do que cumprir com o seu dever, e concluiu fazendo ardentes votos pela prosperidade d'esta tão util associação.

ORDEM DO DIA

O sr. *presidente* apresentou uma proposta para socio effectivo.

Corrida a cedula foi unanimemente votado e em seguida proclamado socio effectivo d'esta sociedade o sr. João Francisco Delicioso, estabelecido em Lisboa.

O sr. *Correia* mandou para a mesa uma proposta para socio honorario nacional.

Tendo o sr. *Veiga* apresentado algumas reflexões sobre aquella proposta, decidiu-se que ella ficasse sobre a mesa, e que a obra publicada pelo cavalheiro proposto fosse enviada á commissão de pharmacia para dar o seu parecer sobre o valor scientifico d'ella.

O sr. *A. M. Augusto Mendes* sustentou e mandou para a mesa a seguinte proposta, que declarou urgente :

« Proponho que esta sociedade represente, a quem competir, suscitando a rigorosa observancia do § 12.º do alvará de 22 de janeiro de 1810. »

Proseguiu dizendo que era realmente vergonhoso que na capital do paiz, consentisse o conselho de saude se estivessem fazendo annuncios tão vergonhosos, enganando o publico, que concorria a casa d'estes vendilhões na melhor boa fé.

O sr. *Correia* pediu ao socio que o precedeu quizesse dizer bem claramente em que baseava a sua proposta, e fez varias considerações.

O sr. *Mendes* sustentou a sua proposta, offerecendo alguns numeros de jornaes onde se acham estes annuncios.

Depois de uma longa discussão o sr. *Veiga* propoz que a proposta do sr. *Mendes* ficasse sobre a mesa, para ser discu-

tida conjunctamente com o parecer da commissão de direito pharmaceutico sobre remedios de composição secreta.

Assim se resolveu.

O sr. *presidente* apresentou outra proposta para que se representasse ao governo sobre a necessidade de tornar uniformes os estudos de pharmacia na universidade de Coimbra com os das escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto.

Depois de uma viva discussão, em que tomaram parte os srs. Alves, Tedeschi, Veiga, Correia e Telles, decidiu-se que a mesa fosse encarregada de redigir um projecto de representação para ser discutido na proxima sessão.

O sr. *presidente* apresentou ainda uma outra proposta para que a sociedade nomeie uma commissão *ad hoc* para organizar um formulario em harmonia com o novo systema decimal, como ampliando e substituindo o já publicado pela mesma sociedade em 1855.

O sr. *Tedeschi* combateu esta proposta por inutil, porquanto este trabalho estava feito, e se a sociedade o não tinha ainda publicado, fôra por falta de meios pecuniarios.

O sr. *Veiga* disse que entendia ser conveniente a publicação do novo formulario pelo systema metrico, mas que entendia tambem que o trabalho a que se referira o sr. Tedeschi, estando confeccionado ha mais de quatro annos, precisava ser revisto e augmentado, porquanto durante este tempo a pharmacia tinha experimentado bastantes melhoramentos, e que apoiando a proposta do sr. Alves, pedia contudo que os trabalhos já feitos fossem tomados em linha de conta pela nova commissão.

Depois de uma longa e viva discussão em que tomaram parte os srs. Alves, Telles, Correia, Tedeschi e Veiga, decidiu-se, por proposta do sr. Veiga, que a commissão que confeccionára os trabalhos a que se tinham referido, fosse augmentada com mais quatro socios, e que esta eleição fosse feita na proxima sessão.

Procedeu-se á votação do parecer da commissão de direito pharmaceutico, sobre a admissão de um socio honorario. Cor-

rido o escrutinio com as formalidades do estylo, foi unanimemente votado o sr. dr. Francisco da Silva e Castro, inspector de saude na provincia do Grão Pará.

Leram-se na mesa dois requerimentos em que o sr. Pedro Ferreira Norberto pedia umas certidões.

O sr. *Correia* requereu que os requerimentos fossem reenviados ao requerente com o despacho « requiera em termos », e isto por não virem em papel sellado.

O sr. *Tedeschi* fallou no mesmo sentido.

O sr. *Veiga* pediu que, não havendo inconveniente, a mesa ficasse auctorizada para expedir aquelles documentos quando os requerimentos se apresentassem em fórma.

Assim se resolveu.

Estando a hora adiantada o sr. presidente fechou a sessão e deu para ordem do dia da immediata, discussão do parecer da commissão de direito pharmaceutico, ácerca dos remedios secretos, a eleição da commissão do formulario e mais propostas, pareceres de commissões e segundas leituras. Eram onze horas da noite. — O segundo secretario, *José Ribeiro Guimarães Drack*.

REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA
AO GOVERNO DE SUA Magestade
PEDINDO A REGULARISAÇÃO DO ENSINO PHARMACEUTICO

Senhor:—Mais uma vez a sociedade pharmaceutica lusitana, confiada na justiça da pretensão e no amor de Vossa Magestade pela classe que ella tem a honra de representar, vem reclamar contra a alta injustiça de que está sendo victima, pelo facto de ainda não terem sido attendidas as suas representações sobre a reforma da instrucção pharmaceutica.

Os inconvenientes de consentir que uma classe de uma tão seria e importante responsabilidade moral seja composta de individuos sem as habilitações que o progresso hoje aconselha, são bem patentes; os factos mesmo se encarregam de o provar. É o proprio governo de Vossa Magestade, que, consentindo que a instrucção pharmaceutica esteja no estado de

atrazo em que ainda hoje se acha, exige depois ao pharmaceutico conhecimentos vastissimos, que aliás lhe não exigiu como preparatorio para habilitação, mas que lhe suppõe depois encarregando-o de importantes commissões de serviço publico. Era já tempo, Senhor, de que a voz d'esta desventurada classe fosse ouvida, e se lhe desse na sociedade o logar que de direito lhe pertence, mas que não conseguirá emquanto com ella não acontecer o que acontece com a classe medica, isto é, a habilitação só adquirida por meio de um curso regular.

O facto de uma escola superior conceder uma carta de habilitação a homens sem o mais leve tirocinio escolar é um absurdo inadmissivel. Se por um lado temos o gravissimo inconveniente de admittir no seio de uma classe scientifica homens sem as indispensaveis habilitações, por outro lado temos outró nada menor, qual é o de tornar numerosissima uma classe cujos interesses só poderão alimentar um numero relativamente menor. É por isso, Senhor, que a sociedade pharmaceutica lusitana vem ainda por mais uma vez implorar a alta protecção de Vossa Magestade, para que a reforma da instrucção pharmaceutica, já por tantas vezes por ella impetrada, cujo projecto se acha ha mais de tres annos affecto ao conselho geral de instrucção publica, seja uma realidade, e que na criação de uma escola de pharmacia se attenda menos ao augmento de despezas a fazer do que á utilidade que de um tal estabelecimento ha de auferir o paiz. A sociedade pharmaceutica lusitana confia em que Vossa Magestade ha de querer vincular o seu nome a uma reforma de tanta importancia, e que esta representação terá o resultado que todos ambicionámos.

Lisboa, 22 de fevereiro de 1866. — O presidente, *Joaquim José Alves* — O primeiro secretario, *Joaquim Urbano da Veiga* — O segundo secretario, *José Ribeiro Guimarães Drack*.

REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA
DIRIGIDA Á CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS
PEDINDO QUE AOS PHARMACEUTICOS DAS PROVINCIAS ULTRAMARINAS
SE CONCEDAM TODAS AS VANTAGENS E RECOMPENSAS
QUE SE CONFEREM AOS FACULTATIVOS DOS QUADROS
DAS REFERIDAS PROVINCIAS

Senhores deputados da nação portugueza: — Em sessão de 23 de fevereiro de 1866 foi-vos apresentada pelo ex.^{mo} ministro e secretario interino dos negocios da marinha e ultramar uma proposta de lei concedendo aos facultativos dos quadros de saude das provincias ultramarinas as mesmas recompensas que aos facultativos do exercito do reino, fundamentando essa proposta em se lhes ter dado a graduação e fôro militar e terem ficado expressamente sujeitos, pelo artigo 13.^o do decreto de 23 de julho de 1862, ás leis e regulamentos militares.

A sociedade pharmaceutica lusitana, sem desconhecer a justiça que assiste áquelles funcionarios, não pôde comtudo deixar de vos lembrar que iguaes rasões se dão com os pharmaceuticos que servem n'aquellas provincias. É de certo para lastimar que o governo, que reconheceu os serviços dos facultativos, se não lembrasse de tornar extensiva esta proposta de lei aos pharmaceuticos, que estão em idênticas circumstancias, poisque pelo mesmo decreto de 23 de julho de 1862 ficaram sujeitos ás leis e regulamentos militares.

Fundados pois nas rasões adduzidas, e em que os serviços que os pharmaceuticos do ultramar prestam não são inferiores nem de menor consideração do que os prestados pelos facultativos, e que tanto uns como outros funcionarios são dignos da vossa consideração, a sociedade pharmaceutica lusitana espera que tornareis extensivas aos pharmaceuticos as recompensas propostas pelo governo para os facultativos do ultramar.

Lisboa, 23 de abril de 1866. — O presidente, *Joaquim José Alves* — O primeiro secretario, *Joaquim Urbano da Veiga* — O segundo secretario, *José Ribeiro Guimarães Drack*.

VARIEDADES

Pafacusomay. — É esta a denominação de umas novas pilulas *vegeto-purgativas*, invenção do sr. Paulo Famoso da Cunha Souto Major, pharmaceutico pela escola medico-cirurgica do Porto, e actualmente residente em S. Luiz (Maranhão).

Comquanto não possamos sympathisar com a maxima parte dos preparados de composição secreta, não podemos deixar de louvar os collegas portuguezes nas suas invenções, poisque a isso os auctoris a grande alluvião que é importada do estrangeiro, sem a mais leve opposição d'aquelles a quem compete olhar com attenção para a saude publica.

Modo de verificar a presença do chloroformio e exame dos oleos ethereos misturados com chloroformio, pelo sr. Hager. — Põe-se em um vidro de experiencia 15 gotas de oleo a examinar com 45 a 90 gotas de alcool, 30 a 40 gotas de acido sulphurico diluido, segundo a solução do oleo e algumas rasuras de zinco. Retira-se a mistura do fogo, agita-se docemente, e quando o desenvolvimento do gaz diminue começa-se de novo a aquecer. O liquido filtrado, acidulado com um pouco de acido nitrico e decomposto por uma solução de azotato de prata, dá um precipitado de chlorureto de prata, se o oleo contiver chloroformio.

O precipitado formado separado pelo repouso ou por decantação, quando se tem, por exemplo, oleo de amendoas amargas a examinar, deve ser aquecido e levado á ebulição por alguns segundos, com 40 gotas de acido sulphurico concentrado, e 20 a 25 gotas de agua distillada; o cyanureto de prata dissolve-se emquanto que o chlorureto ficará insolavel.

Os liquidos contendo chloroformio e chloruretos metallicos devem ser submettidos á distillação, o producto distillado recolhido na agua é depois tratado, como acima, pelo acido sulphurico e o zinco.

Descoberta de um novo veneno. — Até esta data não se conheciam mais substancias capazes de paralyzar os movi-

mentos do coração do que a digitalis purpurea, os heleboros negro e verde, o ultimo dos quaes é o mais activo dos tres; mas o sr. Eug-Peli-Kan (de S. Petersburgo) acaba de descobrir outro não menos sensível nas sementes da ima ou onage, planta que se cria da Africa occidental, e da qual se servem os habitantes da Gabaon para envenenarem as flexas de bambú. Do succo d'estas sementes extrahese, por meio do alcool e da agua, um extracto com o qual os srs. Peli-Kan e Vulpian fizeram varias experiencias em uma rã. Tres ou quatro minutos depois da applicação sub-cutânea d'esta substancia a um dos membros posteriores da rã observou-se uma completa paralyisia do coração. As circumstancias que acompanham estas paralyisias não differem das que se observam com a applicação dos outros venenos citados. Eis-aqui os phenomenos apreciados nas experiencias feitas com o extracto da onage. A principio os movimentos do coração são accelerados, depois vão-se tornando lentos, e a final cessam completamente. Esta cessação não é regularmente progressiva, algumas vezes verifica-se quando o coração ainda dá entre quinze ou quarenta oscillações.

Antes de suspender-se a circulação observam-se no ventriculo alguns movimentos irregulares como peristalticos.

Quando o ventriculo está já parado, quasi vasio e fortemente contrahido, as auriculas dilatadas pelo sangue apresentam ainda alguns movimentos, mas que logo cessam tambem. Em nada se parece esta paralyisia com a rigidez cadaverica; uma vez paralyisado o coração não responde mais á acção dos excitantes mechanicos, chimicos e mesmo electricos applicados directa ou indirectamente sobre os pontos do nervo sympatico ou mesmo gastrico, que estão em relação com aquelle orgão.

J. J. ALVES.

AVISO

Tendo alguns socios, dos que em virtude de uma proposta minha requisitaram e receberam a collecção completa do jor-

nal d'esta sociedade, apresentado algumas duvidas com relação ao numero de jornaes que receberam, julgando faltar-lhes bastantes volumes, entendemos conveniente fazer a seguinte declaração:

Nos primeiros quinze annos de existencia da sociedade pharmaceutica lusitana o jornal publicava-se por periodos irregulares, e não um numero em cada mez, como acontece desde 1850, anno em que começa a segunda serie. Cada tomo pois da primeira serie abrange dois, tres e mais annos, do modo seguinte.

Primeira serie:

Tomo 1.º	1835 a 1838
Tomo 2.º	1839 a 1841
Tomo 3.º	1842 a 1844
Tomo 4.º	1845 a 1847
Tomo 5.º	1848 a 1849

Só em 1850, isto é, na segunda serie, começou a publicar-se um numero em cada mez, regularidade que tem continuado até hoje.

Em resumo o jornal está dividido em series de cinco tomos cada uma.

A primeira serie comprehende de 1835 a 1849

A segunda serie de 1850 a 1854

A terceira serie de 1855 a 1859

A quarta serie de 1860 a 1864

Da quinta serie ha apenas o primeiro volume publicado, correspondente ao anno de 1865, e os numeros correspondentes aos mezes decorridos d'este anno de 1866.

Lisboa, 1 de julho de 1866. — O primeiro secretario, *Joaquim Urbano da Veiga*.

TOXICOLOGIA

NOTA SOBRE A DROGA UIRÁRY OU CURÁRE

Por Francisco da Silva Castro, doutor em medicina e medico-cirurgião por diferentes faculdades, commendador da imperial ordem da Rosa, cavalleiro da de Christo (do Brazil), commendador da real ordem de Santo Olavo (da Noruega), cavalleiro da de S. Gregorio Magno (de Roma), condecorado com a cruz de segunda classe da ordem civil de beneficencia (de Hespanha), e com a medalha de merito da academia real das sciencias de Stockholm, inspector da saude publica da provincia do Pará, vice-presidente honorario da real sociedade humanitaria portuense, membro da academia imperial de medicina (do Rio de Janeiro), e das sociedades vallociana (da mesma cidade), das sciencias medicas de Lisboa, e dos medicas suecos (de Stockholm), etc., etc., etc.

Uirary na lingua tupy ou tupynamba, mais vulgarmente conhecida por lingua geral, quer dizer *veneno de flecha*, porque d'elle usam os gentios ou selvagens do sertão da America meridional, especialmente os que habitam o centro das Guyanas pelos rios Orênôco e Cassicuiára, e interior do Amazonas, para envenenarem as pontas d'esses instrumentos que elles empregam nas suas guerras contra outras hordas de selvagens ou tambem nos seus exercicios venatorios e piscatorios.

Gosa este veneno, alem do mencionado nome indigena, de outro muito familiar e comezinho, *hervadura*, pelo qual é conhecido em todas as povoações do grande rio Amazonas, isto em virtude de ser a sua composição procedente de uma ou mais hervas toxicas.

Na sciencia porém o nome pelo qual é mais conhecido é o de *curáre*, certamente corrupção do vocabulo tupinico *uirary*. A escola franceza é quem mais tem generalizado esta denominação em seus livros.

Os inglezes e allemães chamam-lhe *woorara*, *woorari*, *wourari*, *wooraru*, *warali*, *wourali*, *urari*, *ourary*, *woóra*, *vourary*, corrupção linguistica como aquella outra, acompanhada porém do indefectivel, guttural e saxonico W, e adoptada cada uma por seu auctor.

Em Surinam ou na Guyana dão a este mesmo veneno o nome de *oarama*.

No Alto-Amazona ou Solimões ainda hoje muita gente lhe chama *ticána*, porque assim o denominavam os missionarios em epochas idas, quando observaram o frequente uso que

d'elle faziam os gentios da tribu *Tucúna* ou *Tycúna*, habitadores das margens dos rios Içá, Yapurá e outros, que se deslizam pela fertil e magestosa região amazonica.

A historia d'este veneno tem sido até nossos dias por demais encoberta e obscura, e sempre cercada do véu do maravilhoso. O primeiro que o fez conhecido na Europa foi Walter Raleigh, em 1595, dizendo ser extrahido, segundo Salvador Gilius, de um fructo chamado *picúdo* ou *picédo*. De Paw assegura ser extrahido de um *cipó* ou trepadeira dos matos. Humboldt diz que se extrabe de uma arvore *strychnos*, a que os crioulos de Cayenna chamam *bejúco de mavacure* ou *bejúco grinpant*, misturado com o succo de outra arvore denominada *kiracaguero*. Alguns viajantes têm feito acreditar que a este preparado ajuntam os indios venenos de serpentes, cobras, formigas e grandes sapos, e de outras plantas deletereas (De Candolle, Watterton, Goudot, etc.).

De la Condamine foi quem levou á Europa maior copia d'este veneno contido nas pontas das frechas, o qual foi submettido a serios estudos e observações. Bancroft considera o *ticúna* como distincto do *curáre*, o que é um completo engano, e acrescenta que a sua confeccão é feita com trinta especies diferentes de raizes e hervas, o que é outro erro ou falsidade. O que em tudo isto ha de real é unicamente o ser o *uiráry* ou *curáre* extrahido de um *cipó* ou *planta trepadeira*, silvestre, como assevera De Paw, a qual é do genero *strychnos*, como pensa Humboldt. Tudo o mais é gerado pelo espirito de exaggeração dos viajantes, sempre avidos de novidades, ou pela malicia e superstição dos indios, que comquanto ignorantes, capricham em enganar aquelles que os visitam e procuram em suas florestas, ministrando-lhes dados e informações erradas ou falsas. O sr. Cl. Bernard em a sua estimavel obra, *Léçons sur les effets des substances toxiques et medicamenteuses*, nutre sérias apprehensões sobre a natureza d'este veneno, não podendo affirmar se a sua origem será vegetal ou animal. Posso assegurar ao illustrado e sabio physiologista que é exclusivamente vegetal.